

**Projeto *ExperienciARte*:**  
**A Expressão Dramática como forma de Intervenção**  
**com Jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude**

Relatório de **Projeto**

Joana Filipa da Costa Vieira

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Dra. Maria de São Pedro Lopes

Prof. Dr. Rui Santos

Leiria, Setembro de 2016

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



**Projeto *ExperienciARte*:**  
**A Expressão Dramática como forma de Intervenção**  
**com Jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude**

Relatório de **Projeto**

Joana Filipa da Costa Vieira

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Dra. Maria de São Pedro Lopes

Prof. Dr. Rui Santos

Leiria, Setembro de 2016

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



**Eis que os murmúrios asilados  
Se convertem em sonoros exteriorizados**

[Joana Vieira]



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que estiveram presentes, apoiando-me e acreditando em mim, ao longo de todo o processo criativo inerente a este projeto, desde a concepção das ideias mais embrionárias até à constatação final resultante das pesquisas e da intervenção artística efetivadas.

Ao *Mané*, que me foi empurrando para a frente e impedindo-me de sucumbir face à persistência das procrastinações.

À minha *mãe*, que me presenteou com inesgotáveis palavras de apreço, estima, confiança, orgulho e credulidade.

Ao meu *pai*, que me deu força para nunca esmorecer e sempre se mostrou convicto das minhas aptidões.

À *equipa do LIJ* e particularmente à *Dra. C.* (diretora técnica), que me acolheu com uma abertura, prontidão e simpatia de grandiosa amplitude.

Às *sete participantes* no projeto, que se mostraram muito colaborantes, envolvidas e criativas no decurso das sessões de atividades.

À *Prof. Dra. Maria de São Pedro Lopes* e ao *Prof. Dr. Rui Santos*, orientadores deste trabalho, que sempre se disponibilizaram para me acompanhar e apoiar, sendo que sem eles não teria sido possível concluir este trabalho nem, tão pouco, que o resultado seguisse as linhas e proporções que o caracterizam.



## RESUMO

As Expressões Artísticas representam avultada significância na intervenção, contribuindo para reforçar inúmeras competências e para propiciar a confluência de sujeitos de intervenção com proveniências múltiplas e divergentes.

Em contexto institucional, as crianças e jovens vão revelando indícios decorrentes do passado austero que, por sua vez, os presenteou com um presente pautado pelo afastamento familiar e pela imposição à adaptação a uma nova *casa*, com uma nova *família*, por vezes com uma amplitude imensurável, dificultando o contacto e tratamento individualizado a que todas as crianças e jovens acolhidos em instituição deveriam ter o soberano direito.

O Projeto *ExperienciARte* foi criado e implementado, numa perspetiva de intervenção artística associada à investigação, no sentido de aferir *Qual é o contributo da Expressão Dramática no desenvolvimento pessoal e social de jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude?*

Fundado na questão em apreço, este projeto teve lugar num Lar de Infância e Juventude feminino português, envolvendo sete jovens que evidenciaram o desígnio de participar. O processo criativo evoluiu, desde Janeiro até Abril de 2016, sendo que as jovens acolhidas foram transmitindo as suas posições e revelando uma criatividade colossal ao longo das experiências de Expressão Dramática que vivenciaram.

Aquando da análise das informações recolhidas através dos instrumentos aplicados, designadamente questionários (iniciais e finais), diários individuais das participantes e diário de bordo da investigadora, foi possível obter constatações decorrentes desta investigação, associadas à metodologia adotada de Investigação-Ação.

Por conseguinte, esses resultados finais corroboram a relevância atribuída à Expressão Dramática e indiciam que esta componente artística aprimorou a *autoestima*, as *estratégias de Coping e resolução de problemas*, a *criatividade* e a *integração social* das participantes.

### **Palavras-chave**

Acolhimento institucional, Crianças/ Jovens em Risco, Expressão Dramática, Expressões Artísticas, Intervenção, Lar de Infância e Juventude

## ABSTRACT

The artistic expressions represent great significance in intervention, helping to improve many skills and to encourage the confluence of people to numerous and different contexts.

In the institutional context, children and young people reveal evidence stemming from their austere past that, in turn, presented them with a gift of family detachment and the imposition of adaptation to a new home with a new family, sometimes with a huge amplitude, making it difficult the contact and individualized treatment that all institutionalized children and young people should have the sovereign right.

The *ExperienciARte* Project was created and implemented in a perspective of artistic intervention associated with research, in order to verify *What is the contribution of Drama in personal and social development of young people that live in an institution of Children and Youth?*

Founded in the issue under consideration, this project took place in a Portuguese female institution of Children and Youth, involving seven teenagers who showed the will to participate. The creative process has evolved, from January to April 2016, and the participants submitted their positions and revealed a colossal creativity along the Drama experiences that experienced.

When analyzing the information collected through the applied instruments, such as questionnaires (initial and final), individual diaries of the participants and journal of the researcher, it was possible to get results from this research, coupled with the methodology adopted of Action-Research.

Therefore, these final results confirm the relevance of Drama and indicate that this artistic component improved self-esteem, the coping strategies and problem solving, creativity and social integration of participants.

### **Keywords**

Institutional shelter, Children/ Young people at risk, Drama, Artistic Expressions, Intervention, Institution of Children and Youth

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	vii
Resumo .....	ix
Abstract.....	xi
Índice Geral .....	xiii
Índice de Figuras .....	xvii
Índice de Tabelas .....	xix
Abreviaturas.....	xxi
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Intervenção através das Expressões Artísticas com especial enfoque na Expressão Dramática/ Teatro.....	5
1.1. Expressões Artísticas na Intervenção .....	5
1.1.1. Benefícios das Expressões Artísticas .....	6
1.1.2. Constrangimentos associados às Expressões Artísticas .....	9
1.1.3. Importância e aplicabilidade das Expressões Artísticas .....	10
1.2. Expressão Dramática e Teatro na Intervenção.....	11
1.2.1. Expressão Dramática <i>versus</i> Teatro: características, semelhanças e diferenças.....	11
1.2.2. Expressão Dramática/ Teatro e a Realidade .....	16
1.2.3. Expressão Dramática/ Teatro com Jovens: o espaço físico e o ambiente emocional .....	18
1.2.4. Perfil e postura do dinamizador das sessões de Expressão Dramática/Teatro.....	22
1.2.5. Escolha da Expressão Dramática para este projeto .....	23
Capítulo 2 – Acolhimento Institucional como Alternativa.....	25
2.1. Crianças/ Jovens em Risco.....	25
2.2. Serviços de Promoção e Proteção .....	27

2.3.	Medidas de Promoção e Proteção .....	29
2.4.	Principais Motivos que levam ao Acolhimento Institucional .....	30
2.5.	Crescer numa Instituição .....	32
2.5.1.	Caracterização dos Lares de Infância e Juventude (LIJ) .....	32
2.5.2.	Caracterização das Crianças e Jovens acolhidos em Instituição .....	35
Capítulo 3 – Metodologia .....		39
3.1.	Projeto ExperienciARte .....	39
3.2.	Contextualização do Projeto .....	41
3.2.1.	Caracterização da Instituição .....	41
3.2.2.	Caracterização das Participantes .....	42
3.2.3.	Recursos Humanos, Materiais e Financeiros .....	43
3.2.4.	Pergunta de Partida e Objetivos .....	44
3.3.	Descrição e Fases do Projeto .....	46
3.4.	Opções metodológicas .....	49
3.5.	Instrumentos de Recolha de Dados .....	51
Capítulo 4 – Análise dos Dados e Discussão de Resultados .....		55
4.1.	Análise dos Questionários Iniciais e Finais .....	55
4.2.	Análise dos Diários Individuais das participantes .....	63
4.3.	Análise do Diário de Bordo da investigadora .....	72
4.4.	Síntese e Discussão dos resultados .....	80
Conclusões .....		85
Bibliografia .....		89
Anexos .....		1
Anexo 1	.....	2
Anexo 2	.....	16
Anexo 3	.....	25
Anexo 4	.....	43

Anexo 5 .....	63
Anexo 6 .....	66



## ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico n.º 1 – Média Total da Autoestima Inicial e Final.....	61
Gráfico n.º 2 – Média Total das Estratégias de Coping e Resolução de Problemas Inicial e Final .....	62
Gráfico n.º 3 – Média Total da Integração Social Inicial e Final .....	63



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.º 1 – Caracterização das participantes no projeto .....	43
Tabela n.º 2 – Fases do projeto .....	48
Tabela n.º 3 – Situações que as participantes mais e menos gostaram no projeto .....	58
Tabela n.º 4 – Considerações referentes ao que foi mais importante da experiência das participantes.....	59
Tabela n.º 5 – Análise dos Diários Individuais das participantes.....	71
Tabela n.º 6 – Análise do Diário da Investigadora .....	78



## **ABREVIATURAS**

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CASA – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento (Relatório do ISS, I. P.)

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISS, I. P. – Instituto da Segurança Social, I. P.

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

NIJ – Núcleo de Infância e Juventude

SATT – Serviço de Assessoria Técnica aos Tribunais



## INTRODUÇÃO

As Expressões Artísticas constituem-se cruciais na intervenção de qualquer profissional, embora nem sempre sejam devidamente consideradas, nem lhes seja atribuída a legibilidade que verdadeiramente merecem. É ainda notável que, em grande parte das vezes, são consideradas como sendo o complemento de alguma situação, pelo que o protagonismo que lhes poderia estar associado acaba por ser erradicado. Paralelamente vislumbramos situações em que as Expressões Artísticas estão associadas exclusivamente a um luxo, ou a atividades de lazer, ou até mesmo, salientando posições extremistas, a atividades desempenhadas por marginalizados da sociedade.

Nos dias de hoje, irrefutavelmente, os artistas acabam por ser colocados nas margens mais recônditas ou centrais da sociedade, de acordo com o tipo de Arte que apregoam e que os caracteriza, sendo ainda, por parte de muita gente, colocados no *saco* do entretenimento com um *belo rótulo* colado na testa com o conteúdo de letras dispersas que formam palavras como *suplente, palhaço, sem futuro*, ou por outro lado, *brilhante, encantador, talentoso, inspirador*, entre outros títulos providos de uma diversidade indizível.

Mas é relevante ter em conta que as Expressões Artísticas vão para além da Arte, pois baseiam-se nas Artes para desenvolver outras competências, pelo que não é necessário ser-se *artista* para recorrer às expressões artísticas. Qualquer profissional pode adotar uma ou mais expressões artísticas no seu trabalho quotidiano, reforçando a sua intervenção e criando uma aproximação aos seus destinatários.

Este projeto foi criado no âmbito da intervenção junto de jovens acolhidas em instituição, de modo a compreender o desenvolvimento de determinadas competências quer pessoais, quer sociais, resultantes do envolvimento em atividades de expressão dramática e teatro, em particular, apesar de ter adotado outras práticas artísticas no âmbito da fotografia e vídeo.

Seguindo as orientações partilhadas por Sousa e Baptista (2011), o tema da investigação inerente a este projeto foi definido atendendo à experiência anterior, afetividade e motivação pessoal da autora, no que concerne à sua familiaridade, por um lado, com

crianças e jovens acolhidas em instituição e, por outro lado, com a prática da Expressão Dramática/ Teatro.

Por conseguinte, foi selecionada a instituição de acolhimento onde o projeto iria decorrer, com base na proximidade geográfica e no conhecimento de alguns elementos dessa instituição, oriundo de contactos antecedentes efetivados a nível laboral. Após concretizar as diligências essenciais, obtendo aprovação para implementar este projeto, foi identificada a faixa etária das futuras participantes como sendo jovens dos 12 aos 21 anos de idade, de modo a aprimorar o desafio pessoal e profissional para a investigadora.

Neste sentido, os princípios orientadores da intervenção e investigação que caracterizam este projeto foram concebidos com base no cruzamento entre duas constatações decorrentes da experiência profissional, alicerçada no contacto e conhecimento direto da realidade de jovens acolhidos em instituições. A primeira constatação revela que, de um modo generalizado, estes jovens revelam a necessidade de serem escutados e valorizados, apresentando, muitas das vezes, dificuldades em se exprimir inteiramente, atendendo às histórias de vida que lhes são inerentes, na sua grande maioria conturbadas e marcadas por acontecimentos e por vivências trágicas, tristes e dolorosas. Por sua vez, a segunda constatação prende-se com a crescente aplicabilidade da Expressão Dramática junto de sujeitos de intervenção com o perfil e as características em apreço, no sentido de lhes proporcionar um papel ativo e um espaço propício à exteriorização de tudo aquilo que entendam importante colocar em evidência, de modo a protagonizarem um processo de criação artística que lhes atribua voz ativa, envolvimento, gratificação e valorização pessoal, partilha e trabalho em grupo.

Considerando a factualidade exposta, surge este projeto de intervenção artística através da Expressão Dramática, tendo intrínseca uma investigação que visa aferir se existem consequências concretas e observáveis no desenvolvimento pessoal e social da amostra do estudo, especificamente constituída pelo grupo de jovens acolhidas na instituição que evidenciaram o desígnio de participar nas atividades.

Sumariamente, este projeto encontra-se organizado da seguinte forma:

- **Capítulo 1 – Intervenção através das Expressões Artísticas com especial enfoque na Expressão Dramática/ Teatro e Capítulo 2 – Acolhimento Institucional como Alternativa**, correspondem ao estudo exploratório sobre os temas que estão inerentes a esta investigação, compreendendo as informações recolhidas das fontes documentais consultadas, no sentido de explicitar conceitos relevantes para a contextualização do leitor. Por conseguinte, no primeiro capítulo são abordadas as Expressões Artísticas como ferramenta de intervenção, particularizando para os conceitos de Expressão Dramática e Teatro, reforçando a sua diferenciação e aplicabilidade no projeto. No segundo capítulo, por sua vez, é apresentada uma análise descritiva do contexto onde o projeto decorre, assim como de diversas particularidades que lhe são inerentes, designadamente os conceitos de crianças/ jovens em risco e de acolhimento institucional, explicitando quer alguns dos fatores que estão na sua origem, quer os impactos a nível psicológico e social que se denotam mais frequentemente nas crianças e nos jovens acolhidos em instituições.

- **Capítulo 3 – Projeto *ExperienciARte***, reporta aspetos inerentes ao projeto, desde o que motivou a sua conceção até à sua implementação, passando pela apresentação da sua designação, da instituição e das participantes, dos recursos utilizados, da pergunta de partida e objetivos, da sua descrição e fases, da metodologia de investigação e, por fim, dos instrumentos de recolha de dados adotados.

- **Capítulo 4 – Análise dos Dados e Discussão de Resultados**, contém as informações provenientes dos instrumentos de recolha de dados aplicados, tais como questionários iniciais e finais, diários individuais das participantes e diário de bordo da investigadora, bem como considerações inerentes aos resultados obtidos.

- **Conclusões**, que apresentam as considerações finais inerentes ao estudo e reflexões relativas a potenciais trabalhos futuros.



# **CAPÍTULO 1 – INTERVENÇÃO ATRAVÉS DAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS COM ESPECIAL ENFOQUE NA EXPRESSÃO DRAMÁTICA/ TEATRO**

## **1.1. Expressões Artísticas na Intervenção**

A Arte é utilizada como forma de expressão desde os primórdios da vida humana, remetendo para os nossos antepassados da Pré-História. Desde o início dos tempos, que a humanidade evidencia preocupação em recorrer à Arte para descrever acontecimentos da sua vida diária, imortalizando a sua cultura e utilizando as criações artísticas como forma de transmitir uma mensagem ao Outro e, portanto, comunicar.

Na perspectiva de Vygotsky, citado em Bahia (2009), “a necessidade de expressão criativa como forma de representação do mundo e de comunicação é parte integrante da natureza humana (...) é universal” (p. 139).

Deste modo “a arte é expressão e comunicação de sentimento” (Cross, 1983, p. 28), sendo que “a palavra «expressão» (...) [está] estreitamente ligada à manifestação de emoções” (Sousa, 2003, p. 15). Por conseguinte, considera-se que a arte é um modo de exteriorizar aspetos interiores: “a arte expressionista é aquela que liberta qualquer pressão íntima, alguma necessidade interna” (Read, 1982, *Cit. in* Santos, 1989, p. 51).

Segundo Oliveira e Milhano (2010),

“As artes enquanto processos que articulam a razão, a emoção e a imaginação, favorecem a criação, o experimentalismo, a interacção colectiva, a resolução de problemas, o desenvolvimento do pensamento crítico, a expressão, o conhecimento, a exigência, a persistência, o exercício da cidadania, a cultura” (p. 11).

Neste sentido, importa primeiramente elucidar relativamente à multiplicidade de Expressões Artísticas existentes, sendo elas de carácter musical – Música –, corporal – Dança, Expressão Dramática e Teatro –, visual – Expressão Plástica e Fotografia – e audiovisual – Vídeo.

### 1.1.1. Benefícios das Expressões Artísticas

Considerando os pareceres de diversos autores que investigaram a relevância das Expressões Artísticas, é possível verificar consensualidade relativamente aos benefícios que associam à prática de atividades no âmbito das Expressões Artísticas.

Entre os benefícios decorrentes de uma prática assente em qualquer uma das componentes artístico-expressivas destacam-se os de índole pessoal, social e terapêutica.

No que se refere aos benefícios pessoais decorrentes das expressões artísticas, é possível considerar a perspectiva de Santos (2000), que afirma que “a Educação pela Arte atende, sobretudo, à formação da Personalidade” (p. 64), sendo que na *Educação pela Arte* “propõe-se o desenvolvimento harmonioso da personalidade, através de actividades de expressão artística” (Santos, 1989, p.41).

Relativamente aos benefícios de carácter social, Bahia (2009) remete para Thompson que, por sua vez, evidencia que “a interacção com os pares durante a actividade de expressão artística facilita a passagem de uma perspectiva mais egocêntrica para uma forma de estar e de ser mais social” (p. 141). Para além disso, Bento (2014) defende que a Arte contribui para o equilíbrio da sociedade:

“Um elemento privilegiado que contribui para o estabelecimento de equilíbrios sociais é, sem dúvida, do meu ponto de vista, a Arte! Esta é por natureza a emoção e a razão de um «saber fazer sentido» e de um «sentir para criar», traduzidos pela acção, pela estética e pela expressão!” (p. 92).

Mais se refere que as expressões artísticas aproximam os sujeitos de intervenção, fomentando o convívio assente na inclusão e solidariedade, dado que, de acordo com Bezelga (2014),

“num mundo marcado pela globalização, as práticas criativas em contexto local, e nomeadamente as de cariz eminentemente expressivo e artístico, desempenham cada vez mais um papel de regulador entre o individual e o colectivo na esteira de uma maior convivialidade inclusiva e solidária” (p. 97).

No que concerne aos benefícios de carácter terapêutico, Sousa (2000) defende que a educação no âmbito das expressões artísticas pode ter impactos positivos a nível da saúde mental: “uma educação eminentemente voltada para objectivos imediatos

expressivos, contribui de modo muito significativo para a manutenção de uma vida mental saudável” (p. 82).

Deste modo, a aposta numa inclusão mais alargada de atividades no âmbito das expressões artísticas nos percursos dos sujeitos de intervenção irá, de acordo com as inúmeras investigações efetivadas, potenciar quer a aquisição, quer o aprimoramento de competências pessoais – tais como criatividade, autoestima, autoconfiança, literacia em artes – e de competências sociais – tais como trabalho em equipa, interação e relacionamento harmonioso com o Outro.

De acrescentar que, quando utilizadas em contexto escolar, as expressões artísticas poderão contribuir para reforçar o sucesso académico e afigurar-se como uma medida de redução do abandono escolar, tal como sugerem diversos autores. Catterall, citado em Bahia (2009), por exemplo, defende essa posição, afirmando que as expressões artísticas contribuem para “a diminuição do abandono escolar” (p. 142). Outro exemplo centra-se na informação relatada por Cross (1983):

“Num debate na Câmara dos Lordes, o então presidente do Concelho das Artes, Lorde Goodman, proclamou virtualmente que o contato das pessoas com as artes ajuda a erradicar a vadiagem e o vandalismo!” (p. 99).

No entanto, Robinson (2010) explica que “o nosso actual sistema educativo seca-lhes [às crianças] sistematicamente a criatividade” (p. 28), pelo que “o nosso sistema educativo actual assemelha-se à máquina a vapor – e está a perder vapor muito rapidamente” (*Op. Cit.*, p. 29). Para além disso, Melo (2005) afirma que “por vezes consideram-na [educação artística] como pertença da área do lúdico e do lazer, ou como uma área puramente ornamental ou instrumental” (p. 13). Paralelamente a esta perspetiva, Landier e Barret (1994) remetem para a conotação que grande parte das vezes se atribui às atividades artísticas, em particular à Expressão Dramática, no contexto escolar, preconizando que:

“(…) é necessário reivindicar actividades dramáticas no tempo escolar, nos programas e nas instruções oficiais. Isso não é nem uma actividade marginal, nem uma recompensa, nem um luxo, nem um passatempo; é uma actividade de pleno direito, importante, útil (ainda que lúdica) e, além do mais, agradável, o que não prejudica nem o trabalho nem o esforço (...)” (p. 205).

Neste sentido, Bahia (2009) refere que “a educação artística (...) [tem] benefícios em termos cognitivos, pessoais e sociais” (p. 142), contribuindo para “melhorar o

desempenho noutras áreas do conhecimento, em particular em termos de sucesso académico” (p. 142), assim como para o desenvolvimento dos aspetos que se seguem:

“(…) desenvolvimento de competências artísticas, verbais e matemáticas, bem como do pensamento criativo, motivação para a realização, envolvimento na tarefa, perseverança, assunção de riscos, autonomia, auto-confiança, empatia com os outros e outras aptidões sociais” (p. 142).

Matos e Ferraz (2006), por sua vez, completam a afirmação antecedente, corroborando algumas das competências apresentadas por Bahia e acrescentando outras:

“(…) os contributos da Educação Artística situam-se, sobretudo, ao nível da capacidade de iniciativa, da imaginação e inteligência emocional, do desenvolvimento moral e cognitivo, da capacidade de reflexão crítica, do sentido de autonomia, bem como da liberdade de pensamento e de acção” (p. 27).

Mais se refere que a educação pela arte confere e implica liberdade e protagonismo aos sujeitos de intervenção no decurso do processo criativo, pois, tal como reporta Menano (2008) na *Revista Noesis*:

“Dá-se uma grande liberdade às crianças e a ideia de que se não devem importar com o que os outros dizem. O que conta é o que nós fazemos, é o nosso gosto, a nossa vontade, o nosso caminho. A educação pela arte leva a pessoa a ser tão livre que sente que a criação é mesmo dela” (p. 17).

Face ao descrito, Sousa (2000) adita que “sem liberdade não há expressão” (p. 85).

Na perspetiva de Cunha (2013), as expressões artísticas constituem-se como um meio de conferir diversas competências aos jovens, assegurando um desenvolvimento em vários níveis:

“Consideradas como recursos educativos preciosos, especialmente vocacionadas para o desenvolvimento da autonomia dos jovens e da sua autoconfiança, as expressões artísticas contêm em si virtudes (...)” (p. 1091).

A autora em apreço acrescenta ainda que:

“Estas expressões têm, para além disso, a capacidade de provocar o conhecimento de novas realidades e conduzir à reflexão social. (...) permitem promover o sentido de competência dos jovens, conferem a possibilidade de se desenvolverem afetiva, social e intelectualmente e, com isso, aprenderem a interpretar o mundo, a estruturar o pensamento, a desenvolver o seu equilíbrio emocional, a formar o seu carácter e a afirmar a sua identidade” (*Op. Cit.*, p. 1091).

Paralelamente ao descrito, é possível verificar que a prática assente nas expressões artísticas é um meio de proceder à representação de diversos contextos e vivências, proliferando conhecimentos, sendo que, tal como defende Silva (2006):

“É na arte (ou melhor, na multiplicidade das artes) enquanto espaço humano onde as técnicas da criação transfiguram a representação do mundo, que podemos encontrar o lugar deste conhecimento paradoxal da representação” (p. 52).

### **1.1.2. Constrangimentos associados às Expressões Artísticas**

Não obstante os benefícios inerentes à prática de atividades no âmbito das Expressões Artísticas, tem sido possível verificar determinadas inibições que constroem o desenvolvimento das Expressões Artísticas, sendo que estas decorrem essencialmente do sistema escolar, da família e da incidência no resultado final em detrimento do processo de criação artística (Bahia, 2009).

No que concerne à inibição resultante do sistema escolar e familiar, Bahia (2009) recorre à perspectiva de Piaget, reportando que “a espontaneidade natural da expressão artística que as crianças revelam precocemente é travada pela família e pela escola” (p. 140). Mais se acrescenta que:

“os estabelecimentos educativos, em geral, fazem muito pouco no sentido de fomentar uma atitude séria em relação às artes e vêem-nas como uma cultura periférica ou um acessório social não relacionado com o fulcro da educação” (Barrett, 1979, pp. 119-120).

No que diz respeito aos constrangimentos que advêm da valorização excessiva do resultado final em detrimento do processo de criação, Cross (1983) recorre a Spencer, filósofo que percecionava a arte como sendo um *processo*, citando que «Não se trata de saber se a criança está produzindo bons desenhos. Trata-se de saber se ela está desenvolvendo suas faculdades» (p. 33).

Do mesmo modo, Barrett (1979) vai ao encontro da opinião enunciada, revelando que “a qualidade e o êxito do trabalho artístico são de menor importância que as decisões tomadas no processo criativo” (p.121). Por conseguinte, importa ter em conta a consideração de Nóvoa (1989), citada por M. S. P. Lopes (2011), de que “(...) em educação o que marca a diferença é o *processo*, e não o *produto*” (p. 84).

Em suma, tal como defendem Fontanel-Brassart e Rouquet (1977), reportando-se à Educação Artística:

“ Já não se tratará, portanto, de fazer nascer aptidões artísticas, mas bem mais de cuidar do desenvolvimento global do indivíduo e duma autoconquista da sua personalidade, ficando num plano secundário a manifestação de talentos. A actividade e a experimentação, praticadas individualmente ou em grupo, serão o essencial (...) ” (p. 24).

Consequentemente, os autores em apreço indicam que “o seu objectivo [da Educação Artística] continuará a ser a *criatividade* mais do que a criação, o *homem* mais do que o artista, o *cidadão* mais do que o especialista” (*Op. Cit.*, p. 25).

Para além das inibições que constroem o desenvolvimento das expressões artísticas enunciadas, importa acrescentar que “ainda há alguma dificuldade em reconhecer o potencial de crescimento económico das artes, vendo-se a educação artística apenas numa dimensão de entretenimento geradora de despesa” (Esteireiro, 2014, p. 33).

### **1.1.3. Importância e aplicabilidade das Expressões Artísticas**

Tendo por base os constrangimentos anteriormente descritos, revela-se fundamental consciencializar os intervenientes para a promoção e envolvimento em atividades no âmbito das expressões artísticas que, tal como foi referenciado, lhes irão assegurar inúmeras competências, paralelamente ao desenvolvimento da criatividade.

À semelhança das perspetivas dos autores anteriormente mencionados, Gardner (1999) defende que:

“(…) as artes proporcionam uma via privilegiada e possivelmente singular pela qual expressar ideias, sentimentos e conceitos de maior importância para eles. Apenas dessa forma podem os indivíduos lutar consigo mesmos e expressar de formas acessíveis a outros sua visão do mundo. No final, a conquista artística surge com igual intensidade pessoal e inerentemente social (...)” (p. 96).

Outro exemplo relevante a acrescentar é a indagação de Beltrán (2000), centrada na questão “Que seria do Ser Humano sem a possibilidade de Expressão, da Expressão da sua verdadeira Essência, ou do seu «Eu», ou ... dos seus «Eus»?” (p. 127).

Atendendo à factualidade exposta, surge este projeto, suportado nas abordagens dos diversos autores que, por sua vez, reportam o contributo das Expressões Artísticas para o desenvolvimento dos sujeitos de intervenção, capacitando-os e proporcionando-lhes oportunidades de se expressarem livremente, exteriorizando aspetos que lhes são intrínsecos, e contribuindo, por conseguinte, para aprimorar o conhecimento de si mesmos e dos Outros, bem como para os envolver na sociedade.

## **1.2. Expressão Dramática e Teatro na Intervenção**

De acordo com o que foi mencionado anteriormente, quer a Expressão Dramática, quer o Teatro, se constituem como formas de Expressão Artística, podendo ser aplicados na intervenção, seguindo padrões similares aos descritos nos subcapítulos antecedentes. Contudo, residem dúvidas frequentes na diferenciação entre os conceitos, uma vez que ambos se encontram interligados, atendendo aos seus modos de operacionalização e até mesmo aos elementos que integram, designadamente cenários, caracterização e figurinos.

### **1.2.1. Expressão Dramática *versus* Teatro: características, semelhanças e diferenças**

Através da análise bibliográfica efetivada, foi possível aferir que a maioria dos autores é consensual no que concerne à diferenciação entre Expressão Dramática e Teatro, sendo que, por conseguinte, a Expressão Dramática é associada à prevalência das vivências características do processo de criação artística e o Teatro, por sua vez, associa-se à prevalência do resultado final, isto é, da representação direcionada a um público. Não obstante esta diferenciação, a Expressão Dramática e o Teatro encontram-se intimamente ligados.

Neste sentido, de acordo com Sousa (2003), Expressão Dramática é *sentir* e Teatro é *fingir*, dado que o autor em apreço considera que:

“O *drama*, como acção representativa destinada a um público, teve certamente a sua evolução no âmbito do teatro, mas o *jogo*, na sua dimensão de fictício, de imaginativo,

de faz-de-conta, impropriamente chamado actualmente por «jogo dramático» ou «expressão dramática», nunca saiu do campo da actividade livre, espontânea, do ludismo infantil” (p. 17).

Deste modo, para este autor:

“As grandes diferenças entre o jogo dramático da criança e a representação teatral residem sobretudo em que a criança não «representa», nem se dirige a um público. Ela «vivencia» plenamente os papéis que desempenha, experienciando de facto essas emoções e não apenas fingindo-as, como faz o actor” (*Op. Cit.*, p. 18).

Segundo Bento (2008), o Teatro está interligado com *formação de atores, realização do espetáculo, ficção e representar*, enquanto a Expressão Dramática está interligada com *vivências, experiência educativa, realidade e fazer* (p. 31).

Tendo em conta a perspetiva de Way (1967), é possível distinguir Expressão Dramática, como sendo focada essencialmente na experiência dos participantes, preocupando-se com a sua individualidade, de modo a potenciar o seu desenvolvimento integral, sendo que o Teatro é, por outro lado, focado especialmente na comunicação com uma audiência:

“(…) ‘drama’ is largely concerned with *experience* by the participants, irrespective of any function of communication to an audience. (...) drama is concerned with the individuality of individuals, with the uniqueness of each human essence” (p. 3).

Wagner (1998) corrobora a afirmação enunciada, defendendo que os objetivos do *Drama* são a experiência e a aprendizagem em vez da performance: “These aims are experience and learning rather than performance” (p. 4). Para além disso, a autora refere que essa experiência inerente ao *Drama* faz com que os alunos compreendam as interações humanas, criem empatia com os outros e interiorizem pontos de vista alternativos:

“The goal of educational drama is to create an experience through which students may come to understand human interactions, empathize with other people, and internalize alternative points of view” (*Op. Cit.*, p. 5).

Para além disso, Neelands (1984) também defende que o *Drama* promove a construção da experiência imaginada, bem como as emoções e o intelecto, sendo prático e imediato, em vez da transmissão de competências teatrais e da performance:

“Drama (...) is not as concerned with the transmission of theatre-skills as it is with the construction of imagined experience. (...). Drama is to do with the child experiencing

rather than with the child performing. Drama is practical, immediate and engages the emotions as well as the intellect” (p. 6).

Segundo Aguilar (2001), o Teatro e a Expressão Dramática podem diferenciar-se da seguinte forma:

“No teatro, na arte, pretende-se criar algo que nos ultrapasse, que nos transcenda, enquanto que na expressão dramática, como meio educativo, é o percurso e o indivíduo que importam, mais do que o resultado ou a obra. E esta diferença é enorme” (p. 36).

Lopes (2010), por sua vez, acrescenta que “o objectivo do Drama na educação é desenvolver a pessoa e não o Drama” (p. 136), pelo que “a ênfase não pode existir exclusivamente num produto acabado e perfeito, mas sim no equilíbrio entre este e o processo que está a ser vivenciado” (*Op. Cit.*, p. 141).

Na perspetiva de Barata (1979), “o «jogo dramático» (...) não procura uma reprodução fiel da realidade” (p. 40), associando-se ao *coletivismo*, ao trabalho em grupo, pelo que “fomenta-se o companheirismo e reforça os laços afectivos” (*Op. Cit.*, p. 47). Assim sendo, para este autor:

“O «jogo dramático» não é pois, ainda teatro. Nem isso se pretende: é apenas um importante «exercício de comunicação»; e o teatro como cadeia de comunicação tem muitas das características ensaiadas no «jogo dramático» (...)” (*Op. Cit.*, p. 43).

Segundo Coelho (1973), o «jogo dramático» apresenta uma crescente aplicabilidade a nível da “integração disciplinar”, sendo utilizado como recurso à exploração de temas integrados nas disciplinas escolares, e a nível da “montagem teatral”, pois pode ser o ponto de partida para a elaboração conjunta de uma peça de teatro (p. 117).

Mais se refere que Landier e Barret (1994) definem o «jogo dramático» como sendo uma “prática educativa relacionada com a actividade teatral, assente na livre expressão dos participantes e na comunicação” (p. 11). Para além disso, abordam o conceito de *dramatização*, clarificando que “(...) ele recorda, como expressão dramática, a importância da acção, do fazer; por outro lado, porque ele implica um processo, um desenvolvimento, uma maneira de proceder” (*Op. Cit.*, p. 209).

Os autores McGregor, Tate e Robinson (1977) acrescentam que os objetivos do Drama são desenvolver aspetos individuais, tais como expressão, atenção e confiança, assim como promover a sensibilidade e a imaginação: “(...) listed such aims as ‘developing

the child's powers of self-expression', 'developing self-awareness, self-confidence, encouraging sensitivity and powers of imagination'" (p. 4).

Por sua vez, Solmer (1999) elucida os leitores no sentido de que a Expressão Dramática envolve atividades cujo objetivo não é o espetáculo nem o público, mas sim a formação do indivíduo, através de práticas educativas e pedagógicas, bem como práticas terapêuticas.

Essa perspectiva é corroborada por Bento (2003), citado em Cunha (2013), que também considera a Expressão Dramática "como atividade pré-teatral, na medida em que a sua finalidade não é apresentar um espetáculo" (p. 1094).

De acrescentar que Bompastor, Ferreira e Martins (2012) evidenciam concordância face à afirmação antecedente, dado que entendem que "(...) a dramatização é um processo prévio ao teatro, entendido como produto acabado e pronto para ser visto e contemplado" (p. 141).

Mais se refere que nas transcrições de Heathcote, editadas por Johnson e O'Neill (1984), está presente a ideia de que no *Drama* o trabalho não é concretizado em função do produto final, mas deve dar-se oportunidade para o concluir, podendo ser apresentado a uma pequena audiência, embora o maior contributo para o crescimento da criança seja o processo criativo:

"(...) we cannot afford to work only to the finished product. Certainly we must make opportunity for the product to be concluded, probably with an audience, however small, but we must not overlook the fact that it is the making of the drama which is going to contribute most to the growth of the child" (p. 81).

Para além do reportado, as autoras em apreço mencionam que o *Drama* transcende o simples procedimento de recontar histórias, implicando o confronto entre os seres humanos e os desafios adjacentes à mudança: "Drama is not stories retold in action. Drama is human beings confronted by situations which change them because of what they must face in dealing with those challenges" (*Op. Cit.*, p. 48). Mais referem que a *atividade dramática* possibilita que os participantes se coloquem no lugar do Outro, *sentindo como é estar nos sapatos de outra pessoa*, ou seja, *tornando-se noutra pessoa*:

"Dramatic activity is the direct result of the ability to role-play – to want to know how it feels to be in someone else's shoes" (*Op. Cit.*, p. 49); "Dramatic activity is concerned

with the ability of humans to ‘become somebody else’, to ‘see how it feels’ (...)” (*Op. Cit.*, p. 54).

Courtney (1989) corrobora esta perspectiva, defendendo que o *Drama* evidencia um enfoque particular no jogo do *Ser* e do *Tornar-se*, através da sua característica primordial centrada na imaginação e transposição de papéis a partir do «como se...»: “Various drama educators focus on play as Being and Becoming with the «as if» as its major characteristic” (p. 59). Neste sentido, o autor em apreço considera que o *Drama* é um processo humano baseado na imaginação, assente na questão «e se...?», bem como na ação dramática, norteadas pelo «como se...», podendo assumir várias formas, designadamente *jogo, improvisação, jogo de papéis, ritual e teatro*: “Drama is a human process based on imagining («what if?») and dramatic action («as if»). It takes a number of forms: play, improvisation, role play, ritual, and, the most hieratic, theatre” (*Op. Cit.*, p. 141).

Por conseguinte, é possível verificar que tanto o Teatro como a Expressão Dramática:

“(...) possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação ou da criação de personagens. (...) ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos «outros» que nos rodeiam (...)” (Vianna e Strazzacappa, 2001, p. 121).

Mais se refere que McGregor *et.al.* (1977) sintetizam as semelhanças e discrepâncias entre *Drama* e Teatro, reportando que estes se centram ambos na pessoa como sendo o principal meio de expressão. Por um lado, associam o Teatro à profissão e trabalho de artistas e técnicos que tem a ver com a performance e comunicação com uma audiência e, por outro lado, associam o *Drama* ao facto de na maioria dos casos não existir uma performance e, quando existe, esta nunca ser um objetivo, dado que o sentido de audiência é introspectivo e, por conseguinte, *a única audiência são os próprios participantes*:

“They both centre on the person as the main médium of expression. (...) The word ‘theatre’ (...) suggests a profession and the work of the artists and technicians who are part of it. (...) ‘theatre’ is to do with performance (...) – in communicating with an audience. Drama in education, on the other hand, need not and, in most cases, does not, have performance as a goal. (...). Their [participants in drama session] only audience is themselves – their sense of audience is introspective. (...). Although performance may result from drama work it would be quite misleading to suggest or imply that it was its goal” (p. 19).

Em suma, os autores em apreço defendem que, para estabelecer uma relação entre *Drama* e Teatro, é mais proveitoso procurar semelhanças do que diferenças entre eles. Por conseguinte, descrevem que tanto no Teatro, como no *Drama*, os intervenientes adotam e desenvolvem papéis e personagens, inseridos em situações «e se», exprimindo-se através do corpo e da voz e utilizando simbolicamente o espaço e o tempo:

“Both [Theatre and Drama] essentially rest on ability to adopt and develop roles and characters within ‘as if’ situations; they rely on the body and the voice as the main media of expression, and make the same symbolic use of space and time. Here again it may be more useful to look for similarities rather than differences in trying to pin down a relationship” (*Op. Cit.*, p. 7).

Através da experimentação ou mera análise quer da Expressão Dramática, quer do Teatro, é possível aferir que ambos integram o espaço e o tempo nas suas ações, sendo que, tal como indica Pedro (2001): “O teatro é, como a pintura e a escultura, uma arte do espaço. (...) Como a poesia e como a música, o teatro é uma arte do tempo” (p. 66).

Em suma, Brook (2008) afirma que “a representação é um jogo” (p. 205), pelo que a ligação e semelhanças entre os conceitos de Expressão Dramática e Teatro poderão, consequentemente, ser resumidos recorrendo à expressão supracitada.

### **1.2.2. Expressão Dramática/ Teatro e a Realidade**

Atendendo à pesquisa inerente à aproximação entre a Expressão Dramática e o Teatro com a vida real e conseqüente reprodução, verifica-se que ambos se centram na projeção de aspetos inerentes ao quotidiano, pelo que Brecht (1973) expõe que “o teatro deve aprender na escola da rua” (p. 55), uma vez que “o papel não é um papel. É a própria vida social à qual é inerente” (*Op. Cit.*, p. 56).

Wagner (1998), por sua vez, remete para a opinião de Piaget (1962), indicando que através do jogo e da imitação, vão buscar-se experiências do mundo real para as representações, assentes na substituição de objetos e na descontextualização do comportamento: “Through play and imitation, children reenact experiences from the real world to engage in object substitutions and decontextualized behaviour” (p. 174).

Neelands (1984) é outro dos autores que considera o *Drama* como sendo uma atividade social e interativa que se traduz na criação e interpretação de significados humanos através da ação imaginada e da linguagem, simulando e correspondendo às ações e à linguagem da vida real:

“Drama is a social (interactive) way of creating and interpreting human meanings through imagined action and language that simulates and corresponds to real-life actions and language (...)” (p. 6).

Face a estes pareceres, Kowalski (2005) adiciona que “usando uma linguagem simbólica, a representação dramática de cenas da vida de uma comunidade, desde há séculos que é um modo de autoconhecimento” (p. 8).

Para além da projeção de situações da vida quotidiana e do mundo real na ação dramática, também transparecem projeções inerentes aos comportamentos sociais e às personagens fantasiadas, em todas as idades:

“Children and adults alike naturally Project into roles as part of their normal social behaviour. When playing, children spontaneously adopt roles and Project into fantasy characters. This impulse and capacity for projecting into other roles persists into adult life, permeating our normal social relationships” (McGregor *et.al.*, 1977, p. 12).

As projeções referenciadas podem ainda incidir nas preocupações reais dos sujeitos de intervenção, podendo constituir-se, segundo M. S. P. Lopes (2011), como um ponto de partida para a reflexão distanciada e descomprometida de *problemas ficcionados* que surgem de *peessoas reais*:

“Na Expressão Dramática, as situações são imaginadas e representadas por personagens que podem projectar as preocupações das pessoas que as encarnam. Essa vivência, seguida de reflexão sobre a mesma, constitui uma experiência distanciada sobre questões que, embora perto da pessoa, são problemas da personagem e, portanto, de discussão descomprometida. Contudo, a transferência dessa experiência para a vida real, é uma aprendizagem significativa, pois foi vivida intensamente e emocionalmente pela pessoa que interpretou a personagem. Ou seja, embora seja um problema ficcionado, emerge da preocupação de pessoas reais, que projectaram o seu mundo na ficção que criam” (p. 145).

Deste modo, é possível constatar que “(...) a ficção é sempre uma das múltiplas formas que a realidade assume (...)” (Boal, 2011, p. 23), sendo que as criações advêm de elementos inerentes à repetição das experiências anteriores dos sujeitos de intervenção, aliadas à invenção de algo novo, tal como informa Vygotsky (2009):

“A situação que a criança nos descreve (...) cujos elementos, na sua totalidade, ela conhecia devido à sua experiência anterior: de outro modo, não poderia tê-los inventado; mas a combinação desses elementos constitui qualquer coisa de novo, de criador, que pertence à criança, sem que seja mera repetição de coisas vistas ou ouvidas. Esta faculdade (...) de combinar o antigo com o novo, lança as bases da criação” (p. 14).

Indo ao encontro das perspectivas enunciadas, Courtney (1989) menciona o parecer de Moreno (1946) que, através da sua obra intitulada “Psychodrama”, expõe a espontaneidade e improvisação inerente ao seu trabalho com os pacientes, considerando o *Drama* como sendo uma *extensão* da vida: “Moreno worked with the patient’s spontaneous and improvised acting. (...) Moreno sees drama as an *extension* of life” (p. 76).

### **1.2.3. Expressão Dramática/ Teatro com Jovens: o espaço físico e o ambiente emocional**

Para além da factualidade enunciada, é possível aferir que vários autores corroboram a relevância e o sentido da intervenção através da Expressão Dramática/ Teatro junto da população juvenil, objeto primordial do presente projeto.

Neste subcapítulo é descrita a importância que a Expressão Dramática/ Teatro pode ter no desenvolvimento do grupo dos participantes, particularmente constituído por jovens, bem como as características do espaço adequado, no que se refere às suas condições físicas. Para além disso, é descrito o ambiente afetivo e emocional que alguns autores atribuem às atividades integradas nestes âmbitos e são, por fim, apresentados determinados contributos e aprendizagens deste tipo de atividades a nível pessoal e social.

Neste sentido, Costa (2003) considera o grupo de Teatro para os jovens como sendo um “espaço de segurança” (p. 321), sendo que:

“É lá que se sentem livres e belos, é lá que libertam as energias, é lá que ultrapassam os bloqueios e os temores, é lá que descobrem o corpo e as múltiplas linguagens que escondem, é lá que ousam correr riscos, é lá que fazem a aprendizagem da relação com o outro, (...)” (*Op. Cit.*, p. 322).

Paralelamente a este parecer, Mota (1985), citado por Sousa (2003), defende que:

“A expressão dramática é a única saída, a nível filosófico, que permite aos jovens exercerem-se, falarem das suas angústias, frustrações, recalamentos, desejos. E não só através do corpo, da voz ou de improvisações. Os exercícios servem para se encontrarem a eles próprios. Encontrando-me comigo, encontro-me com os outros. (...) A passagem do mundo interior para o mundo exterior, eis a nossa função” (pp. 20-21).

Para que isso aconteça plenamente, é crucial que o ambiente seja desprovido de críticas e que os jovens se sintam à vontade, desvinculando-se do seu receio de falhar e das comparações entre eles, pois com estas condições reunidas, segundo Way (1967), será desenvolvida a autoconfiança: “Personal confidence is developed by work in an uncritical atmosphere, freed from fear of failure and from comparisons of one person with another” (pp. 156-157).

Relativamente ao ambiente e ao espaço das sessões de Expressão Dramática, é importante referir que o ambiente deverá ser intimista e agradável e o espaço deverá estar limpo e ser amplo e desprovido de mobiliário. Tal como informam McGregor *et.al.* (1977):

“Successful drama can and does take place in classrooms which sometimes provide the right kind of intimate atmosphere. The nature of the work will probably require some clear floor space which means moving desks, tables, chairs, to the side of the room or by stacking them” (p. 190).

Paralelamente a esta indicação, M. S. P. Lopes (2011) defende que “nas aulas de Expressão Dramática o espaço é livre... Se existirem mesas ou cadeiras estarão num qualquer canto, e só ganharão vida se o projecto de representação delas necessitar” (p. 395).

No âmbito da sua intervenção junto dos jovens, Soares (2010) remete para a adoção de uma prática assente no «Hand made, Heart made», isto é, para a criação através das *mãos* e do *coração*, explicitando que:

“Se pela primeira abordagem pretendo destacar aspectos como o feito por eles [jovens], com eles, sobre uma verdade possível, ou uma impressão de real, pela segunda abordagem pretendo mostrar o envolvimento, a carga emotiva, a cumplicidade emocional, uma construção dos afectos que decorre do trabalho no Teatro e no trabalho com os jovens” (p. 122).

Esta questão afetiva e emocional é apresentada, de igual modo, nas indagações de Way (1967) centradas na recomendação de corresponder aos interesses dos adolescentes e na

necessidade de criar ligação particular e empatia com eles, aquando das sugestões que lhes são efetivadas no decurso da intervenção:

“The types of suggestion we can make to teenagers, when we have aroused their interest and given them some initial practice, are manifold and depend very much on our particular bond with them, and how much we, as teachers, are able to see things from their point of view” (p. 57).

Do mesmo modo, Heathcote, descrita por Johnson e O’Neill (1984), considera que o *Drama* propicia a afetividade, explorando o nível emocional: “Drama engages the affective zone. It deliberately engages and explores emotional field forces” (p. 197).

Cunha (2013), por sua vez, remete para os contributos de uma intervenção assente na Expressão Dramática, esclarecendo que:

“Assim sendo, o recurso à expressão dramática tanto melhora a postura corporal, a flexibilidade, a expressividade de movimentos e gestos, como desenvolve a criatividade, a competência comunicativa e a aprendizagem global. Ao permitir experiências diversificadas, a expressão dramática pode facilitar o desenvolvimento pessoal e social através da mudança de atitudes e, mais importante ainda, é o ser capaz de educar o indivíduo sem o privar do que é mais humano em si, o sentir e o pensar. Desafia, para além disso, para os benefícios do trabalho em equipa, ajuda a estabelecer laços a nível pessoal e relacional e proporciona estímulos para o desenvolvimento humano de indivíduos (...)” (p. 1094).

Considerando a opinião dos autores Bompastor *et.al.* (2012), é possível associar a Expressão Dramática ao desenvolvimento de diversas competências:

“As técnicas de expressão dramática permitem, na generalidade, o desenvolvimento de competências sociais, competências comunicativas, fomento da criatividade, promoção do trabalho em grupo, potenciação da capacidade de resolução de problemas e do pensamento divergente, assim como o desenvolvimento das competências expressivas” (p. 151).

Na perspetiva de Vieites (2014), “o teatro foi desde sempre um meio privilegiado para a transmissão de ideias” (p. 154).

Segundo McGregor *et.al.* (1977), o Drama implica a cooperação entre o grupo e promove a comunicação entre os intervenientes e a negociação, de modo a partilhar ideias e a tomar decisões relativas ao que se vai fazer e como vai ser feito:

“The group need to develop a sense of co-operation in drama, in sharing ideas and in making decisions about their work” (p. 88); “By negotiating how to work and making

decisions about the ongoing work itself, children are learning to communicate with each other” (*Op. Cit.*, p. 31); “Drama can give children the opportunity to communicate between themselves and to arrive at corporate and positive decisions about what to do and how to do it” (*Op. Cit.*, p. 32).

Consequentemente é possível constatar que a Expressão Dramática é um processo coletivo, assente na cooperação e interação entre os elementos do grupo e na negociação coletiva, de modo a obter uma criação conjunta, constituída pelas ideias e sugestões de todos. Tal como refere Gallagher (2000):

“Opinions are strong and strongly held, but the process resembles a slow drawing out ideas and suggestions that begin to come together because of the differently held views in the room. As a result, the ‘final product’ is a collage of ideas and images. The characters are multidimensional, the context collectively imagined” (pp. 69-70).

Deste modo, a Expressão Dramática permite que os intervenientes aprendam juntos e apenas resulta se existir interação, cooperação e colaboração, tal como explicam Baldwin e John (2012): “Drama is a way that children can learn together and drama can only work if they are interactive and cooperate and collaborate” (p. 20).

Bolton (1979) demonstra incidência nas aprendizagens que poderão advir do *Drama*, informando que para este ser bom é requerido aos participantes que se entreguem por inteiro, com honestidade, compromisso e sejam capazes de se observarem a si próprios e aprenderem a partir da experiência:

“This is not as surprising as it may seem for good drama requires that the participants bring their whole selves, their honest selves, their commitment, their willingness to observe themselves or to learn from experience” (p. 137).

Mais se acrescenta que, de acordo com Sousa (2003), a Expressão Dramática confere a possibilidade do sujeito de intervenção:

“(…) livremente, expressar os seus mais íntimos sentimentos, dar ampla vazão à sua imaginação criativa, desenvolver o seu raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento” (pp. 31-32).

Por conseguinte, o autor em apreço considera que “todas as tendências e desejos recalçados encontram na expressão dramática um excelente meio para se escapar e expressar” (*Op. Cit.*, p. 36).

Face ao exposto, considera-se que a Expressão Dramática/ Teatro contribuem para reforçar competências e aprendizagens pessoais e sociais, estando alicerçados emocionalmente em afetos e sendo essencial adaptar o espaço e criar ambiente para que as sessões funcionem devidamente.

#### **1.2.4. Perfil e postura do dinamizador das sessões de Expressão Dramática/Teatro**

No que concerne ao perfil e à postura do educador/ animador/ responsável pela dinamização das atividades não só no âmbito da Expressão Dramática/ Teatro, como também em qualquer outra expressão artística, refere-se que deverá ter em conta determinados aspetos, enunciados por diversos autores.

Por exemplo, Sousa (1980) informa que “um educador não ensina – proporciona, motiva!” (p. 144), pelo que “o educador deverá possuir um espírito de abertura, uma grande flexibilidade e imaginação (...)” (*Op. Cit.*, p. 141), entendendo e respeitando as vivências, espontaneidade e liberdade do sujeito de intervenção, sendo que “sob nenhum pretexto o educador deverá impor a sua forma de pensar” (*Op. Cit.*, p. 142).

Outro exemplo é Baldwin e John (2012) que indicam que o *professor* é um modelo, guia, facilitador e mediador: “The teacher is a model, guide, facilitator and mediator (...)” (p. 11), devendo ser criativo, inovador e experimental, adaptando estratégias em função das aprendizagens e dos objetivos, assim como avaliador e reflexivo sobre o impacto da sua prática:

“Teachers can and should be able to be creative, innovative and experimental, adapting strategies in ways that may best suit their learning and teaching purposes and their classes. They will need of course, to be evaluative and reflective about the impact of what they do and the outcomes” (*Op. Cit.*, p. 28).

Courtney (1989), por sua vez, defende que o *professor* deve identificar as necessidades, preocupações e interesses dos alunos – “Identifying the student’s own needs, concerns and interests” (p. 205) –, envolvendo-se com eles numa interação genuína, suportada na honestidade, abertura e sinceridade, desafiando cada estudante a identificar os problemas: “Teachers/ students must engage in a genuine human interaction: honest,

open, and sincere. This includes ensuring that each student faces the issue of identifying a problem” (*Op. Cit.*, p. 204).

Estes pareceres são complementados por Way (1967) que descreve o *professor* como sendo um *fator permanente e vital* do processo, que estimula e motiva o grupo e que é responsável pelo decurso das atividades: “The teacher has been considered as a constant, vital factor in this process, as stimulator and with a particular responsibility for stretching in each field of activity” (p. 268).

Mais se refere que Neelands (1984) explica que a função do *professor* é incitar os sujeitos de intervenção a *fazer todo o trabalho*: “The teacher’s purpose in drama is to make the children do all the work!” (p. 34), pois o *Drama* é concretizado **com** as crianças e não apenas *por* elas ou *para* elas: “Good whole-class drama is done *with* the children and not just *to* them, or *for* them” (Baldwin e John, 2012, p. 28).

Por fim, Bolton (1979) acrescenta que a principal habilidade do *professor* é iniciar o *Drama*, através da manipulação dos seus elementos de foco, tensão, contraste, surpresa e simbolismo: “Her [teacher] supreme ability was na initiator of dramatic form; in other words, she could manipulate some of its elements of focus, tension, contrast, surprise and symbolisation” (p. 115).

### **1.2.5. Escolha da Expressão Dramática para este projeto**

Tendo por base as considerações enunciadas, a escolha da Expressão Dramática como área primordial deste projeto centra-se no facto de proceder a uma maior valorização e incidência do processo de criação artística, em detrimento do resultado final, contrariamente ao preconizado pelo Teatro.

A este propósito, M. S. P. Lopes (2011) esclarece que:

“O dar voz aos alunos significa também que eles foram actores implicados no processo, e não apenas objecto ou meros figurantes. Esta opção investigativa-pedagógica é coerente com a atribuição da sua responsabilidade e a autonomia na autoria da criação” (p. 15).

Assim, através deste projeto pretende-se que as jovens envolvidas desenvolvam a sua criatividade como agentes principais na definição e concretização das suas próprias ideias e ações, de modo a perceber, para dar resposta ao estudo investigativo que serve de suporte ao projeto, se existem consequências a nível do desenvolvimento pessoal e social das participantes.

## **CAPÍTULO 2 – ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL COMO ALTERNATIVA**

Importa agora proceder ao enquadramento do contexto onde o projeto tem lugar, bem como à explicitação de determinados conteúdos a ele associados, designadamente no que se refere às instituições de acolhimento destinadas a crianças e jovens, detentores de Processo de Promoção e Proteção, e consequentes conceitos associados à dinâmica do acolhimento institucional e às crianças e jovens acolhidos.

No que diz respeito ao Acolhimento em Instituição, recentemente designado por *Acolhimento Residencial*, convém ressaltar que se trata de uma Medida de Promoção e Proteção que:

“(…) consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento e recursos humanos permanentes, (...) que lhes garantam os cuidados adequados (...) à satisfação de necessidades (...) e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – LPCJP – Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro, alterada pela Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro – Artigo 49.º).

### **2.1. Crianças/ Jovens em Risco**

Primeiramente importa distinguir os conceitos de *risco* e de *perigo* que são muitas das vezes confundidos. Por conseguinte, convém ressaltar que:

“O conceito de risco é mais amplo que o de situações de perigo, tipificadas na Lei (...). O risco diz respeito à vulnerabilidade de a criança ou jovem se ver envolvida numa situação de perigo, não provando por si só a existência de uma qualquer situação de perigo. As situações de risco implicam um perigo potencial para a concretização dos direitos das crianças, embora não atingindo o grau elevado de probabilidade de ocorrência que o conceito de perigo encerra. A manutenção e agudização dos factores de risco poderão, em determinadas circunstâncias conduzir a uma situação de perigo” (APAV, 2011, p. 163).

Mais se esclarece que, atendendo à perspectiva de Carvalho (2013):

“(…) a persistência ou agravamento de factores de risco, em paralelo à ausência ou ineficácia de factores de proteção na vida de uma criança poderão, em certas condições, associar-se ou conduzir a situações de perigo” (p. 10).

Deste modo, o sistema de proteção legal de crianças e jovens constitui-se como um meio fulcral em matéria de Promoção e Proteção de crianças e jovens em situações de risco/ perigo, salvaguardando os seus direitos, segurança, bem-estar e desenvolvimento integral. Existem diversos instrumentos jurídicos que suportam esta intenção, entre os quais se integram a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Crianças e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) – Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro, alterada pela Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro.

Relativamente à Convenção supracitada, refere-se que foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, no dia 20 de Novembro de 1989, tendo sido homologada por Portugal quase um ano depois, em 21 de Setembro de 1990. De acrescentar que esta Convenção afigurou-se como um marco determinante para a defesa dos direitos fundamentais dos menores<sup>1</sup>, sendo que:

“No Preâmbulo reafirma-se o facto de as crianças, devido à sua vulnerabilidade, necessitarem de uma protecção e de uma atenção especiais e sublinha-se de forma particular a responsabilidade fundamental da família no que diz respeito aos cuidados e protecção” (APAV, 2011, p. 153).

No que concerne à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, refere-se que serve de base à intervenção do Estado, quando se verifica ameaça dos direitos essenciais da criança/ jovem, colocando-a em perigo. De acrescentar que a intervenção é sempre concretizada com vista a assegurar o superior interesse da criança/ jovem (Carvalho, 2013).

Mais se refere que o regime jurídico consagrado na Lei em apreço se destina ao que se segue:

“(…) promover os direitos e a protecção da criança e do jovem quando os seus pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem e que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo” (APAV, 2011, p. 161).

Neste sentido, de acordo com Amado (2003), a *situação de risco* é:

---

<sup>1</sup> De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, os “menores” são indivíduos com menos de 18 anos de idade ou com menos de 21 anos, caso tenham solicitado a prossecução da intervenção iniciada antes de terem atingido os 18 anos.

“(…) aquele tipo de situações que criam dificuldades e obstáculos ao normal desenvolvimento e adaptação das pessoas às habituais exigências habituais da sociedade, empurrando-as, pelo contrário, para comportamentos de inadaptação, marginalização e de auto-exclusão” (p. 32).

Para além disso, segundo o Manual de *Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude*:

“As situações crescentes de risco remetem para uma multiplicidade de factores que se associam a um ambiente socialmente instável, a condições de vida precárias, a novas formas de vivência e experimentação sexual, a manifestações de intolerância ou a comportamentos marginais” (Centro de Estudos Territoriais – ISCTE, 2005, p. 21).

Amado (2003) acrescenta que:

“São muitos e variadíssimos os factores que originam situações de risco: a pobreza, o desemprego, a carência ou a degradação habitacional, as más condições de higiene, a toxicod dependência, o alcoolismo, a prostituição, a mendicidade, a violência, a desagregação e mau ambiente familiar (...)” (p. 27).

Considerando a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, é possível definir através das seguintes situações que a criança/ jovem se encontra em perigo:

“a) Está abandonada ou vive entregue a si própria; b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; d) Está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais; e) É obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; f) Está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; g) Assume comportamentos ou se entrega a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação” (LPCJP, Artigo 3.º, n.º 2).

## **2.2. Serviços de Promoção e Protecção**

Como foi anteriormente reportado, o Estado intervém quando se verificam situações que comprometam o bem-estar, segurança, direitos ou desenvolvimento da criança/ jovem, sendo que essa intervenção é asseverada pelos Serviços competentes em matéria de

Promoção e Proteção de crianças e jovens, “de modo consensual com os pais, representantes legais ou quem tenha a guarda de facto da criança ou do jovem, consoante o caso (...)” (LPCJP, Artigo 7.º, n.º 3).

O Serviço que normalmente atua em primeira instância quando a criança/ jovem está em perigo é a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), de modo a pôr termo à sua situação de perigo. De acrescentar que a intervenção da CPCJ “depende do consentimento expreso dos pais, representante legal ou pessoa que tenha a guarda de facto da criança ou jovem” (APAV, 2011, p. 164), assim como depende também da não oposição à intervenção por parte da criança/ jovem de idade igual ou superior a 12 anos.

Consequentemente é instaurado Processo de Promoção e Proteção e a CPCJ começa a acompanhar o caso, sendo efetuado um Acordo de Promoção e Proteção que deverá ser subscrito pelos diversos intervenientes – criança/ jovem com 12 ou mais anos de idade; agregado familiar e Técnico da CPCJ responsável pelo Processo – constituído por cláusulas que deverão ser cumpridas. Mais se informa que esse Acordo de Promoção e Proteção, bem como a medida de Promoção e Proteção aplicada são revistos “decorridos períodos nunca superiores a seis meses” (LPCJP, Artigo 62.º, n.º 1), através de uma informação ou relatório social, descritivo do acompanhamento da CPCJ e atual situação da criança/ jovem e respetivo agregado familiar, direcionado ao Tribunal Judicial, para que essa entidade proceda à sua alteração ou prorrogação, consoante a dinâmica situacional verificável.

Caso não haja cumprimento ou subscrição do Acordo anteriormente descrito, o processo transita para outro Serviço, designadamente para o Tribunal Judicial, cuja representatividade é assegurada pelo Serviço de Assessoria Técnica aos Tribunais (SATT), do Núcleo de Infância e Juventude (NIJ), do Instituto de Segurança Social, I. P. (ISS, I. P.).

Quando o Processo é acompanhado pelo Serviço em apreço, embora não exista Acordo de Promoção e Proteção, o acompanhamento do agregado familiar e da criança/ jovem é efetuado em moldes similares aos da CPCJ, sendo que o ISS, I. P. também direciona informações ou relatórios sociais de revisão da Medida de Promoção e Proteção ao Tribunal Judicial, cumprindo a periodicidade que essa entidade tiver estipulado.

### 2.3. Medidas de Promoção e Proteção

De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, a *Medida de Promoção e Proteção* é “a providência adoptada pelas comissões de protecção de crianças e jovens ou pelos tribunais, nos termos do presente diploma, para proteger a criança e o jovem em perigo” (Artigo 5.º, alínea e).

Por conseguinte:

“As (...) medidas de promoção e proteção visam: a) Afastar o perigo em que estes [crianças e jovens] se encontram; b) Proporcionar-lhes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral; c) Garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso” (LPCJP, Artigo 34.º).

Mais se refere que as medidas referenciadas podem ser executadas em meio natural de vida ou em regime de colocação, sendo que por *meio natural de vida* se entende a estrutura familiar de proximidade e a *colocação* é associada ao acolhimento, o qual não é necessariamente institucional.

As medidas de meio natural de vida são as seguintes (LPCJP, Artigo 35.º, n.º 1):

- Apoio junto dos pais;
- Apoio junto de outro familiar;
- Confiança a pessoa idónea;
- Apoio para a autonomia de vida.

Por sua vez, as medidas de colocação são (LPCJP, Artigo 35.º, n.º 1):

- Acolhimento familiar;
- Acolhimento em instituição/ Acolhimento residencial;
- Confiança a pessoa seleccionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção.

De acordo com as informações estatísticas partilhadas pelo Instituto de Segurança Social, I.P. (ISS, I.P.), no âmbito do Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens – CASA (2014), nesse ano estiveram 8.470 crianças/ jovens acolhidos em instituições nacionais, um número bastante reduzido comparativamente ao ano de 2006 (12.245), mas pouco superior ao de 2013 (8.445), (pp. 1-2). Mais se refere, segundo a fonte em apreço, que os distritos que registaram um número maior de crianças e jovens em situação de acolhimento institucional são “Lisboa (1.602 – 18,9%) e Porto (1.568 – 18,5%) (...). Seguem-se os distritos de Braga (613 – 7,2%), Setúbal (515 – 6,1%), Coimbra (499 – 5,9%), Aveiro (470 – 5,6%) e Faro (424 – 5%)” (*Op. Cit.*, p. 8). Por outro lado, “os distritos que registam um menor número de crianças e jovens em situação de acolhimento; são os de Évora (129 – 1,5%), Beja (153 – 1,8%), Portalegre (159 – 1,9%), Guarda (165 – 2%) e Castelo Branco (184-2,2)” (*Op. Cit.*, p. 8). No que se refere à predominância de género acolhido, o ISS, I.P. (2014) verificou, nesse ano, um “ligeiro predomínio de crianças e jovens do sexo masculino – 4.392 (51,9%), em analogia a 4.078 (48,1%) do sexo feminino” (*Op. Cit.*, p. 13). Quanto à faixa etária de crianças/ jovens acolhidos, predominam jovens com idades compreendidas entre “15-17 anos – 2.969 (35,1%)” (*Op. Cit.*, p. 13), sendo a maioria acolhida por «problemas de comportamento», especialmente «ligeiros» (*Op. Cit.*, pp. 16-17).

Mais se acrescenta que, segundo a fonte em apreço, “no que respeita às crianças e jovens com projeto de vida delineado, observa-se a predominância dos projetos de vida para a autonomização (32%) e reintegração na família nuclear (30%)” (*Op. Cit.*, p. 60).

## **2.4. Principais Motivos que levam ao Acolhimento Institucional**

Tal como foi anteriormente apresentado, aquando da citação do Artigo 3.º, n.º 2 da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, o qual enuncia as situações através das quais é possível definir que a criança/ jovem se encontra em situação de perigo, refere-se que essas são as principais características que conduzem ao acolhimento em instituição.

Sumariamente e de um modo mais concreto, remetendo às *categorias tipificadas na aplicação informática das CPCJ (2011)*, divulgadas por Carvalho (2013), os motivos que geralmente estão na origem do acolhimento institucional são os que se seguem:

- Abandono ou orfandade da criança/ jovem, associados à ausência de cuidador substitutivo da família;
- Maus tratos físicos;
- Maus tratos psicológicos ou indiferença afetiva;
- Abuso sexual;
- Negligência por parte dos cuidadores, no que concerne à prestação ausente ou inadequada das necessidades básicas da criança/ jovem (tais como: alimentação, higiene, vestuário), comprometendo a sua segurança, cuidados de saúde, acompanhamento educativo e estando, muitas das vezes, associada à falta de supervisão e acompanhamento familiar;
- Exploração do trabalho infantil;
- Mendicidade;
- Ausência ou dificuldade na imposição de regras e limites à criança/ jovem, incapacitando os cuidadores de se oporem adequadamente a condutas desviantes ou a comportamentos que afetam o bem-estar e desenvolvimento da criança/ jovem (tais como: *bullying*, comportamentos de indisciplina, consumo de álcool/ estupefacientes);
- Exposição a modelos parentais desviantes, podendo comprometer o bem-estar e desenvolvimento da criança/ jovem (tais como: toxicod dependência ou alcoolismo por parte dos cuidadores, violência doméstica, promiscuidade);
- Situações de perigo em que está em causa o direito à Educação: abandono escolar, absentismo escolar e/ ou insucesso escolar.

Amado (2003), por sua vez, resume os motivos inerentes ao acolhimento institucional do seguinte modo:

“Na origem do acolhimento institucional encontra-se, normalmente, a vivência de situações de risco no seio da família; trata-se de famílias que não têm as condições (materiais, sociais, psicológicas) necessárias para originar, na criança ou no jovem, um desenvolvimento biopsicossocial equilibrado, falhando na sua função educativa” (p. 27).

## **2.5. Crescer numa Instituição**

Face aos conteúdos acima expostos, importa nesta fase proceder à caracterização e fatores associados às instituições de acolhimento a crianças/ jovens com Processo de Promoção e Proteção, cuja medida aplicada é a de Acolhimento em Instituição, particularmente Lares de Infância e Juventude (LIJ), dado que é neste tipo de estrutura residencial que o projeto decorre.

Para além disso, importa caracterizar, de um modo generalizado, traços comuns às crianças/ jovens acolhidos em LIJ, de modo a aprofundar *como é crescer numa instituição*.

### **2.5.1. Caracterização dos Lares de Infância e Juventude (LIJ)**

Considerando a finalidade inerente ao Lar de Infância e Juventude, é relevante ressaltar que, de acordo com o Decreto-Lei n.º 2/86, de 02 de Janeiro, referente à *definição dos princípios básicos a que devem obedecer os lares, como forma de resposta social dirigida aos menores transitória ou definitivamente desinseridos do meio familiar*:

“Os lares são equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento de crianças e jovens, proporcionando-lhes estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade” (Artigo 2.º, n.º 1).

Neste sentido, apreende-se que a vida quotidiana nas instituições deverá ser, tanto quanto possível, aproximada à de um meio familiar estruturado.

De salientar que a institucionalização deverá ser sempre uma medida de último recurso, sendo que, segundo Carvalho (2013):

“A medida de acolhimento em instituição surge como a última das respostas legalmente previstas para assegurar a proteção e desenvolvimento da criança ou jovem. Às instituições compete, pois, uma função de controlo social e uma função de promoção da coesão social, pela salvaguarda dos elementos menos protegidos de uma comunidade através da efetivação dos seus direitos” (p. 17).

Tendo em conta esta afirmação, Amado (2003) acrescenta que:

“As respostas em Acolhimento de Longa Duração devem ser consideradas um último recurso depois de esgotadas todas as possibilidades. Propõe a Lei que os Lares funcionem em Regime aberto e pretende-se que sejam organizados em unidades que favoreçam uma relação afectiva do tipo familiar, uma vida diária personalizada e a integração na comunidade” (pp. 29-30).

Também Delgado (2013) corrobora esta ideia, reportando que:

“As medidas de colocação ficam reservadas às ocorrências graves, que comprometem a permanência da criança no seu meio de vida, e constituem um último recurso, uma vez que a intervenção só pode interferir na vida da criança e na da sua família na medida do que for estritamente necessário” (p. 29).

No que concerne à vivência diária nas instituições de acolhimento, é possível constatar que estas têm um conjunto de regras e de rotinas estabelecidas e bem estruturadas que, por um lado, transmitem segurança às crianças e aos jovens acolhidos e, por outro lado, conferem aprendizagens e competências, essenciais para a construção do futuro aquando da saída do contexto institucional.

Na perspetiva de Carvalho e Salgueiro (2014):

“A organização da vida institucional é complexa! Existem regras comuns que devem ser observadas por todos. Mas o desafio reside na consideração do percurso e das necessidades individuais de cada um dos jovens acolhidos” (p. 6).

Através do estudo concretizado pelo Centro de Estudos Territoriais – ISCTE (2005), verifica-se que as principais regras das instituições de acolhimento estão relacionadas com a alimentação, horários de levantar e de deitar, regras de higiene e de limpezas, momentos de estudo e deslocações ao exterior, como por exemplo a obrigatoriedade em ir à missa nas instituições de carácter religioso.

Entre as funções dos Lares de Infância e Juventude e estruturas similares de acolhimento a crianças/ jovens é atribuída primazia à satisfação das necessidades

básicas – no que se refere à alimentação, higiene, vestuário –, paralelamente ao acompanhamento escolar e de saúde.

Neste sentido, Henriques *et.al.* (2014) afirmam que:

“O acolhimento residencial de crianças sem retaguarda familiar ou que, por razões que fazem perigar o seu desenvolvimento, têm de ser retiradas ao ambiente familiar, é, pois, mais do que dar-lhes hospedagem e garantir-lhes um ambiente seguro até que regressem às suas famílias ou saiam da instituição para se tornarem independentes” (p. 18).

Para além disso, é fundamental que as equipas que trabalham nas instituições em apreço respeitem a individualidade e a privacidade de cada criança/ jovem, tanto quanto possível, o que nem sempre é fácil, dado que, se há instituições que albergam sete crianças, há também as que albergam 40, como é o caso da instituição onde o projeto decorre.

É, do mesmo modo, importante que nas instituições exista abertura, no sentido de possibilitar a participação dos educandos em atividades no exterior, integrando-os na comunidade:

“As metodologias e modelo de intervenção devem apontar para o favorecimento da integração na vida da comunidade, reproduzindo condições e padrões de vida social no contexto envolvente” (Carvalho, 2013, p. 21).

Mais se ressalva que é dever dos técnicos das instituições facilitar contactos com os familiares e outras figuras de referência das crianças/ jovens, assim como definir e concretizar o Projeto de Vida de cada educando, envolvendo-o e à sua família ao longo do processo.

De acordo com o Instituto para o Desenvolvimento Social (2000):

“A questão do projecto de vida assume importância fulcral na caracterização do funcionamento dos lares de crianças e jovens. Por *projecto de vida* entende-se o plano tecnicamente traçado que tem por pressuposto a projecção no futuro de determinado estilo de vida considerado desejável para a criança ou jovem. O projecto de vida inclui, em termos conceptuais, as *orientações* para a prossecução do fim desejado e as *actividades* a levar a cabo pela criança para atingir esse objectivo” (p. 74).

De acrescentar que:

“O projeto de vida pode ser considerado uma chave mestra na intervenção a desenvolver durante o período de acolhimento. É um direito de cada criança e jovem,

razão pela qual se tem procurado nos últimos anos impulsionar a sua operacionalização no contexto institucional mas também cooperando com a comunidade onde a criança e jovem se encontra integrada” (ISS, I.P., 2012, p. 32).

Em suma, “a instituição, mais do que guardar, ou ensinar para instruir, é um agente da educação social com objectivos como a transmissão de conhecimentos e a socialização da criança” (Centro de Estudos Territoriais – ISCTE, 2005, p. 78).

### **2.5.2. Caracterização das Crianças e Jovens acolhidos em Instituição**

“Como sabemos, há uma significativa alteração no perfil da criança acolhida em meio residencial: há cerca de uma ou duas décadas atrás, o modelo prevalente era assistencial ou caritativo, recebendo casos de rapazes ou raparigas órfãs, ou vindas de famílias com poucos recursos económicos (...) passando as instituições a acolher um número significativo de crianças e jovens com problemas comportamentais, toxicod dependência, problemas de saúde mental, debilidade e deficiência mental” (Henriques *et.al.*, 2014, p. 14).

Considerando as características das crianças e jovens em situação de acolhimento institucional, é possível constatar que, de um modo generalizado, se tratam de educandos com histórias de vida conturbadas. As suas vivências são marcadas por perdas e ruturas significativas, quer no momento em que foram acolhidos, dado que foram separados do seu agregado familiar, quer ao longo do seu período de acolhimento, pois a equipa vai entrando e saindo, dando lugar a novas figuras. Este facto faz com que as crianças e jovens acolhidos tenham dificuldade em definir uma figura de referência permanente, com a qual se possam vincular.

Outro exemplo de acréscimo da perda surge devido ao facto da maior parte das instituições acolher apenas género feminino ou masculino, obrigando os irmãos de géneros diferentes a separar-se<sup>2</sup> e, conseqüentemente, a vivenciar a mesma situação sem a possibilidade de se apoiarem e ampararem, aquando da separação do agregado familiar e da entrada num contexto absolutamente diferente e desconhecido.

Este aspeto é adequadamente explicitado pelo Instituto para o Desenvolvimento Social (2000):

---

<sup>2</sup> Este fenómeno denomina-se por *separação de fratrias*.

“Nas famílias, os dois géneros convivem dentro do mesmo espaço doméstico, entre irmãos e/ou os membros do casal. Admitindo os lares apenas crianças de um dos géneros, fica-lhes coartado o convívio doméstico com crianças de género diferente, o que implica alguma limitação no favorecimento de referências afetivas diversificadas. Por outro lado, este critério indicia que as fratrias que incluem os dois géneros tenham que ser separadas aquando do acolhimento em lar” (p. 49).

Para além disso, verificam-se vários casos de crianças/ jovens que já estiveram em mais do que um agregado familiar e/ ou em instituições diferentes, o que desencadeia, por um lado, uma necessidade de adaptação constante a contextos diversificados e, por outro lado, instabilidade emocional.

Mais se salienta que muitas das crianças e jovens acolhidos em instituição apresentam sentimentos de culpabilização, uma vez que atribuem a culpabilidade de terem sido retirados ao meio familiar apenas a eles próprios. Isto acontece devido ao facto de, muitas das vezes, o motivo que desencadeou o acolhimento não ter sido especificado ou não estar clarificado para os educandos.

Face aos conteúdos expostos, considera-se que, de um modo geral, as crianças e jovens acolhidos apresentam carências afetivas, procurando muitos deles a atenção do adulto e/ ou dos pares; baixos níveis de autoestima, autoconfiança e valorização pessoal, associados ao sentimento de solidão ou de abandono face à família; dificuldades a nível do relacionamento interpessoal, verificando-se em grande parte das vezes conflitos, podendo estar associados à necessidade de partilhar o espaço e o quotidiano com pares com quem não se identificam ou não empatizam.

Tal como reporta Amado (2003):

“A investigação (...) tem demonstrado que estas crianças revelam, de uma forma tanto ou mais intensa do que as crianças em risco não institucionalizadas, todo um conjunto de características comuns: autoconceito e auto-estima negativa, desinteresse e insucesso escolar, abandono da escola sem obter o grau mínimo de escolarização e, em certos casos, comportamento desviante e marginalização” (p. 33).

Este facto é preocupante e carece da atenção de todos os intervenientes em matéria de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens, uma vez que, de acordo com Carvalho e Cruz (2015):

“As situações traumáticas vividas no seu passado [jovens acolhidos em instituição] (e até no presente) têm impactos inegáveis no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental e projetam-se, muitas vezes, no futuro” (p. 5).

Por conseguinte, urge criar condições e reunir respostas ajustadas, apostando na preparação e formação dos Técnicos envolvidos, no sentido de aprimorar a intervenção junto das crianças e dos jovens em situação de acolhimento institucional para que, aquando da sua saída, se sintam confiantes para enfrentar novos desafios e tenham boas perspetivas de futuro.



## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

### 3.1. Projeto ExperienciARte

De acordo com o descrito anteriormente, vários autores atribuem relevância à Expressão Dramática e ao Teatro como sendo formas de expressão individual e coletiva que contribuem para a capacitação e desenvolvimento de competências dos sujeitos de intervenção envolvidos.

Deste modo, a conceção do presente projeto tem por base duas constatações, sendo que uma se refere precisamente aos benefícios das Expressões Artísticas divulgados na literatura e a outra diz respeito ao contexto onde o projeto tem lugar.

Neste sentido, o projeto advém, por um lado, da experiência pessoal e profissional da investigadora, isto é, da sua afinidade com jovens em situação de acolhimento institucional e, conseqüente proximidade geográfica da instituição selecionada, paralelamente à sua afinidade com atividades no âmbito da Expressão Dramática/Teatro.

De acrescentar que, segundo o diagnóstico efetivado relativamente às atividades existentes na instituição em apreço, foi possível aferir que as jovens participam essencialmente em atividades de carácter desportivo, tais como basquetebol, futsal, *badminton* e voleibol, bem como nos Escuteiros, de forma regular. No que concerne a atividades de carácter artístico, verificou-se que apenas a de Expressão Plástica tem lugar na instituição e que apenas existe em períodos de férias. Conseqüentemente, a autora considerou importante proporcionar a possibilidade das jovens acolhidas participarem noutra atividade de âmbito artístico na instituição, tendo resultado a Expressão Dramática, com a qual muitas delas já se encontravam familiarizadas, através da escola, e algumas demonstraram interesse.

Por outro lado, o projeto decorre da abordagem de inúmeros autores que, por sua vez, reportam os contributos das Expressões Artísticas, em particular da Expressão Dramática, para o desenvolvimento de competências e capacitação dos sujeitos de intervenção.

Atendendo à importância decorrente da Expressão Dramática como forma de intervenção, que foi anteriormente descrita, faz sentido a sua aplicabilidade em contexto de acolhimento de jovens providas de histórias de vida marcadas por sucessivas perdas e ruturas, tendo grande parte delas sido negligenciadas ou mesmo abandonadas pela sua família biológica e figuras de vínculo e referência. Este tipo de privações desencadeia, na maioria dos casos, baixos níveis de autoestima, de autoconfiança e de valorização pessoal, bem como dificuldades quer no relacionamento interpessoal, quer em perspetivar o futuro e em adotar escolhas, acabando por não haver a reflexão necessária que, por sua vez, desencadeia escolhas assentes no facilitismo.

Através das pesquisas anteriormente apresentadas no Capítulo 1, é verificável que a Expressão Dramática representa um papel preponderante na intervenção com diversos públicos, sendo particularmente eficaz com adolescentes, quando consideradas todas as problemáticas que são inerentes a esta etapa da vida, que acaba por revelar-se uma fase transitória da infância para a vida adulta. Isto deve-se ao efeito possibilitador que a Expressão Dramática traduz no reforço de competências, na sua aplicabilidade como meio facilitador de expressão, de reflexão, debate e procura de soluções conjuntas para situações problemáticas e, ainda, na possibilidade de transpor situações reais para uma personagem, como forma de refúgio identitário.

Com base nas considerações e factos supracitados, salienta-se que este projeto, denominado *ExperienciARte*, é de investigação e de intervenção artística, recorrendo em particular à Expressão Dramática, e é destinado às jovens acolhidas num Lar de Infância e Juventude feminino da região centro de Portugal. Considera-se justificável proceder à implementação do presente projeto para verificar a legitimidade atribuída à Expressão Dramática por diversos autores, bem como para potenciar o envolvimento das jovens acolhidas nessa instituição, no decurso de um processo de criação artística, no âmbito da Expressão Dramática, com vista a investigar as consequências que podem advir da sua participação ativa, a nível do seu desenvolvimento pessoal e social.

De acrescentar que a designação atribuída ao projeto – *ExperienciARte* – resulta do conjunto de experiências inerentes às jovens participantes. Esta denominação abrange uma pluralidade de conceitos que compõem o teor da intervenção. Assim, a palavra *Experienciar* refere-se às experiências vivenciadas pelas participantes; a palavra *Arte* refere-se ao carácter dessas experiências, isto é, à Expressão Dramática que, por sua

vez, é uma linguagem artística; e o final da palavra (-te) confere uma determinada ação à segunda pessoa do singular que é referente a cada uma das jovens na sua individualidade. Em suma, a designação corresponde ao que o projeto preconiza essencialmente, que se trata do envolvimento e protagonização por parte de cada elemento do grupo ao longo do processo de experimentação e criação artística.

## **3.2. Contextualização do Projeto**

De acordo com o que foi anteriormente referenciado, este projeto de investigação e intervenção através da Expressão Dramática destina-se a jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude, pelo que será explicitada a sua contextualização no que se refere ao local, grupo de participantes, recursos utilizados, pergunta de partida e objetivos.

### **3.2.1. Caracterização da Instituição**

Este projeto foi implementado num Lar de Infância e Juventude (LIJ), destinado ao acolhimento de crianças e jovens do sexo feminino desprovidas de retaguarda familiar ou cujas famílias foram consideradas desestruturadas ou desprovidas de condições para continuarem com as menores aos seus cuidados. Todas elas foram integradas na instituição através de uma medida de Promoção e Proteção de “Acolhimento em instituição”, decretada pelo Tribunal Judicial.

Neste sentido, refere-se que o LIJ em apreço se situa na região centro de Portugal, pelo que a sua designação e localização exatas não serão divulgadas, de modo a proteger a identidade das participantes e da entidade e, conseqüentemente, a garantir a confidencialidade das informações que provêm do estudo.

No entanto é possível acrescentar que esse LIJ tem acordo de cooperação com o Instituto de Segurança Social, I.P. para proceder ao acolhimento de 40 crianças/ jovens, com idades compreendidas entre os seis e os dezoito anos<sup>3</sup>. Trata-se de uma instituição

---

<sup>3</sup> Como foi descrito no Capítulo 2, as medidas de Promoção e Proteção podem ser prorrogadas até aos 21 anos de idade, mediante desígnio apresentado pelos jovens, pelo que, à semelhança de outras, esta instituição tem acolhidas jovens de idades subseqüentes aos 18 anos, cujo limite máximo é de 21 anos.

de acolhimento de terminologia de longa duração (período superior a seis meses), proporcionando às crianças/ jovens residentes a satisfação das suas necessidades básicas (alimentação, vestuário, cuidados de higiene), bem como o acompanhamento ao nível de saúde e educativo, assegurando condições de vida tão aproximadas quanto possível à da estrutura familiar, promovendo a reintegração na família e na comunidade e ainda capacitando as jovens para a autonomização.

No que concerne às instalações da instituição em apreço, verifica-se que, atendendo à multiplicidade de crianças e jovens que acolhe, o espaço é bastante amplo e existem quatro pisos. Entre as diversas estruturas que a constituem destacam-se as seguintes: sala de visitas; gabinete da equipa técnica; gabinete da psicóloga; gabinete do professor; sala de reuniões; sala de estudo; sala de informática; biblioteca; refeitório, cozinha, copa e despensa; pátio; armazém; salas de convívio; quartos, cujo número de camas é variável (desde uma a quatro em cada quarto); casas de banho; pavilhão; sapataria; rouparias; lavandaria; sótão.

Mais se informa que as sessões de atividades do projeto tiveram lugar no pavilhão situado no interior das instalações do LIJ, o qual se trata de uma sala ampla e detentora das condições necessárias.

### **3.2.2. Caracterização das Participantes**

As jovens acolhidas no LIJ supracitado que ingressaram neste projeto foram as que demonstraram interesse e motivação relativamente ao seu teor, particularidades essenciais para um pleno envolvimento em qualquer atividade artística e, no presente caso, na Expressão Dramática.

Por conseguinte, não se verificou qualquer imposição ou indução à participação, de modo a garantir que todas as jovens que ingressassem no projeto evidenciassem um interesse genuíno, para que o seu envolvimento fosse mais proveitoso e legítimo, sendo que a presente intervenção sustentou-se na atribuição de capacidades de esforço, dedicação e presença nas diversas sessões às participantes.

Neste sentido, o grupo é constituído por sete jovens do género feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos, cujos dados se apresentam na Tabela n.º 1.

Mais uma vez, com o objetivo de proteger a identidade das jovens envolvidas, foi atribuída uma designação a cada uma delas, de modo a não expor os seus nomes próprios, substituindo-os por uma letra associada a um número para as identificar.

Identificação	Idade	Enquadramento escolar
A1	15	9º Ano
B2	20	Já não frequenta escola. Tem emprego.
C3	16	9º Ano
D4	18	Curso Técnico Superior Profissional
E5	12	7º Ano
F6	15	9º Ano
G7	14	Frequência de Ensino Regular (Ano não especificado)

Tabela n.º 1 – Caracterização das participantes no projeto

De acrescentar que apenas uma das jovens [E5] referiu nunca ter estado envolvida em atividades no âmbito da Expressão Dramática/ Teatro, pelo que as restantes têm ou tiveram contacto com esta área artística, particularmente em contexto escolar. Consequentemente, as experiências antecedentes das jovens poderão ter estado na origem do interesse que manifestaram em fazer parte deste projeto.

### **3.2.3. Recursos Humanos, Materiais e Financeiros**

No que se refere aos recursos necessários para a execução do projeto, são indicados os *Recursos Humanos* e os *Recursos Materiais*, sendo que não é aplicável a existência de *Recursos Financeiros*.

Deste modo, os recursos humanos são os seguintes:

- Sete jovens acolhidas no Lar de Infância e Juventude, com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos, resultantes de uma seleção com base no seu interesse e vontade de participar em atividades de Expressão Dramática;
- Investigadora, responsável pela operacionalização das sessões de atividades do projeto;
- Diretora Técnica da instituição para troca de informações regularmente.

Quanto aos recursos materiais foram utilizados os que se seguem:

- Espaço amplo no interior da instituição para o decurso das sessões – pavilhão;
- Materiais diversos, sugeridos esporadicamente na planificação de algumas das sessões;
- Máquina fotográfica e diário de bordo da investigadora (para proceder aos registos audiovisuais e escritos das sessões);
- Diários Individuais das participantes e canetas (para registarem as suas reflexões inerentes a cada sessão).

### **3.2.4. Pergunta de Partida e Objetivos**

Relativamente à pergunta de partida, refere-se que, segundo Quivy e Campenhoudt (2005), “(...) através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor.” (p.32). Os autores em apreço defendem que uma boa pergunta de partida deve ter subjacentes critérios de *clareza*, *exequibilidade* e *pertinência*, sendo que “O exame de uma pergunta de partida deve, portanto, incluir uma reflexão sobre a motivação e as intenções do autor, ainda que não possam ser detectadas no enunciado da pergunta (...)” (*Op. Cit.*, p.40).

Por conseguinte, a pergunta de partida inerente à presente investigação foi definida com base na consideração dos aspetos que se pretendem estudar, contidos nas atividades de Expressão Dramática direccionadas às jovens acolhidas participantes, tendo resultado da seguinte forma: ***Qual é o contributo da Expressão Dramática no desenvolvimento pessoal e social de jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude?***

No sentido de dar resposta a esta questão foi formulado um objetivo geral inerente à presente investigação, bem como determinados objetivos específicos que de seguida se apresentam.

De acordo com Sousa e Baptista (2011):

“O objectivo geral indica a principal intenção de um projecto, ou seja, corresponde ao produto final que o projecto quer atingir.” (p.26). Os objetivos específicos, por sua vez, “Permitem o acesso gradual e progressivo aos resultados finais. Devem demonstrar o objectivo geral, pelo que terão de se formular em termos operativos, o que deixará avaliar da sua concretização” (p.26).

Assim, este projeto tem como objetivo geral:

- Aferir qual o impacto da implementação de um projeto de Expressão Dramática, a nível do desenvolvimento pessoal e social de jovens acolhidas num Lar de Infância e Juventude.

Por sua vez, os objetivos específicos deste projeto são os seguintes:

- Aferir características pessoais das participantes antes e após a sua participação nas atividades do projeto, concretamente a autoestima e as estratégias de resolução de problemas;
- Aferir características sociais das participantes antes e após a participação nas atividades do projeto, no que se refere à integração social e ao trabalho em equipa;
- Estimular o interesse e a vontade de participar em atividades de Expressão Dramática;
- Atribuir às jovens um papel ativo e participativo na construção de um projeto de criação artística;
- Asseverar um ambiente propício à gratificação e valorização pessoal;
- Reforçar a coesão e sentido de pertença do grupo das participantes;
- Fomentar a criatividade individual e coletiva.

### 3.3. Descrição e Fases do Projeto

O início das atividades foi apontado para Janeiro, de modo a garantir o mínimo possível de interrupções referentes a férias – entre o final das férias de Natal e o início das férias da Páscoa –, para que a dinâmica não fosse afetada e fosse mais fluente.

As sessões de atividades decorreram no interior do LJJ, tal como foi anteriormente indicado, tendo uma periodicidade semanal – Sexta-feira – por ser o dia em que se confirmou existir uma maior disponibilidade. Não obstante a duração prevista ter sido de duas horas, não foi possível cumprir esse desígnio, devido às rotinas internas da instituição. Consequentemente, foi estipulado o horário definitivo para as 20h30 até às 22h00, de modo a não interferir com as rotinas que se referem ao jantar e à utilização dos telemóveis, respetivamente.

Esta alteração de durabilidade para uma hora e meia, fez com que cada sessão fosse mais célere, havendo menos tempo disponível para aprofundar um pouco mais os temas explorados. Isto porque cada uma das sessões tem um tema associado que, por sua vez, permite trabalhar diferentes competências, descritas nos objetivos da planificação da sessão.

Mais se refere que a duração do projeto foi estipulada para três meses. Quanto às atividades salienta-se que são planeadas consoante o decurso da antecedente, de modo a atribuir um papel ativo e liberdade às participantes na definição dos conteúdos que queiram acrescentar face aos aspetos a abordar definidos pela autora.

Neste sentido, foi criada uma rotina que se encontra presente em todas as sessões, fragmentando cada sessão em três momentos, designadamente *Explorar*, que incide essencialmente em dinâmicas introdutórias de aquecimento; *Criar*, que remete para a ação de improvisação e/ou dramatização; e *Refletir*, que consiste na partilha de opiniões e ideias resultantes da sessão, oralmente perante o grupo e por escrito individualmente, através do preenchimento do *Diário Individual*.

Após ter sido definido o grupo das jovens interessadas em integrar este projeto, composto por sete elementos, foi realizada a primeira sessão, no dia 08/01/2016, após a interrupção letiva referente ao Natal. Esta sessão inicial (Sessão n.º 0) foi destinada essencialmente a apresentar o projeto e a proceder às apresentações pessoais da autora e

das participantes, tendo sido apresentados os *Diários Individuais*, cuja capa foi personalizada por cada uma delas; foram aplicados os questionários iniciais e concretizadas duas atividades de partilha interpessoal – “Como Sou” – e de argumentação e imaginação – “Fuga aos Tubarões”, respetivamente, no sentido de motivar o grupo e começar a desenvolver relações de empatia.

Na sequência do primeiro contacto estabelecido nesta sessão, em que se verificou uma sugestão corroborada por diversos elementos do grupo que consiste em atribuir protagonismo a cada participante na dinamização de uma atividade direcionada aos restantes elementos, surge um novo momento para agregar aos três referenciados e descritos anteriormente, a ***Sugestão de Grupo aleatória***. Para concretizar este último momento das sessões, que segue o momento *Refletir*, cada jovem escreveu num pedaço de papel a sua sugestão de atividade, sendo que em cada sessão uma jovem, por ordem alfabética, ficou responsável por retirar um papel aleatoriamente. A atividade que constasse nesse papel seria então dinamizada pela participante que a escrevera/ sugerira. Este é indubitavelmente um momento do agrado de todas as participantes, que se mostraram satisfeitas, motivadas, divertidas e implicadas ativamente na função de promotoras, que lhes exigiu o desenvolvimento das suas capacidades de comunicação, liderança e conseqüente valorização pessoal.

De acrescentar que as atividades sugeridas e dinamizadas pelas próprias participantes permitiram também em si mesmas trabalhar competências de improvisação (exemplo: *Que é que estás a fazer?* da jovem D4); associação (exemplo: *Quando nasci disse...* da jovem E5); conhecimento intra e interpessoal (exemplos: *Características* da jovem F6 e *Quem sou* da jovem G7); memória (exemplo: *Prézi Prézi* da jovem C3), colaboração coletiva (exemplo: *Esparguete* da jovem A1) e expressão corporal (exemplo: *Mímica* da jovem B2).

Face ao exposto, as sessões foram organizadas de modo a incitar as participantes para o envolvimento pessoal num processo de criação em grupo, familiarizando-as com os principais elementos teatrais que foram explorados ao longo das sessões, entre os quais se destacam a utilização do espaço; a criação de personagens e contracena; a dicção, projeção e entoação vocal; o recurso aos adereços, guarda-roupa, maquilhagem e cenários.

Relativamente ao modo como decorre o projeto, afirma-se que este se encontra dividido em cinco fases fundamentais, que são sucintamente descritas na Tabela n.º 2:

Fases	Sessões	Datas	Descrição
1ª Fase	Sessão Inicial/ Sessão n.º 0	08/01/2016	Aplicação dos Questionários Iniciais às participantes; Apresentação do Projeto e das Sessões de atividades; Conhecer o grupo e criar empatia.
2ª Fase	Sessão n.º 1 até Sessão n.º 8	15/01/2016 a 11/03/2016	Incentivar a criatividade e imaginação; Promover o trabalho em equipa, o relacionamento, a cooperação e a integração do grupo; Desenvolver competências de comunicação, atenção, memória, concentração, coordenação motora, sentido rítmico, negociação e improvisação; Propiciar noções e experimentações relacionadas com elementos teatrais.
3ª Fase	Sessões extras: Sessão n.º 9 até Sessão n.º 19	16/03/2016 a 05/04/2016	Construção de um guião com a história e as personagens criadas e Ensaios, provenientes do desígnio manifestado pelo grupo em apresentar a sua criação coletiva aos outros elementos da instituição (colegas e funcionários).
4ª Fase	Apresentação final da peça	06/04/2016	Apresentação no refeitório da instituição; Assistência constituída pelas outras crianças e jovens acolhidas e pelas funcionárias; Contribuiu para as participantes partilharem a sua criação artística junto daqueles que as acompanham no seu dia-a-dia e para aprimorar a sua gratificação, satisfação e valorização pessoal.
5ª Fase	Sessão Final/ Sessão n.º 21	13/04/2016	Aplicação dos Questionários Finais; Recolha dos depoimentos das participantes e reflexões finais nos Diários Individuais.

**Tabela n.º 2 – Fases do projeto**

No que se refere à criação conjunta das personagens e da história por parte do grupo que posteriormente foi apresentada, importa informar que seguiu um processo que partiu da autoria de cada uma das jovens individualmente, através de um mero objeto. Ao longo do processo adotado nas diversas sessões, as personagens foram definindo e

aprimorando as suas características e foram-se integrando no grupo, surgindo ligações entre elas. Quanto à história, foi, do mesmo modo, sendo estruturada e complementada pelas ideias de cada participante quer isoladamente, quer integrada no grande grupo.

Este processo criativo serviu para as jovens se sentirem úteis e colaborativas, desenvolvendo a sua imaginação e criatividade, paralelamente ao avultado interesse, dedicação e entusiasmo que foram evidenciando ao longo das sessões. Como a apresentação pública foi um desígnio partilhado por todas elas, acabou por ser um incentivo à plena envolvência e, no final, contribuiu nitidamente para reforçar o sentimento de pertença ao grupo e a valorização pessoal.

De modo a aprofundar o conhecimento dos conteúdos das sessões de atividades, é possível consultar as planificações de atividades que se encontram presentes no Anexo 1, assim como as informações recolhidas pela investigadora no seu diário de bordo, disponibilizadas no Anexo 4.

### **3.4. Opções metodológicas**

“(…) a pesquisa no terreno não pode ser delineada de um modo claro e nítido, enquadrado no modelo linear de passos ou estádios, porque o investigador tem de lutar com uma grande variedade de situações sociais, perspectivas e problemas” (Burgess, 1997, p.6).

Tendo por base este facto enunciado por Burgess, refere-se que ao longo deste projeto todas as situações e procedimentos foram adotados e reajustados mediante os acontecimentos observados, tendo sucedido em diversos níveis. A nível das atividades, por exemplo, pois foram programadas segundo as opiniões e desígnios divulgados em cada sessão pelo grupo de estudo, isto é, pelas jovens acolhidas na instituição que participaram nas atividades; e a nível do próprio estudo, uma vez que foi desenhado e consolidado ao longo do processo de intervenção e das constatações que daí decorreram.

Consequentemente, a investigação no âmbito deste projeto tem como base o paradigma interpretativo, uma vez que tem um enfoque na compreensão e interpretação das situações sociais, priorizando as perspetivas relacionadas com as vivências das jovens participantes. Por conseguinte, é adotada uma abordagem essencialmente qualitativa,

baseada na observação direta e no registo de atitudes, necessidades, pontos de vista e motivações das participantes, no sentido de possibilitar a recolha de informações pertinentes para este estudo de investigação, no que concerne às suas experiências pessoais e sociais, de modo a aferir as consequências daí resultantes.

De acordo com Sousa e Baptista (2011):

“A investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados, e não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos, como acontece com a investigação quantitativa” (p.56).

Neste sentido, as autoras em apreço consideram que o estudo de carácter qualitativo “Apresenta um maior interesse no próprio processo de investigação e não apenas nos resultados” (*Op. Cit.:* p.56).

Para além das técnicas qualitativas adotadas, foram também utilizadas técnicas quantitativas, no que se refere ao tratamento de dados subsequente, uma vez que este comporta uma análise estatística decorrente da análise dos conteúdos recolhidos e registados junto das participantes e da interpretação dos questionários aplicados.

Atendendo ao facto desta investigação ser de carácter interventivo, é utilizado o método de Investigação-Ação, envolvendo o grupo de estudo a colaborar no processo e, tal como foi referido, é realizada a observação direta. De acordo com Lopes (2011:118), a Investigação-Ação desenvolve-se através das seguintes etapas: *Planificação*, *Atuação*, *Observação* e *Reflexão*. De acrescentar que foram adotados procedimentos característicos da Investigação-Ação ao longo do estudo, tais como momentos de ação e momentos de reflexão crítica.

Segundo Sousa e Baptista (2011), o método de Investigação-Ação trata-se de:

“(…) uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de acção (...) mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças (...)” (p.65).

Estas autoras acrescentam que “A investigação-acção é participativa e colaborativa, no sentido que implica todos os intervenientes no processo” (p.65).

No que se refere à observação direta de cariz participante preconizada pela investigadora no contexto onde o projeto tem lugar, esta é aplicada através do envolvimento direto com os sujeitos de intervenção.

A este propósito, Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994) consideram que:

“Na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal de observação. (...) o investigador *pode compreender* o mundo social *do interior*, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa” (p.155).

Burgess (1997), por sua vez, acrescenta que o “(...) básico para a condução da pesquisa de terreno é o desenvolvimento de relações entre o investigador e aqueles que são investigados” (p.5), dado que “(...) ganhar confiança e estabelecer relações é uma parte fundamental do envolvimento do investigador na cena social” (p. 100). Para além disso, o autor defende que “a vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais” (Op. Cit.: p.86).

Por conseguinte, a postura da responsável pela criação e dinamização deste projeto é colaborativa, assumindo um papel de mediação, através da promoção da ação e reflexão das intervenientes, incitando à sua criação artística sem estabelecer barreiras às ideias individuais e do grupo, de modo a obter um processo de criação centrado no contributo de cada uma das participantes. Ao longo das sessões foi afirmada a posição individualizada de cada jovem, sendo que a etapa *Criar* transpareceu o cunho pessoal de cada uma delas nas criações coletivas.

### **3.5. Instrumentos de Recolha de Dados**

No diz respeito aos instrumentos de recolha de dados, este estudo de investigação é suportado pela aplicação de dois questionários às participantes, que foram diretamente entregues em mão e preenchidos pelas próprias, bem como pela distribuição de um *Diário Individual* por cada uma delas, no qual apresentaram por escrito as suas reflexões decorrentes de cada uma das sessões. Para além disso, refere-se a existência de um *Diário de Bordo*, onde foram reportadas as observações e anotações da

investigadora ao longo de cada sessão, e de fotografias e vídeos que foram recolhidos pelas participantes.

Relativamente aos questionários refere-se que foram construídos tendo por base a conjugação de duas escalas existentes – *Escala de Autoconceito*, da autoria de Piers-Harris, designada “Children’s Self-Concept Scale 2)”, que foi adaptada por Feliciano Veiga (2006) e *Escala de Auto-Eficácia Geral*, adaptada por José Ribeiro (1995) –, com o intuito de conhecer algumas das características pessoais e sociais das participantes, de modo a possibilitar uma análise comparativa entre a fase antecedente e a fase posterior da intervenção, bem como a aferência das consequências daí provenientes, respondendo à pergunta de partida e aos objetivos do projeto.

Por conseguinte, o **Questionário Inicial**, denominado “Como Sou” (Anexo 2), foi distribuído às participantes aquando do início do projeto, particularmente antes das atividades da Sessão n.º 1 e o **Questionário Final** (Anexo 2) teve lugar na sessão final do projeto. A análise comparativa dos dados obtidos foi processada subsequentemente através do programa *IBM SPSS Statistics*, atendendo ao facto dos questionários incidirem numa perspetiva quantitativa.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2005), a aplicação de questionários confere “a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (p.189).

No que concerne ao **Diário Individual de cada participante** (Anexo 3), estes foram redigidos individualmente no final de cada sessão, aquando do momento *Refletir*, no sentido de possibilitar a avaliação das experiências, no que se refere a sentimentos, adequação, vivências, perspetivas positivas e negativas, aspetos a melhorar e outros conteúdos que as jovens pretenderam partilhar.

Referenciando os diários individuais das participantes, Burgess (1997) constata que:

“(…) é aqui que as pessoas facultam um conjunto de pensamentos, acontecimentos e sentimentos que são considerados importantes. É um documento que é produzido espontaneamente” (p.141).

Por conseguinte, o instrumento de recolha de dados em apreço é utilizado grande parte das vezes numa tipologia qualitativa das investigações, pois permite ao investigador ter conhecimento de informações que podem ou não ser mensuráveis, relativamente aos

sujeitos de intervenção, contribuindo para uma melhor compreensão do que sentem e pensam.

Quanto ao **Diário de Bordo da investigadora** (Anexo 4), refere-se que foi utilizado no decurso de todas as sessões, constituindo-se como meio de registo das suas observações e considerações. Consequentemente, este instrumento contém informações muito variadas e consideradas pertinentes, subdividindo-se em registos de situações e ideias, também designados *notas de campo*, e em aspetos observados aquando do contacto direto com as participantes, embora não tenha sido padronizada nenhuma grelha de observação.

Mais se refere que ao longo das sessões foram efetivados **registos audiovisuais** pelas próprias participantes, através do recurso a uma máquina fotográfica, tendo sido retratado o processo criativo segundo o *olhar* das intervenientes, sendo que as fotografias e filmagens que daí resultaram, serviram também de suporte à investigação.

De acordo com Erickson (1986), citado em Lessard-Hébert *et.al.* (1994):

“O conjunto do material compilado no campo não é, em si mesmo, um conjunto de dados, mas é, sim, uma fonte de dados. As notas de trabalho, as gravações em vídeo e os documentos respeitantes ao local do estudo não são dados. (...) Tudo isto constitui material documental a partir do qual os dados serão construídos graças aos meios formais que a análise proporciona.” (p.107).

Pelo exposto, depreende-se que todo o material recolhido junto dos sujeitos de intervenção é um suporte fulcral para a investigação, sendo que no âmbito deste projeto foi reunido *material documental* através dos instrumentos precedentemente descritos: questionário inicial, questionário final, diário individual das participantes, diário de bordo da investigadora e registos audiovisuais (fotografias e vídeos).



## **CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

De acordo com Sousa e Baptista (2011), “após a recolha de informação, o investigador terá necessidade de proceder à sua selecção” (p.107), pelo que este procedimento foi aplicado relativamente aos instrumentos de recolha de dados utilizados que foram anteriormente descritos.

Quivy e Campenhoudt (2005) remetem para a relevância da análise de conteúdo, apontando que “(...) oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (...)” (p.227).

Consequentemente, “na análise das informações, os dados observados serão submetidos a diversas operações estatísticas que visam dar-lhes a forma exigida pelas hipóteses da investigação” (*Op. Cit.*, p.184).

Tendo em conta estas indicações e os conteúdos formulados anteriormente, coloca-se agora em evidência a apresentação categorizada, comparativa e detalhada dos dados observados, recolhidos e tratados qualitativamente e quantitativamente, através do programa *IBM SPSS Statistics*.

De modo a obter uma maior organização e a facilitar a leitura, este procedimento de análise subdivide-se em três componentes, referentes à análise dos conteúdos provenientes dos instrumentos de recolha de dados utilizados, designadamente Questionários Iniciais e Finais [4.1], Diários Individuais das participantes [4.2] e Diário de Bordo da investigadora [4.3]. Posteriormente é apresentada a síntese e discussão dos resultados [4.4].

### **4.1. Análise dos Questionários Iniciais e Finais**

Através dos **Questionários Iniciais** (Anexo 2), aplicados na primeira fase da implementação do projeto, antecedendo as sessões de atividades, foi possível ter

conhecimento das idades específicas das sete participantes e da sua contextualização escolar (consultar a Tabela n.º 1 – Caracterização das participantes no projeto, p. 43). Para além disso, foi transmitido que apenas um dos elementos do grupo nunca tinha tido contacto com a área artística do projeto – Expressão Dramática/ Teatro. Todas as restantes participaram em atividades desta natureza na escola, sendo que apenas uma delas esteve integrada num grupo de teatro, também pertencente ao seu estabelecimento de ensino.

Relativamente aos motivos que as conduziram a este projeto, as participantes foram consensuais em apresentar o seu gosto pela *representação/ dramatização/ Expressão Dramática/ Teatro* como o principal motivo (referenciado pelas jovens A1, B2, C3, D4, E5, F6). Para além disso, três delas referenciaram a *diversão* como acréscimo desse motivo (C3, E5 e G7); duas manifestaram o seu interesse por *novas experiências* (B2 e C3); uma acrescentou que gostava dos *acessórios* inerentes à Expressão Dramática (A1) e outra apontou *ultrapassar a timidez e sentir-se mais desinibida* como o seu principal motivo (G7).

Por sua vez, as expectativas apresentadas pelas jovens face ao grupo foram fundamentalmente que seja *unido* e que tenha uma *boa relação* (mencionado pelas jovens C3, F6 e G7); que haja *capacidade de trabalhar em grupo* (C3 e D4); duas esperam que proporcione *diversão* (A1 e G7); uma delas indicou que *tenhamos força de vontade para seguir em frente* (B2); outra espera *que seja um grupo inovador* (D4); uma reportou que gostaria de *sair daqui a imitar todas as vozes e a dramatizar* (E5) e, por último, outra jovem referiu que *seja algo que estimule as nossas capacidades* (G7).

Quanto às sugestões, opiniões ou informações a acrescentar, apenas foi obtida resposta por parte de três jovens que indicaram o seu desígnio de proceder a uma apresentação do resultado final. Mais concretamente referiram: poder *partilhar com outros as criações do grupo* (B2); *realizar um encontro intergeracional e apresentar na instituição* (D4); *partilhar o que for realizado com outras instituições, bem como divertimento e trabalho para nos tornarmos mais desinibidas* (G7).

No que se refere aos **Questionários Finais** (Anexo 2), aplicados na fase final do projeto, após conclusão de todas as sessões do projeto, bem como depois do momento da apresentação final, foi possível proceder quer a um balanço e avaliação das

atividades desenvolvidas, quer a uma reflexão final por parte das participantes. No decurso das reflexões, as participantes apresentaram as suas opiniões relativas a diversos aspetos, desde as suas vivências em grupo, às suas vivências enquanto personagens que elas próprias criaram.

Como não poderia deixar de ser, foi colocada a questão: “Gostaste de participar neste projeto de Expressão Dramática/ Teatro?”, sendo que a totalidade das participantes evidenciou o seu agrado, selecionando “Sim” entre as restantes opções de “Não” e de “Mais ou menos”. A maioria das jovens justificou a sua resposta afirmativa com o seu *gosto pela representação, dramatização e Teatro* (dito por A1, C3, E5 e F6). De acrescentar que duas jovens referiram que gostaram da responsável do projeto (E5 e G7); a jovem C3 afirmou que *achei o projeto interessante*; a D4 considera que este projeto *ajudou-me a crescer e a fortalecer o trabalho em equipa* e a G7 acrescentou que *Adorei, fez superar algum stress da vida e aliviar da vida lá fora (...)* através da respetiva personagem.

No que diz respeito à concretização das expectativas, todas as participantes afirmaram que tinham sido concretizadas, referenciando motivos divergentes. Resumidamente, os motivos apresentados por cada uma das jovens são os seguintes:

- *Consegui divertir-me e aprender alguns jogos novos (A1)*
- *Para além do entusiasmo que me deu em cada sessão, gostaria de poder voltar a elaborar outro projeto destes mas de forma diferente (B2)*
- *Com ajuda dos nossos diários individuais podemos dizer o que gostávamos de fazer entre outras coisas e isso ajudou muito a realizar alguns desejos nossos e também ajudou a [responsável] a compreender as nossas dificuldades (C3)*
- *Não estava à espera de conseguirmos alcançar tanto "sucesso" (D4)*
- *Eu esperava fazermos uma história e foi isso que aconteceu (E5)*
- *Fiz aquilo que gosto (F6)*
- *Foram superadas (...) nem estava muito ansiosa ou estimulada para o Teatro, sempre adorei fazer rir os outros, mas a partir desta nova experiência tornei-me mais "noutra personagem" (...). Sem ela [a responsável do projeto] muitas de nós, incluindo eu, teria desistido (G7).*

No que concerne às situações que mais e que menos gostaram, as participantes foram bastante abrangentes nas suas respostas face ao que mais gostaram, predominando os jogos e os aspetos referentes à peça nas suas declarações. Por outro lado, as suas respostas sobre o que menos gostaram foram, de um modo geral, unânimes e relativas a problemas entre o grupo sobretudo no que se refere a um dos elementos, na sequência

de acontecimentos que estiveram na origem da sua saída do grupo. Estas considerações encontram-se apresentadas em detalhe na Tabela n.º 3, referente às situações que as participantes mais e menos gostaram no projeto.

Identificação	Situações que mais gostou	Situações que menos gostou
A1	<i>Jogos e imitação de pessoas</i>	<i>Escrever o diário</i>
B2	<i>Tudo menos ter de tomar uma decisão negativa perante um elemento do grupo</i>	<i>Ter de tomar uma decisão negativa perante um elemento do grupo</i>
C3	<i>Do dia em que filmamos o vídeo lá fora (entusiasmo de todas) e ainda mais da realização final</i>	<i>Dos dias em que construímos os guiões e dos dias em que estávamos mais cansadas e pouco concentradas</i>
D4	<i>Os momentos alegres e divertidos do projeto</i>	<i>Das atitudes de um elemento do grupo por não terem sido adequadas às situações que se deparavam</i>
E5	<i>Representar porque gosto</i>	<i>Desrespeito e falta de educação, porque acho que as pessoas não devem ser assim</i>
F6	<i>As minhas situações</i>	<i>Demorámos muito porque estávamos muitas vezes a brincar</i>
G7	<i>Os jogos, as reflexões e sem dúvida começar a ensaiar a peça, de poder não ser a X mas neste caso o Rui, que sem dúvida me deu um enorme gozo criar e desempenhar esse papel</i>	<i>As desavenças entre o grupo, algumas faltas de respeito e de comunicação entre os elementos; o facto de ser à noite, por vezes não estava tão desperta, mas mesmo assim foi fantástico</i>

**Tabela n.º 3 – Situações que as participantes mais e menos gostaram no projeto**

Posteriormente foi colocada uma questão alusiva à existência de aprendizagens significativas decorrentes do projeto, pelo que quatro jovens responderam afirmativamente, destacando-se o *trabalho em grupo* entre a maior parte das declarações (referido pelas jovens B2, C3 e D4). Mais se refere que a jovem G7 considera a aprendizagem de *deixar os problemas de parte quando entras no trabalho, na escola, no teatro, em qualquer situação* como sendo a mais notável para ela.

Outra das questões colocadas evidenciou que todas as participantes, sem exceção, manifestaram o desígnio de *voltar a participar num projeto semelhante*, pois

sumariamente consideram que a sua experiência foi *divertida* (enunciado pelas jovens A1 e G7), pelo que gostariam de *repetir* (C3, D4 e E5). Foi ainda transmitida vontade de *fazer mais alguma peça* (A1), *para fazer aquilo que aprendi aqui* (C3), bem como algumas opiniões mais introspetivas, tais como: *este é um projeto que me chama a atenção, dá força de vontade e gosto de expressar o que me faz sentir bem comigo mesma* (B2); *adoro este tipo de coisas* (F6); *fez-me divertir, mostrar outro lado de mim, ver que até nem sou aquela pessoa que gosta mais de estar sozinha, porque este projeto fez-me crescer em termos de participar e trabalhar em união e grupo* (G7).

Por fim, foi solicitado que as participantes expusessem as suas considerações relativamente ao que foi *mais importante da experiência que tiveram*, pelo que, de um modo geral, foram divulgadas respostas associadas a aprendizagens e a conquistas (consultar a Tabela n.º 4).

<b>Identificação</b>	<b><i>O que consideras mais importante da experiência que tiveste?</i></b>
A1	<i>Aprendi a trabalhar em grupo.</i>
B2	<i>Considero tudo importante, porque acabamos por aprender novas coisas todos os dias.</i>
C3	<i>(...) ter conseguido fazer o meu melhor (...); todos os momentos que passamos a rir-nos (...); ficou aqui o sorriso de todos, o que significa que todos ficaram satisfeitos (...).</i>
D4	<i>Tudo foi importante para crescermos e conseguirmos enfrentar as adversidades que atravessam os nossos caminhos.</i>
E5	<i>Saber trabalhar e viver em grupo.</i>
F6	<i>O meu ser e aquilo que fui cá.</i>
G7	<i>O convívio com a [responsável], as lições que todas aprendemos umas com as outras, os risos, as más disposições, (...) conhecer um pouco mais de mim que nem eu sabia que existia.</i>

**Tabela n.º 4 – Considerações referentes ao que foi mais importante da experiência das participantes**

As escalas referenciadas anteriormente foram aplicadas em ambos os questionários e o preenchimento do seu conteúdo permitiu apurar a forma como as próprias jovens se descrevem quer a nível pessoal, quer a nível social. A dupla aplicação das mesmas questões nas fases antecessora e sucessora das atividades do projeto permitiu estabelecer uma análise comparativa que, por sua vez, serviu para dar resposta à

pergunta de partida, isto é, para aferir as potenciais mudanças consequentes da intervenção.

Neste sentido, foram abordadas as seguintes características, através da fragmentação dos itens de resposta do seguinte modo:

- **Autoestima**, decorrente da diferença entre a Autoconfiança (composta por seis itens: *sinto-me à vontade para falar em público; sou simpática; gosto de mim como sou; reconheço as minhas capacidades e potencialidades; sou boa pessoa; sou feliz*) e a Autodepreciação (composta por dois: *custa-me muito falar em público; gostava de ser diferente daquilo que sou*).
- **Estratégias de Coping e Resolução de Problemas**, resultantes da diferença entre Enfrentar/ Lidar com o Problema (com dois itens associados: *quando preciso, peço ajuda; quando sinto alguma dificuldade, esforço-me porque sei que sou capaz*) e Estratégias de Negação (com quatro: *quando sinto alguma dificuldade, desisto, alguém irá resolver por minha vez; meto-me frequentemente em brigas e/ou sarilhos; não me sinto capaz de enfrentar muitos dos problemas que se me deparam; normalmente desisto das coisas antes de as ter terminado*).
- **Sentimento de Integração Social**, obtido através da diferença entre Integração Social/ Socialização (abordada em seis itens: *tenho facilidade em fazer amigos; gosto de trabalhar em grupo; sinto-me valorizada pelos outros; relaciono-me bem com as outras pessoas; os meus amigos gostam das minhas ideias; tenho muitos amigos*) e Desintegração Social/ Alienação (em três: *sinto que os outros não querem saber de mim e põem-me de parte; prefiro trabalhar sozinha do que em grupo; tenho poucos amigos e sinto-me sozinha*).

De acrescentar que três dos itens presentes nas grelhas de resposta não foram contabilizados em nenhuma das categorias do estudo, anteriormente enunciadas, designadamente *sou reservada, não gosto de falar sobre mim para qualquer pessoa; sou tímida; as pessoas gozam comigo*. Isto deve-se ao teor destes conteúdos não se evidenciar aplicável nos termos deste estudo.

Tal como foi mencionado anteriormente, os dados foram submetidos no programa *IBM SPSS Statistics* para tratamento, tendo resultado as seguintes constatações que passam agora a ser descritas:

- A média do total da Autoestima Inicial e do total da Autoestima Final aumentou, indicando que, de um modo geral, **a autoestima das participantes aumentou** após a intervenção.

Este facto pode verificar-se através do Gráfico n.º 1, sendo que mais se refere que o valor mínimo de autoestima se manteve (10), mas o valor máximo aumentou (de 19 passou a 20). Neste sentido, conclui-se que a maior parte das participantes evidencia graus elevados de autoestima, quer no início, quer no final da sua participação nas sessões de atividades de Expressão Dramática.

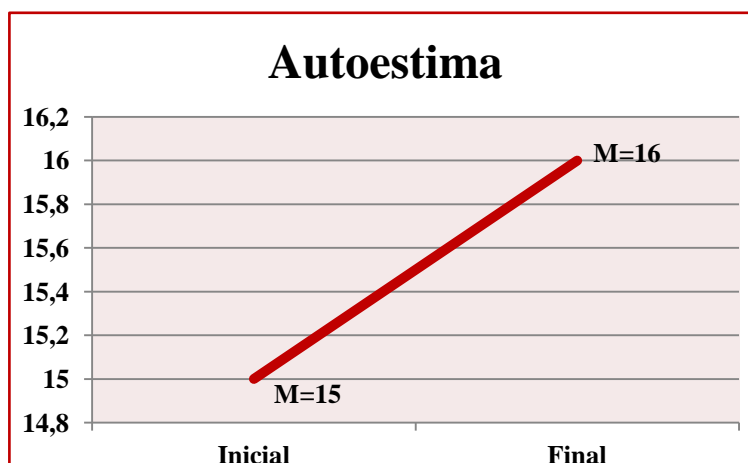


Gráfico n.º 1 – Média Total da Autoestima Inicial e Final

- A média do total das Estratégias de *Coping* e Resolução de Problemas Inicial e do total das Estratégias de *Coping* e Resolução de Problemas Final também demonstra um claro aumento, pelo que, na generalidade, **as participantes aumentaram a sua capacidade de fazer face aos problemas** após a intervenção, minorando as estratégias de negação adotadas.

Esta constatação pode verificar-se através do Gráfico n.º 2, sendo relevante acrescentar que a maior parte das participantes demonstra um nível intermédio de Estratégias de *Coping* e Resolução de Problemas. No entanto é possível verificar que os valores de *Coping* mínimo e máximo aumentaram (de 15 para 16 e de 22 para 24, respetivamente).

Por conseguinte, o aumento desta característica no final do projeto é manifestamente considerável (42,9% das participantes estão associadas a um nível muito bom).

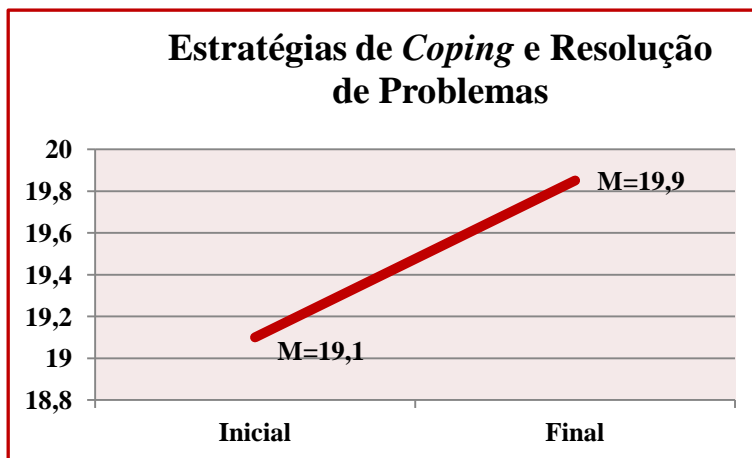


Gráfico n.º 2 – Média Total das Estratégias de Coping e Resolução de Problemas Inicial e Final

- A média do total do Sentimento Inicial e Final de Integração Social, por sua vez, manifesta de igual modo um aumento, embora seja pouco significativo. Assim, é de se concluir que **parte das participantes aumentou o seu sentimento de integração social** e capacidade de trabalhar em grupo.

Tal aspeto confirma-se através do Gráfico n.º 3, sendo que é, de igual modo, relevante reportar que a distribuição dos valores referentes ao sentimento de integração social é bastante heterogénea, quer no início, quer no final da intervenção. Contudo, à semelhança do constatado anteriormente no âmbito das estratégias de *Coping* e resolução de problemas, verifica-se mais incidência de respostas positivas, isto é, associadas a níveis muito bons, pelo que o valor mínimo de Integração Social se manteve (11), mas o valor máximo aumentou (de 17 para 18), aquando do final da intervenção.

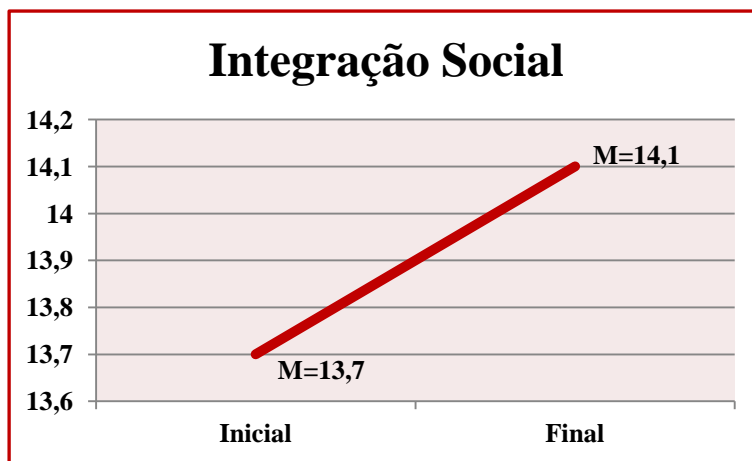


Gráfico n.º 3 – Média Total da Integração Social Inicial e Final

Em suma, os dados obtidos indicam que todos os aspetos estudados foram desenvolvidos através da participação nas sessões de atividades do projeto, sendo possível aferir que todos eles aumentaram. Assim, as jovens demonstraram que a sua autoestima foi aprimorada, podendo dever-se ao facto de terem lidado com situações e propostas de trabalho que lhes conferiram a capacidade de trabalhar em grupo, formulando respostas a problemas e negociando perante as situações que se lhes deparavam, o que, conseqüentemente, lhes desencadeou o sentimento de valorização pessoal e autoconfiança, assim como reforçou as suas competências de trabalho em equipa e de *Coping* e resolução de problemas. Mais se verifica que estas conquistas advêm essencialmente do processo de criação artística vivenciado pelo grupo, que foi autor em exclusividade de todas as personagens e da totalidade do enredo imaginado e transposto para a peça de teatro, mas também foram consumadas com a apresentação final, pela qual as jovens se mostraram fortemente motivadas na construção e preparação e bastante orgulhosas do resultado que lhes trouxe elogios e apreciação por parte das colegas e das funcionárias da instituição o que, por sua vez, contribuiu muito para reforçar a autoestima e o ego de cada uma delas e do próprio grupo.

#### 4.2. Análise dos Diários Individuais das participantes

No que concerne a este instrumento de recolha de dados, refere-se que, atendendo ao exposto anteriormente, foi redigido pelas participantes no momento *Refletir* de cada sessão, no sentido de obter o registo pessoal das reflexões inerentes às suas vivências.

Considerando o teor das informações reportadas nestes diários, que poderão ser consultadas integralmente no Anexo 3, é possível constatar a existência de pontos em comum descritos pelas jovens, pelo que estes se encontram organizados e apresentados por categorias.

Resumidamente, os aspetos que foram mais destacados pelas intervenientes e partilhados nos seus diários individuais são os que se encontram evidenciados na Tabela n.º 5:

<b>Categorias</b>	<b>Evidências</b>
<b>Satisfação com as experiências e sessões</b>	<p>- <i>Hoje adorei o teatro ou o grupo com a Joana.</i> [A1, 15/01/2016]</p> <p>- <i>Gostei muito desta sessão mesmo!</i> [F6, 15/01/2016]</p> <p>- <i>Bem, hoje eu não estava muito bem mas o facto de ter vindo ajudou-me bastante a esquecer os meus problemas e deixando as minhas fúrias lá fora! Foi uma junção de ideias bastante consensual, que me ajudou muito (...).</i> [G7, 15/01/2016]</p> <p>- <i>Achei muito engraçado (...) Ficou bué giro. Quero repetir!</i> [E5, 22/01/2016]</p> <p>- <i>Hoje gostei muito da atividade, estava mais dentro das minhas expectativas (...)</i> [C3, 05/02/2016]</p> <p>- <i>Foi um máximo, amei. Nesta sessão foi uma das melhores. (...) Tínhamos cenário e tudo. Adorei. (...) Quero repetir esta sessão! Vou ser sincera, ao início não estava a gostar muito disto. Mas esta sessão fez-me mudar de ideias.</i> [E5, 05/02/2016]</p> <p>- <i>Bem, cheguei a meio da tertúlia ahahaha, mas diverti-me na mesma, (Adorei esta “tertúlia”!). Obrigado. Gosto muito de ti.</i> [G7, 05/02/2016]</p> <p>- <i>Hoje adorei a sessão pois utilizei uma peruca, uns óculos redondos e uma saia amarela. Depois fui fazer de polícia à paisana, mas ainda não acabamos a peça. Gostei muito, para mim a sessão foi muito agradável.</i> [A1, 12/02/2016]</p> <p>- <i>Adorei esta sessão, pois foi muito dinâmico!</i> [D4, 12/02/2016]</p> <p>- <i>Esta semana foi brutal. Com tanta coisa nem consigo escrever tudo. Adorei!</i> [E5, 12/02/2016]</p> <p>- <i>Eu descrevo esta sessão com vários pontos de !!! Só pus os !!!s porque gostei imenso destas sessões, acho que estamos a entrar na minha onda (teatro). Eu adoro representar...</i> [F6, 12/02/2016]</p> <p>- <i>Hoje gostei de tudo, acho que não tenho nada a propor para a próxima sessão, mas estou ansiosa para a construção do guião. Até para a semana.</i> [C3, 19/02/2016]</p> <p>- <i>Bom, hoje foi muito divertido (...)</i> [B2, 26/02/2016]</p> <p>- <i>Esta sessão foi interessante (...) Gostei muito, (...) Que venham +!</i> [D4, 26/02/2016]</p> <p>- <i>Bem, adorei, como sempre mesmo com assim umas dores e má-disposição adorei isto! Criar notícias, escrever, adorei, nem sequer filmámos nada comigo. Adorei o “explorar”, só rir. Adorei mesmo. (...) Obrigado Joana.</i> [G7, 26/02/2016]</p>

---

- Cada vez estou a ficar mais ansiosa para a semana seguinte. [B2, 04/03/2016]

- Eu digo por mim, por vezes venho para o teatro sem vontade nenhuma e triste por outras situações de fora e quando represento é como tudo de mau desaparece (...). [C3, 18/03/2016]

- Hoje, a sessão foi agradável e muito divertida. [D4, 18/03/2016]

- Nesta experiência, acho que não foi má pelo contrário foi boa, porque eu gosto muito de teatro (...). [A1, 13/04/2016]

- A Joana foi excelente pessoa connosco, deu bastantes ideias, foi tudo ótimo. (...) Desta experiência levo tudo de bom, principalmente as boas recordações e o bom ambiente de todos. [B2, 13/04/2016]

### **Autoestima**

- Bom, esta sessão foi uma experiência que não tinha experimentado nunca. Foi ótimo conseguirmos elaborar a atividade proposta perante nós. [B2, 22/01/2016]

- Bem, hoje foi bastante dinâmico, tentando ajudar-nos a dinamizar a nossa concentração através do contacto visual, o que me ajudou pois eu não conseguia olhar nos olhos das pessoas, e assim deste modo levou-me a descontraír (...). [G7, 22/01/2016]

- (...) consegui improvisar como eu gosto. [C3, 05/02/2016]

- Sinto que fico um pouco menos nervosa ao improvisar derivado a ter de saber quais as palavras a ser utilizadas no momento. Bem, mas até consegui desenrascar. [B2, 19/02/2016]

- Ao longo destas sessões tenho-me sentido mais solta, já que não fazia há muito, porque representar acaba por mudar um pouco daquilo que eu sou lá fora, ou seja faz-me sentir bem. [F6, 19/02/2016]

- Cantamos para o nosso grupo. Confesso que fiquei um pouco envergonhada, muito nervosa, um pouco tímida. Mas consegui, ou pelo menos tentei com que corresse bem. [B2, 04/03/2016]

- Sinto-me bem comigo própria. [F6, 13/04/2016]

### **Criatividade**

- A primeira parte foi uma cena em que eu tive de utilizar a minha imaginação. Eu gosto disso. [A1, 15/01/2016]

- (...) gostei, no final juntamos tudo, ficou bué giro, parecia uma sinfonia. [E5, 15/01/2016]

- (...) levou-me a descontraír e a inventar algo, nada combinado, isto no início, porque depois no trabalho de grupo já tivemos que combinar ideias e até tivemos que esculpir as peças. [G7, 22/01/2016]

- Hoje fizemos uma representação de cada personagem e elaboramos uma “peça”. Foi super interessante, fez-nos puxar pelas nossas ideias, puxar pela nossa cabeça. Deixou-me pensativa, a esforçar-me para ter novas ideias para o próximo dia. [B2, 12/02/2016]

- (...) consegui exprimir muito, gosto muito de representar e criar uma história. [C3, 12/02/2016]

- Nesta sessão foi um pouco diferente. Fizemos improvisações, elaboramos novas ideias, novas experiências... [B2, 19/02/2016]

- Hoje gostei muito, entusiasmei-me demais na minha construção da música. [C3, 26/02/2016]

- (...) trabalhamos várias vertentes, como o jornalismo! Gostei muito, pois no geral somos todas criativas! [D4, 26/02/2016]

---

---

- “Tudo o que faço e penso liberta-me a alma”. (...) P.S. “Ser um preso não é estar numa prisão é criá-la na sua cabeça” [G7, 26/02/2016]

- “A arte cria-se” [D4, 04/03/2016]

**Desânimo  
e cansaço  
transmitido**

- Hoje não gostei de nada 1º porque esta atividade não era bem a minha perspetiva, esperava algo diferente, uma coisa mais a ver com representação de uma história, que cada uma tivesse um papel de representante (...) E também porque a atividade calhou num dia muito mau, preferia que fosse ao fim-de-semana ou no início da semana ou no meio da semana porque chego ao fim da semana e estou cansada e se não houver algo que me anime e me puxe, fico ainda mais cansada e tenho a tendência de me aborrecer mais. [C3, 22/01/2016]

- Hoje eu não gostei muito, foi muito calmo. A parte que eu gostei foi o desenvolvimento da história. [E5, 19/02/2016]

- Hoje estou um pouco cansada, mas estou desejosa para começar a ensaiar. [C3, 04/03/2016]

- A dificuldade que eu senti foi estar assim mesmo cansada e adoentada. Mas vou melhorar! [G7, 04/03/2016]

- Tenho andado muito cansada, não tenho dormido nada, tenho muito sono durante o dia. [A1, 11/03/2016]

- Hoje foi muito aborrecido, pois estou tão ansiosa para começar a representar e não vejo a hora e acho que estamos a dar importância a coisas que podem ser feitas noutra altura e não estamos a focalizar na representação e o que acho é que temos muito pouco tempo para reinar e tenho medo de chegar ao dia da apresentação. [C3, 11/03/2016]

- Acredita que isto é só cansaço! [G7, 11/03/2016]

**Informações  
positivas  
referentes  
ao trabalho  
em grupo**

- Mas a melhor parte foi em que tivemos de nos juntar todas. Bem eu gosto mais de trabalhar sozinha e individualmente mas adorei trabalhar com este grupo. [A1, 15/01/2016]

- Gostei muito da penúltima parte em que trabalhamos em conjunto. E não gostei tanto da 1ª parte porque não gosto de trabalhar individual. [C3, 15/01/2016]

- Adorei o último exercício, pois trabalhámos em equipa, o que é fundamental para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo. [D4, 15/01/2016]

- Na sessão de hoje fez-me refletir sobre muitas coisas, saber trabalhar em grupo, conseguir chegar com que as pessoas chegassem a um bom senso, do que às vezes é um bocado difícil cá entre nós. [F6, 15/01/2016]

- Acho muito interessante trabalhar com este grupo, pois tem as suas diferenças! [D4, 19/02/2016]

- Pontos fortes [do grupo] – Concentração durante a sessão, sem distrações com coisas mínimas, insistência no que realmente importa, ... [B2, 18/03/2016]

- (...) mas lá no fundo o nosso ponto forte é a representação, acho que toda a gente fica diferente depois de representar porque acho que todas gostam da sua personagem. [C3, 18/03/2016]

- A [E5] estava tristonha, mas com a ajuda do grupo acho que conseguimos +/- animá-la. (...) Temos pontos fortes e fracos, como tudo na vida. (...) Contudo os pontos fortes ganham nesta batalha pois lutamos todas pelo mesmo objetivo e gostamos do que fazemos, enfrentando cada desafio com

---

---

	<p><i>grandes sorrisos, pois somos... “o grupo feliz”. [D4, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- O ambiente no grupo foi bom apesar de haver alguns encontros que não estávamos muito bem. [A1, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- O ambiente [vivido no grupo] foi ótimo, brincadeiras não faltaram, ideias então foram bastantes, dedicação foi ótima de todas as partes, tudo correu otimamente bem, como esperámos, (...) Todos os momentos foram bem vividos. [B2, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- O ambiente vivido [no grupo] foi intenso e muito divertido, contudo houve muitas advertências pelo meio, mas como o grupo é fantástico conseguimos superar tudo. [D4, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Foi um enorme orgulho trabalhar e contracenar com este grupo. [D4, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Em certa parte [o ambiente vivido no grupo] foi bom pois as pessoas já se conheciam (...). [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Conflitos relacionais existentes no grupo</b>	<p><i>- As pessoas do teatro gritam muito e falam por cima de outras pessoas e isso irrita. Falam muito alto e eu odeio isso. [A1, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- Na minha opinião, a [A1] não ajuda muito, pois está sempre a ter atitudes inadequadas e reage mal às opiniões exteriores! [D4, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- Bem, para começar eu acho que neste grupo há algumas pessoas que estão contra vontade e sem vontade destabiliza um pouco o grupo. [C3, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- A relação do grupo não é muito coesa, (...) Temos pontos fortes e fracos, como tudo na vida. Neste caso, os pontos fracos são: a falta de concentração e por vezes o mau estar entre nós. (...) [D4, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- Não gostei do momento em que nos reunimos todos por causa das atitudes de um elemento do grupo [A1]. O que nos levou a tomar decisões negativas, (...) [B2, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- (...) como nem todas se davam bem, mesmo que estivéssemos numa atividade, às vezes chocávamos. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Sugestões enunciadas para a resolução dos conflitos</b>	<p><i>- Na minha opinião acho que devíamos nos reunir antes da peça e refletirmos as nossas atitudes perante o teatro. [C3, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- A relação do grupo não é muito coesa, devíamos fazer 1 reunião e estabelecer uma maneira de lidarmos umas com as outras de modo que seja uma experiência única. [D4, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- Sugestões: Responder oportunamente, Respeitarmo-nos (...) [E5, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- (...) devia haver uma conversa com todas para refletirmos estas coisas todas que têm vindo a acontecer, os conflitos, ... Contudo também devíamos ter uma conversa com a [A1] para podermos dizer o que pensamos e para poder lhe perguntar se está desmotivada. Mudando de assunto agora como vai haver ensaios devia-se começar a ver a intuição das falas sendo que a estreia está à porta!... Joana vou deixar uma pergunta para se poder fazer a todas, nem que seja no final, no momento de reflexão (no lugar do diário). Aqui vai... Estão desmotivadas? E o que podemos fazer para diminuirmos a desmotivação? [F6, 18/03/2016]</i></p>
<b>Reações inerentes à saída de um</b>	<p><i>- Com a minha saída do grupo eu fiquei triste, eu não estava à espera da decisão do grupo mas tive de aceitar. [A1, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- (...) ter de dispensar um elemento [A1] levou a que tivéssemos de cortar</i></p>

---

<b>elemento do grupo [A1]</b>	<p><i>partes da peça. O que foi mau perante o grupo (...). [B2, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Tive um pouco pena da [A1] não ter entrado porque isso também era um obstáculo para sabermos ligar com pessoas que não gostamos. [C3, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Não estava planeado de modo algum saídas de elementos, mas por vezes existem atitudes que não devem ser passadas em branco. O projeto resultou bem com os restantes elementos. [D4, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Por um lado foi bom por outro foi mau mas quando alguém cai temos de continuar em frente. [E5, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Penso que talvez foi bom mas ao mesmo tempo acaba por ser mau por perdermos alguém que esteve connosco bué tempo, apesar de esse elemento não ser uma das pessoas a que eu me dê mais, antes pelo contrário somos quase rivais. [F6, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Em certa parte foi bom pois levou a que a peça e o grupo ganhasse + maturidade e + empenho, mesmo que já tivéssemos a peça quase toda realizada, levou a ser um sucesso na mesma. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Características das personagens criadas</b>	<p><i>- Eu, Constança del Rei (estilista profissional e proprietária da Victória Secrets!) (...) Vou falar com o Alfredo para contratar estas jovens para a minha agência! Bijou Bijou. [D4, 05/02/2016]</i></p> <p><i>- Nesta sessão foi uma das melhores. Eu era o Manuel Gocha – chefe do Master Chefe. A [D4] Constança Del Rei – estilista profissional. A [A1] era uma surfista. Tínhamos cenário e tudo. Adorei. [E5, 05/02/2016]</i></p> <p><i>- (...) criei o Rui, um escritor de 47 anos que teve uma vida muito trágica que me levou a querer ser uma pessoa que protege os filhos pois tenho filhos (2 filhos). Bem o Rui foi um menino que perdeu os pais quando tinha 10 anos e foi para a Holanda com os avós e tornou-se um dos melhores escritores holandeses! A minha personagem quer sem dúvida ter pessoas à sua volta pois até a mulher perdeu! [G7, 05/02/2016]</i></p> <p><i>- Agora a falar como Maria, a Maria é uma personagem muito feliz, mas ela preocupa-se por causa do chefe que nunca sabia o seu nome. A Maria é uma personagem muito ligada ao Rock. [A1, 12/02/2016]</i></p> <p><i>- Eu na minha personagem sou uma criança de 5 anos muito alegre, que leva tudo na brincadeira, enfrenta as coisas trágicas para comédia (...) [C3, 18/03/2016]</i></p> <p><i>- A minha personagem tem muita rebeldia, (...) sempre com sorriso e um pouco triste daquilo que tem saudades. [C3, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Acho que o Gocha era uma personagem cómica, (...). [E5, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Adorei criar o Rui, uma pessoa boa por dentro mas um pouco bêbado ahahaah batia na mulher, mas era um ótimo escritor. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Relação entre a personagem criada e a própria jovem (projeção)</b>	<p><i>- Adoro tirar fotos e vou fazer um vídeo na praia da [...]. Amo essa praia. É a minha vida. Só não me posso esquecer de trazer a prancha de Bodyboard. Maria Rastafary. [A1, 04/03/2016]</i></p> <p><i>- (...) quando represento é como tudo de mau desaparece porque represento como personagem aquilo que gostava de ser. Eu na minha personagem sou uma criança de 5 anos muito alegre, que leva tudo na brincadeira, enfrenta as coisas trágicas para comédia e era isso que gostava de ter sido quando era pequena, ser uma pessoa assim alegre sem dificuldades e que conseguisse passar o meu passado todo para uma comédia e me rir das coisas que correm menos mal e não ficar tão triste. Às vezes levo demasiado</i></p>

---

*a vida como uma coisa horrível e por vezes não levo como um desafio, e esta personagem é tudo o que não fui e às vezes é imaginarmos e sonharmos daquilo que gostávamos de ser. Pode ser que esta história me leve uma lição de vida e um desafio para a vida futura. Pode ser que consiga dar essa alegria dessa criança de 5 anos para os meus filhos. E acho que se cada uma refletisse e olhasse para cada uma das suas personagens e tentassem ser aquilo que gostavam de ser ou que nunca foram e assim elas ficavam acho eu mais calmas e pensativas. [C3, 18/03/2016]*

*- Na personagem que criei foi a pessoa que eu gostava de ser e além disso ela, a Maria Rastafary, tem algumas características minhas: o Surf, os relógios e o Rock. [A1, 13/04/2016]*

*- Dentro da minha personagem tem muito a ver comigo e com a minha irmã, cujo nome é Fabiana, o nome da minha personagem. A minha personagem tem muita rebeldia, que tem a ver um pouco da minha maneira de ser, que tenho sempre resposta para tudo menos para aquilo que não me convém. Em relação à minha irmã tem tudo a ver com a caracterização da minha personagem, sempre com sorriso e um pouco triste daquilo que tem saudades. [C3, 13/04/2016]*

*- Adorei criar e representar o papel de Constança, foi experiência única, e que de certa maneira tem coisas em comum com a [D4]. (...) De maneira geral, cada personagem depositou algo com significado neste projeto tanto como o passado, os sonhos ou até objetivos. [D4, 13/04/2016]*

**Processo criativo inerente à construção da história/peça de teatro**

*- Espero que esta novela fique bem representada e que para a próxima sessão melhore a minha personagem porque ainda tenho alguma dificuldade na parte do sério e do riso, fazê-lo na altura certa. [C3, 12/02/2016]*

*- Retrata a história de 1 casal que perdeu a filha e encontrou o genro culpando-o da morte da sua mulher, havendo outras situações a decorrer. [D4, 12/02/2016]*

*- Esta semana foi brutal. Eu Gocha era casado com a Constança, tivemos uma filha, mas ela “morreu”... Com tanta coisa nem consigo escrever tudo. [E5, 12/02/2016]*

*- Adorei, criamos uma bela trama quase novela, adorei isto mesmo, representar esta “novela”. A minha personagem está bastante inquietante pois estou preso (...). Quero agradecer à Joana pela aprendizagem com esta nova personagem (estou e sinto-me bastante injustiçado). Até ao próximo episódio. Ajudou-me bué a libertar-me! E a ser eu misturado com Rui! [G7, 12/02/2016]*

*- Espero que no final da história todas as personagens fiquem felizes. [A1, 19/02/2016]*

*- Nesta sessão, foi um bocadinho mais soft, mas apesar de tudo gostei de ter de acabar com a minha personagem, utilizando a morte, devido a que o meu papel de Bongo, já não fazia sentido no teatro! [F6, 19/02/2016]*

*- Hoje fizemos uma notícia. Eu era o advogado do escritor, foi bué fixe. [E5, 26/02/2016]*

*- Acho que esta história está um pouco confusa, espero que consigamos ter o fim da história. [C3, 04/03/2016]*

*- Foi engraçado começar o guião. [E5, 04/03/2016]*

*- Bem, adorei estar a criar os guiões, acho que as personagens se estão a portar muito bem, acho que é necessário mudar nada. [G7, 04/03/2016]*

---

- 
- Foi um bocado dramática esta sessão, visto que gravámos a cena da [B2] (Cynthia). [D4, 11/03/2016]
  - Hoje não participei muito hoje, mas pronto adorei na mesma, foi divertido, tenho a certeza que depois de todo este trabalho, vamos ter uma boa recompensa. [G7, 11/03/2016]
  - Isto serve para que nós aprendamos com as coisas, que nos importa realmente. Temos que fazer muito mais para que a nossa peça fique no ponto. [B2, 18/03/2016]
  - Em relação à história que o grupo criou eu gostei e achei que estava cómica. [A1, 13/04/2016]
  - Bem, a minha personagem foi de facto desafiante, forte, puxada,... o improviso foi com um pouco de ajuda, faltou-me partes que não sabia o que haveria de dizer, faltou-me um bocado de imaginação. A peça foi criativa, tivemos bastantes reflexões sobre o que poderíamos ou não fazer. [B2, 13/04/2016]
  - Em relação à história do grupo acho que foi muito criativa, é claro que aquilo que eu acho é que afinal podia ser mais triste para o teatro não ser só comédia. Acho que assim o público refletia um pouco depois da gargalhada. [C3, 13/04/2016]
  - Sinceramente, não me lembro como é que este grupo fantástico conseguiu criar esta história cheia de mistérios e emoções. [D4, 13/04/2016]
  - Acho que o Gocha era uma personagem cómica, nunca pensei que a partir de um objeto criássemos uma história. Ficou engraçada, pois trabalhamos em grupo e fomos aproveitando algumas ideias. [E5, 13/04/2016]
  - [A história] Foi muito boa, apesar de alguns pretextos e percalços, conseguimos ter ideias fantásticas, e ainda penso como de objetos surgiu uma história tão bem estruturada e bem criada, cómica! [G7, 13/04/2016]

**Relação  
entre a  
história e  
a vida real**

- Foi super interessante explorar diferentes vertentes da sociedade: separação, riqueza, pobreza, morte. [D4, 12/02/2016]
  - Esta peça em relação à vida real para mim, acho que se deve dar mais valor à pessoa que nós amamos e que vamos ficar com ela até ao fim da nossa vida. [A1, 13/04/2016]
  - Totalmente diferente. Senti-me demasiado diferente da peça com a vida real, saber separar os assuntos de dentro e fora da peça, ser personagem quando se deve ser, ser a mesma pessoa que idealizamos ser. [B2, 13/04/2016]
  - Em relação à história para a vida real está muito bem construída porque por vezes as pessoas separam-se por alguma razão, como aconteceu na história e como sonho de todos é voltar a reencontrar sempre as pessoas que mais gostamos seja quem for, pai, mãe, amigo. E digo por mim porque o meu sonho é poder voltar a reconciliar com o meu pai. [C3, 13/04/2016]
  - De maneira geral, cada personagem depositou algo com significado neste projeto tanto como o passado, os sonhos ou até objetivos. Foi um projeto onde demos um bocadinho de nós (“corpo e alma”). [D4, 13/04/2016]
  - Esta história relata alguns fatores reais como, a mulher sofrer de violência, crianças irem para instituições, famílias desmontarem-se e raramente no fim se unem. Mas na nossa história acabaram por ficarem juntos. [E5, 13/04/2016]
  - Penso que a história com a vida real é um pouco diferente, mas penso que
-

---

	<p><i>foi bom o que criámos em relação à vida real. [F6, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Teve algumas pessoas que existem na vida real e alguns dos factos coincidiam com o teatro (a peça), o que levou a ser engraçado e um pouco verídico. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Apresentação final da criação coletiva</b>	<p><i>- Adorei a ideia de fazer um teatro no lar. [A1, 19/02/2016]</i></p> <p><i>- Estou deserta para a apresentação do final. [E5, 26/02/2016]</i></p> <p><i>- Estou em pulgas para o dia em que a apresentação seja feita. [B2, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- Estou motivada e quero mostrar o nosso trabalho às pessoas de fora! [D4, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- Tenho a dizer que estou mesmo motivada para as próximas sessões e pela estreia. Os ensaios vão a caminho. Aqui vamos nós!... [F6, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- Foi uma coisa que me deu mais prazer foi representar o Rui. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Aprendizagens com este projeto</b>	<p><i>- Levo o espírito de vontade de todas, levo um pouco de todas principalmente dos sorrisos e do brilho dos olhos de cada uma porque como o advérbio diz: os nossos olhos são o espelho da nossa alma, levo todos os momentos tristes e alegres porque mesmo os momentos tristes se formos a ver é onde conhecemos um pouco da sensibilidade da pessoa. Obrigada Joana. [C3, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- É/ Foi um orgulho imenso trabalhar com todas, especialmente com a Joana, uma aventureira de coração cheio, que se entregou a 7 raparigas que não conhecia. Não aprendi nada específico, aprendi e guardei todas as memórias deste projeto. A minha experiência neste projeto foi muito gratificante e tão importante quanto os outros elementos. (Foi um enorme prazer trabalhar com pessoas como tu)! És linda. Obrigada Joana (you are the best) [D4, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Ganhei experiência, Imaginação, Aprendi a viver em grupo. Adorei! [E5, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Saber que tenho muito mais para dar e para mostrar, o convívio com os membros do grupo, conhecer a Joana foi uma enorme aprendizagem, pois a Joana é uma pessoa com uma enorme boa disposição, paciência, sorridente, corajosa, e tem muita força para ter levado esta peça a este ponto, pois sem os ralhetes, os conselhos nada disso seria possível. Obrigado Joana. Foi um prazer conhecer-te linda. [G7, 13/04/2016]</i></p>
<b>Vontade de continuar a participar em atividades dramáticas/ teatrais</b>	<p><i>- Depois do projeto terminar queria continuar mas que fosse noutra dia que não fosse à sexta no final do dia, como depois podemos apresentar a nova peça mais tempo podíamos treinar sei lá ao fim-de-semana nem que fosse 15 em 15 dias. [C3, 11/03/2016]</i></p> <p><i>- (...) gostava que houvesse outra atividade destas. [A1, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Gostaria muito de poder voltar a participar nestes projetos. [B2, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Espero que voltes, quero repetir. [E5, 13/04/2016]</i></p> <p><i>- Penso que foi divertido apesar de tudo, sinto-me com mais garra a continuar no teatro (...) Sim, quero continuar.... [F6, 13/04/2016]</i></p>

---

Tabela n.º 5 – Análise dos Diários Individuais das participantes

Considerando os testemunhos enunciados pelas participantes é possível constatar que todas demonstraram satisfação face à experiência, tendo verbalizado o seu agrado face a diversas sessões. De um modo geral verifica-se que este projeto contribuiu para desenvolver a autoestima e a criatividade das jovens, apesar de algumas delas [A1, C3 e G7] terem evidenciado cansaço e desânimo pontualmente numa ou mais sessões. Ao longo das sessões o trabalho em grupo foi demonstrando oscilações, uma vez que, não obstante a maioria das participantes ter revelado agrado na colaboração coletiva, registaram-se alguns conflitos entre o grupo que, com as sugestões enunciadas e o diálogo entre todas, acabaram por ser extenuados, tendo, porém, resultado na saída da A1 do grupo. Apesar de esta decisão não ter sido unânime, foi deliberada com base na votação e, conseqüentemente, por parte do maior número de elementos pertencentes ao grupo. Mais se acrescenta que quase todas as participantes, excetuando a B2 e a F6, mencionaram características que atribuíram às suas personagens no Diário, embora a totalidade as tenha definido e partilhado oralmente. Para além disso, foi possível identificar situações de projeção de características próprias ou desejadas na personagem, tendo sido flagrantes e verbalizadas por três participantes: A1, C3 e D4. De referir que a maioria das jovens vislumbrou semelhanças entre a história criada e a vida real [A1, C3, D4, E5 e G7], sendo que duas delas apontaram diferenças [B2 e F6]. Relativamente ao processo criativo da história/ peça de teatro, é verificável que todas se envolveram, negociando as ideias e tomando decisões entre si, evidenciando simultaneamente esforço e divertimento, pelo que a totalidade das participantes se demonstrou ansiosa e satisfeita com a apresentação final que, por sua vez, acrescentou aprendizagens à participação neste projeto e suscitou vontade de continuarem a participar em atividades dramáticas/ teatrais.

### **4.3. Análise do Diário de Bordo da investigadora**

Relativamente ao diário de bordo da investigadora, refere-se que contém as notas de campo que foram recolhidas em todas as sessões, comportando registos da observação direta efetivada às participantes, da evolução do processo criativo ao longo de cada momento de cada sessão, bem como de sugestões enunciadas pelas jovens que foram tidas em consideração e discutidas pelo grupo, de modo a perceber a sua adaptabilidade e exequibilidade aquando da planificação das sessões posteriores.

Para uma consulta mais detalhada deste instrumento de recolha de dados, reporta-se que a totalidade dos registos efetivados se encontra disponibilizada no Anexo 4.

Sumariamente as notas de campo referenciam o envolvimento e o interesse que a investigadora denotou por parte das participantes nas diversas sessões de atividades, sendo que nos registos efetivados são reveladas as observações que compõem a Tabela n.º 6:

<b>Categorias</b>	<b>Evidências</b>
<b>Satisfação com as experiências e sessões</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>No final da sessão, as jovens encontravam-se bem-dispostas e divertidas, sendo que algumas verbalizaram que estavam ansiosas pela próxima sessão.</i> [08/01/2016]</li> <li>- <i>O grupo esteve muito envolvido e esta sessão parece ter cumprido o objetivo principal que se prende com a motivação das participantes, aliada à erradicação de eventuais pensamentos associados a desistências.</i> [05/02/2016]</li> <li>- <i>O facto de utilizarem roupas e começarem a caracterizar as suas personagens fez com que as participantes ficassem muito entusiasmadas. Em suma, encontram-se motivadas, desejosas por terminar a história.</i> [12/02/2016]</li> <li>- <i>De um modo geral, o grupo encontra-se mais animado e entusiasmado comparativamente às sessões anteriores, nas quais revelava um crescente e generalizado cansaço que nesta sessão pareceu estar extinto.</i> [24/03/2016]</li> <li>- <i>Presentemente estão todas muito animadas, pois a sua criação está quase consolidada e a data da apresentação final aproxima-se. A investigadora tem verificado que ultimamente as jovens têm saído dos ensaios com muito boa disposição.</i> [01/04/2016]</li> </ul>
<b>Autoestima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>A exposição da criação final serviu para que as jovens se sentissem apreciadas e valorizadas perante um público que lhes é conhecido e com o qual interagem no dia-a-dia. Foi importante para aumentar a autoestima de algumas e para provar a outras que são capazes de fazer Teatro – de acordo com o transmitido pela diretora técnica: “Eu já sabia que algumas fariam isto bem, mas a F6 surpreendeu-me porque nunca pensei que conseguisse expor-se assim e tão bem”.</i> [06/04/2016]</li> </ul>
<b>Criatividade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Aquando das atividades propostas, as jovens revelaram aptidão para a Expressão Dramática/ Teatro, dado que evidenciaram competências fulcrais, tais como capacidade de improviso, predisposição para o jogo simbólico, abertura perante o grupo, criatividade, espírito de iniciativa, autonomia, imaginação e articulação de ideias. Neste sentido, as participantes que fizeram o papel de tubarões (B2, D4 e F6) tomaram a iniciativa de se caracterizar com o cabelo preso no alto da cabeça, para imitar barbatanas, e fizeram sons de aproximação quando apenas se lhes tinha dito que deveriam pressionar as pessoas do barco (A1, C3, E5 e G7) que, por sua vez, criaram personagens, adaptando posturas e vocalizações peculiares.</i> [18/01/2016]</li> <li>- <i>É notável que as participantes têm um forte sentido criativo, autonomia e</i></li> </ul>

---

<b>Desânimo e cansaço transmitido</b>	<p><i>predisposição para a Expressão Dramática. [22/01/2016]</i></p> <p>- <i>As personagens foram criadas de forma muito criativa, carinhosa e cuidada. [04/03/2016]</i></p> <p>- <i>À semelhança das sessões anteriores, as participantes têm fixado facilmente o conteúdo e a sequência da ação da história/ peça e têm demonstrado uma excelente capacidade de improviso, provida de criatividade. [31/03/2016]</i></p> <p>- <i>É verificável a sensação de que o grupo está a perder o seu interesse e motivação, pelo que se torna crucial preparar algo especial para a próxima sessão, de modo a cativar e a motivar o grupo novamente. [22/01/2016]</i></p> <p>- <i>No decurso da sessão todas as participantes demonstraram desconcentração, justificando que têm tido muitas exigências na escola e que andam muito cansadas. [16/03/2016]</i></p> <p>- <i>De um modo geral, as participantes desta sessão continuaram distraídas e com um aparente desinteresse. Consequentemente, foi-lhes solicitado que escrevessem nos seus diários individuais sugestões para melhorarmos o grupo e as sessões e também que falassem um pouco sobre si, se sentiam cansaço e desmotivação e o que poderia ser feito no sentido de solucionar essas situações. [18/03/2016]</i></p>
<b>Informações positivas referentes ao trabalho em grupo</b>	<p>- <i>O trabalho em trios foi bastante homogêneo, assim como o resultado final dos movimentos e sons do grupo total, que conseguiu criar uma sequência consensual, composta pelo conjunto de todos os movimentos e sons individualizados, tendo sido possível vislumbrar os contributos pessoais de cada um dos elementos na criação final de grupo. [15/01/2016]</i></p> <p>- <i>A experiência está a ser bastante produtiva para o desenvolvimento das capacidades criativas de cada uma das participantes e para as competências que o trabalho em grupo desenvolve, tais como negociação, cooperação e articulação. [12/02/2016]</i></p> <p>- <i>É fortemente notável um espírito de equipa, sendo que todas as participantes, sem exceção, estão envolvidas e esforçadas para concluir a história e, agora que a terminaram, para continuar os ensaios. [24/03/2016]</i></p> <p>- <i>O grupo tem estado unido e colaborante entre si. [04/04/2016]</i></p> <p>- <i>Uma vez mais denota-se o esforço, a dedicação e o companheirismo entre o grupo, que tem demonstrado divertimento e trabalho simultaneamente. [05/04/2016]</i></p> <p>- <i>Aquando da preparação da apresentação final denotou-se muita entreatajuda por parte de todas as participantes. [06/04/2016]</i></p>
<b>Conflitos relacionais existentes no grupo</b>	<p>- <i>Face a aparentes conflitualidades entre as jovens, associadas ao cansaço e desmotivação de algumas, foi incitado que uma de cada vez transmitisse a sua opinião relativa a estes pontos e a potenciais soluções. A G7 verbalizou que a AI falava alto e era imprópria/ inconveniente em algumas situações. Quando chegou a sua vez de responder, a AI saiu da sala sem dizer nada mas, em posterior conversa particular, manifestou interesse em continuar no grupo e revelou problemas pessoais com os outros elementos, tendo verbalizado que as outras participantes lhe falam mal, gritam muito e fazem queixas dela à diretora. [21/03/2016]</i></p>
<b>Sugestões enunciadas</b>	<p>- <i>Face às propostas enunciadas pelas jovens, foi decidido que seriam consideradas e que seria feita uma reunião com a totalidade do grupo na</i></p>

---

---

**para a  
resolução  
dos conflitos**

*próxima sessão, de modo a incitar a uma reflexão conjunta sobre questões relacionadas com a desmotivação ou cansaço, o facto de estarem ou não contrariadas e os conflitos entre o grupo. [18/03/2016]*

*- Seguindo os pressupostos e as linhas orientadoras estipulados para este projeto, faz sentido que sejam as participantes a decidir se a A1 permanece ou sai do grupo de trabalho. A opinião da investigadora face a este ponto já foi manifestada logo no início desta sessão e partilhada com todas as participantes: ‘o grupo somos todos nós’; ‘todas as personagens são importantes e fundamentais’; ‘todas temos um objetivo final em comum’; ‘dependemos umas das outras’. Assim, foi resolvido que seria o grupo, na próxima sessão, a decidir se a A1 fica ou sai do grupo. [21/03/2016]*

*- A investigadora reuniu a totalidade das participantes propondo que cada uma enunciasse dois motivos para a A1 ficar ou sair do grupo. Os motivos a apresentar não deveriam ser pessoais, uma vez que o projeto é trabalho do grupo. [23/03/2016]*

**Reações  
inerentes à  
saída de um  
elemento do  
grupo [A1]**

*- B2 – «Sai»: Receia que A1 abandone o grupo quando mais precisarem dela, então mais vale ir já; acha que não se lhe devem dar sempre segundas oportunidades para ela se habituar um dia quando tiver um trabalho.*

*- C3 – «Fica»: Tem receio que A1 desista antes do final, mas colocou-se no lugar dela e acha que devem aceitá-la de volta.*

*- D4 – «Sai»: Acha que A1 não tem uma postura correta.*

*- E5 – «Sai»: Diz que A1 é mal-educada e não respeita as outras.*

*- F6 – «Fica»: Hesitou bastante em tomar uma posição, queria abster-se no voto, mas depois, atendendo à opinião que verbalizou, acabou por se declarar a favor da permanência da A1: Ela destabiliza o grupo e cria mau ambiente, mas poderia ficar se mudasse algumas coisas negativas.*

*- G7 – «Sai»: Considera que ela é inconveniente; fala alto; é mal-educada; não respeita os outros.*

*- A1 – Foi ouvindo e respondendo a todas educadamente; manteve uma postura triste e submissa; agradou-se com as palavras da C3; aceitou fazer mudanças para ficar, pois gostava de ficar no grupo; aceitou também as alterações que o grupo fez no texto da sua personagem e reportou que iria tentar ser mais a Maria e menos a A1.*

*- Investigadora – «Fica»: É uma medida radical a A1 sair, deve ficar; precisamos dela, contribuiu para a criação de acontecimentos da história com as suas ideias.*

*Após a decisão e aquando da gravação, as participantes transpareceram entusiasmo e união, aparentando diversão e alegria. Contudo não é perceptível se esta reação tão positiva está relacionada com a saída da A1 ou se, pelo contrário, tem a ver com o facto de terem saído da instituição, caracterizadas com as roupas das respetivas personagens, para gravarem uma notícia criada por elas próprias. [23/03/2016]*

**Características  
das  
personagens  
criadas**

*- Os objetos selecionados e personagens inventadas por cada participante foram as seguintes: A1 – Relógio de Pulso – Maria, 18 anos, tem rastas, adora relógios desportivos e participa em competições de Surf e Bodyboard pelo mundo./ C3 – Baú pequeno – Fabiana, 5 anos, mora com o irmão e os pais e guarda sonhos dentro da caixa./ D4 – Caneta – Constança del Rei, 30 anos, tem cabelo loiro e olhos azuis, é designer e estilista, proprietária da “Victória Secrets” e casada com o Beckham [celebridade]./ E5 – Forma de Bolo – Manuel Goucha, 70 anos, é alto, pesa 60kg e é chefe do “Master Chef”./ F6 – Flauta de pã – Bongo, é um macaco azul que perdeu os pais e mora na floresta com outros animais./*

---

---

<b>Relação entre a personagem criada e a própria jovem (projeção)</b>	<p><i>G7 – Dicionário de Alemão – Rui, 47 anos, é holandês e escritor de literatura clássica, perdeu os pais e a esposa que morreram e tem um filho. [05/02/2016]</i></p> <p><i>- Com apoio do grupo, a B2 criou a Cinthya, 37 anos, assistente do Goucha (E5), que veio da Holanda. [12/02/2016]</i></p> <p><i>- A A1 é proveniente de uma zona de praia e refere ter uma prancha de Bodyboard em casa, tal como a sua personagem Maria; a C3 revelou os nomes do verdadeiro irmão e dos verdadeiros pais aquando da apresentação da família da sua personagem Fabiana. A F6 e a G7 também poderão ter projetado características de si próprias nas suas personagens, dado que ambas lhes associam sentimentos de perda – o macaco Bongo, criado pela F6, perdeu os pais e mora com outros animais na floresta; o Rui, criado pela G7, perdeu os pais que morreram e a esposa que morreu –, sendo que na realidade todas as jovens acolhidas estão desprovidas da sua família no dia-a-dia, morando com outras crianças/ jovens na instituição [outros animais na floresta]. [05/02/2016]</i></p> <p><i>- No final desta sessão a C3 conversou com a investigadora, revelando que a personagem que criou é na realidade a sua irmã mais nova. [18/03/2016]</i></p>
<b>Processo criativo inerente à construção da história/ peça de teatro</b>	<p><i>- O grupo está radiante com o trabalho de criar a história e cada uma das jovens está muito empenhada em encarnar a personagem que inventou. Presentemente, já estão criadas as personagens de cada participante, já está definido e improvisado o início da história, já existem algumas ideias para desenvolver e encontra-se em aberto a sequência e o desfecho da história. [12/02/2016]</i></p> <p><i>- Uma vez mais, todas as participantes, sem exceção, evidenciam interesse e motivação, envolvendo-se e colaborando na evolução da história. [19/02/2016]</i></p> <p><i>- Esta sessão foi muito produtiva, servindo essencialmente para as jovens recordarem as suas personagens e os episódios iniciais da história. As grelhas referentes ao Guião da Peça contribuíram para organizar a história, delimitando as cenas e servindo de suporte ao consequente improviso final das intervenientes. [04/03/2016]</i></p> <p><i>- Foram escritas mais algumas cenas no guião. Em seguida determinadas cenas foram improvisadas e gravadas pelas participantes. Para além disso, foram ainda selecionados, em grupo, os cenários/ projeções para cada cena. [16/03/2016]</i></p> <p><i>- O grupo escolheu as imagens a projetar enquanto cenários, bem como algumas músicas a utilizar ao longo da história, de modo a torná-la mais dinâmica e preenchida. [28/03/2016]</i></p> <p><i>- A peça de teatro criada começa definitivamente a ganhar forma, dado que a sequência dos acontecimentos da história está claramente preconizada pelas personagens que, por sua vez, assumem posturas mais definidas e, por conseguinte, se evidenciam mais concretamente construídas. [30/03/2016]</i></p> <p><i>- Foi possível efetuar a peça do início até ao final, contabilizando a sua duração para cerca de uma hora. Não foram feitas interrupções e no final a investigadora partilhou as suas observações/ anotações que contêm as sugestões de melhoria e os aspetos que se consideraram bons e que, por conseguinte, se devem manter. [01/04/2016]</i></p> <p><i>- Foi concretizado o ensaio da peça completa com as respetivas projeções</i></p>

---

---

	<p><i>do cenário. As participantes encontram-se mais seguras na representação e tiveram em conta as observações e sugestões partilhadas na sessão antecedente. O processo criativo está em constante construção, pelo que algumas participantes sugeriram acrescentar alguns efeitos sonoros à apresentação. As suas personagens têm vindo a ser construídas com dedicação, interesse e entusiasmo. [04/04/2016]</i></p> <p><i>- Cada uma das personagens foi responsável por escolher e arranjar as suas próprias roupas, compondo-se na medida do seu agrado e intenção. Tal como nas sessões anteriores, foi possível ensaiar a totalidade da peça, mas desta vez com as personagens vestidas e caracterizadas. Todas as intervenientes já sabem a sequência da história de cor, assim como as suas falas e os acontecimentos. [05/04/2016]</i></p>
<p><b>Relação entre a história e a vida real</b></p>	<p><i>- Analisando o enredo criado verifica-se que existem determinados acontecimentos reais e similares ao quotidiano, embora alguns deles sejam encobertos em fantasia ficcionada, tais como: adotar um macaco da floresta como membro da família; violência doméstica que faz com que a noiva não apareça no casamento e simule a sua morte; alguém ser acusado e ir para a prisão quando na verdade está inocente; uma criança ficar sozinha com o macaco, sem um cuidador adulto, e ter que ir para uma instituição, sendo forçadamente separada do seu companheiro que vai para outra instituição; o retrato de como é passar um fim-de-semana numa família de apoio; manter um caso amoroso com o próprio pai para reforçar o disfarce identitário. [24/03/2016]</i></p> <p><i>- Na cena em que Constança e Goucha vão buscar Fabiana à instituição, Fabiana responde de forma obstinada e pouco educada aos adultos, que acabam por manifestar agressividade e alguma violência na imposição de regras e contrariedades. [30/03/2016]</i></p>
<p><b>Apresentação final da criação coletiva</b></p>	<p><i>- A B2, D4 e G7 verbalizaram vontade de apresentar publicamente uma peça de teatro e todas as outras participantes evidenciaram agrado e concordância com a ideia. [08/01/2016]</i></p> <p><i>- As jovens verbalizam que têm vontade de ensaiar e que estão ansiosas pela apresentação final. [24/03/2016]; Continuam muito empolgadas e animadas com o processo criativo e focadas na apresentação final. [04/04/2016]; Mantêm-se muito ansiosas e expectantes por partilhar as suas criações com as colegas e com as funcionárias da instituição. [05/04/2016]</i></p> <p><i>- A apresentação correu muito bem, as participantes tiveram um desempenho excelente. O público, constituído pelas crianças/ jovens acolhidas junto das participantes e pelas funcionárias que trabalham com elas diariamente, emitiu pareceres muito favoráveis e positivos, parecendo ter-se divertido e verbalizando que adorou. A história e algumas das personagens são bastante cómicas, o que, por sua vez, desencadeou muitos risos nos espectadores. [06/04/2016]</i></p>
<p><b>Aprendizagens com este projeto</b></p>	<p><i>- Parece ser importante e fundamental para as participantes a obtenção de um resultado final quer para usufruto próprio, quer para partilhar com outras pessoas. Tanto no Teatro como na Expressão Dramática, a performance parece assumir proporções consideráveis e significativas para este grupo em particular. [06/04/2016]</i></p>
<p><b>Vontade de continuar a</b></p>	<p><i>- O feedback final foi muito positivo e revelador da vontade que a maioria exprime em continuar a fazer parte deste projeto, participando em</i></p>

---

Tabela n.º 6 – Análise do Diário da Investigadora

Desde a primeira sessão (que decorreu no dia 08/01/2016), foi possível constatar que todas as jovens tiveram um desígnio não influenciado de participar no projeto, tal como tinha sido requerido pela investigadora, sendo que se foram mostrando colaborativas e participativas. De acrescentar que na primeira sessão foi registada a sugestão efetivada por algumas participantes e assentida por todas de fazerem uma peça de teatro e apresentá-la publicamente.

Ao longo das atividades propostas nas sessões foi ainda possível aferir que as participantes manifestam aptidão pela Expressão Dramática/ Teatro, dado que evidenciaram competências fulcrais, tais como capacidade de improviso, predisposição para o jogo simbólico, abertura perante o grupo, criatividade, espírito de iniciativa, autonomia, imaginação e articulação de ideias.

Mais se refere que se verificaram situações de potencial transposição da vida pessoal das participantes para as personagens que criaram, tal como foi identificado e descrito na tabela anteriormente apresentada.

De acrescentar que as participantes verbalizaram frequentemente, aquando do final das sessões, que se *divertiram* e que *estavam ansiosas pela próxima sessão*, indiciando o seu envolvimento e agrado com as atividades e com este projeto.

Contudo, registaram-se também situações pouco favoráveis, tais como ausências de determinadas jovens em algumas sessões, devido a questões laborais ou de fins-de-semana em que se deslocaram aos familiares; cansaço e desânimo de algumas participantes em determinadas sessões; conflitos pontuais entre os elementos do grupo que, com o diálogo estabelecido e sugestões consideradas, conduziram à saída da A1 do grupo, no dia 23/03/2016 [Sessão n.º 12], aquando da continuação da história e dos ensaios para a apresentação final. Este procedimento foi pouco consensual, no entanto

respeitou as posições defendidas pelo maior número de participantes [quatro votos para sair e três para permanecer].

De modo a seguir a linha orientadora deste projeto, outras sugestões das participantes foram sendo consideradas e colocadas em prática, pelo que o desígnio de *representar* evidenciado por todas foi acrescentado ao projeto que, inicialmente, não comportava a obtenção de um resultado final, uma vez que o seu principal e exclusivo enfoque estava atribuído no processo criativo. Consequentemente, as sessões complementares, que decorreram mais de uma vez por semana, de acordo com a disponibilidade de todas, desde 16/03/2016 [Sessão n.º 9] até 05/04/2016 [Sessão n.º 19], destinaram-se ao desenvolvimento da história que já tinha começado a ser definida em sessões precedentes, envolvendo as personagens que já tinham sido criadas pelas próprias participantes na terceira, quarta e quinta sessões (consultar o Anexo 5, referente às personagens criadas). Esse trabalho converteu-se numa peça de teatro de autoria original e coletiva, denominada «Alguma vez na vida?» (consultar esta história/ peça de teatro na íntegra, no Anexo 6), muito cómica e repleta de mistérios, comportando cenários, adereços, guarda-roupa e caracterização que, após ter sido devidamente preparada e ensaiada, foi apresentada na instituição de acolhimento, às colegas e funcionárias.

Mais se acrescenta que foi tida em conta outra das sugestões enunciadas, designadamente a apresentação, aquando da peça, de um vídeo relativo ao processo criativo, contendo as fotografias que as participantes foram recolhendo ao longo das sessões. Esta atividade complementar de registo e recolha de dados foi adotada com agrado pelas participantes, sendo uma forma de partilharem a máquina fotográfica entre si e poderem retratar o desenvolvimento das sessões de acordo com os seus pontos de vista, de modo a salvaguardar os registos audiovisuais dos acontecimentos, quer sob a forma de vídeos, quer sob a forma de fotografias.

De acordo com o *feedback* emitido pelas intervenientes, o projeto foi uma experiência muito divertida e agradável, que permitiu aprimorar as capacidades de cooperação e negociação entre as participantes, envolvendo um avultado empenho e entusiasmo ao longo do processo criativo, sendo que, através da apresentação final, é verificável a evolução de todas. De acrescentar que a apresentação e a troca de pareceres que daí resultaram contribuiu para que as jovens se sentissem apreciadas e valorizadas perante um público que lhes é conhecido e com o qual interagem no dia-a-dia. Foi ainda

importante para aumentar a autoestima de algumas e para provar a outras que são capazes de fazer Teatro – *Eu já sabia que algumas fariam isto bem, mas a F6 surpreendeu-me porque nunca pensei que conseguisse expor-se assim e tão bem*, segundo transmitiu a diretora técnica do LIJ –, *ficando mais desinibidas nas relações*, tal como reportou a G7.

Na sessão final (que ocorreu no dia 13/04/2016), as participantes, de uma forma generalizada, exprimiram a sua vontade de continuar a participar em atividades teatrais, atendendo à significância que esta experiência teve para elas.

#### **4.4. Síntese e Discussão dos resultados**

Considerando os dados recolhidos nos instrumentos enunciados, é verificável que a totalidade das características pessoais e sociais abordadas neste estudo aumentaram comparativamente ao início da intervenção.

Consequentemente, **a autoestima das participantes aumentou**, de acordo com o tratamento dos dados recolhidos através dos questionários. Este aumento está também presente em relatos partilhados nos diários individuais por determinadas participantes (B2, C3, F6 e G7). Por exemplo, a F6 reporta: *Ao longo destas sessões tenho-me sentido mais solta, já que não fazia há muito, porque representar acaba por mudar um pouco daquilo que eu sou lá fora, ou seja faz-me sentir bem*. [F6, 19/02/2016]. No que se refere ao diário de bordo da investigadora, o desenvolvimento da autoestima das participantes denota-se principalmente após a apresentação final da criação coletiva que, por sua vez, desencadeou gratificação e valorização nas participantes.

No que concerne às **estratégias de Coping e resolução de problemas**, denotou-se, através dos questionários, que **as participantes aumentaram a sua capacidade de fazer face aos problemas** após a intervenção, minorando as estratégias de negação adotadas, podendo dever-se à aquisição de confiança em si próprias, decorrente das atividades em que vislumbraram as suas capacidades. Por exemplo, a B2 refere no seu diário individual: *Cantamos para o nosso grupo. Confesso que fiquei um pouco envergonhada, muito nervosa, um pouco tímida. Mas consegui, ou pelo menos tentei com que corresse bem*. [B2, 04/03/2016].

Apesar de não ter sido abordado nos questionários, a análise dos diários individuais e do diário de bordo acrescenta que **a criatividade das participantes evoluiu** aquando das sessões, podendo dever-se à dinamização frequente de situações instigadoras da imaginação e do sentido criativo, tal como preconizam Oliveira e Milhano (2010); Gardner (1999); Neelands (1984); McGregor, Tate e Robinson (1977); Cunha (2013); Bompastor, Ferreira e Martins (2012). Assim, a análise dos diários individuais revela a criatividade inerente às experiências das participantes com enfoque no processo criativo, desde a seleção de um mero objeto até à criação de personagens e de uma história: (...) *nunca pensei que a partir de um objeto criássemos uma história*. [E5, 13/04/2016]; (...) *ainda penso como de objetos surgiu uma história tão bem estruturada e bem criada, cómica!* [G7, 13/04/2016]. O diário de bordo, por sua vez, contém registos que revelam que as participantes têm uma *excelente capacidade de improviso, provida de criatividade* [31/03/2016], tendo assumido um papel ativo e participativo na construção de personagens e de uma história/ peça de teatro que, embora tenha um teor bastante dramático, foi convertida em comédia.

Relativamente ao desenvolvimento social, o tratamento de dados dos questionários permitiu reportar que **parte das participantes aumentou o seu sentimento de integração social e capacidade de trabalhar em equipa**, apesar de ser um aumento pouco significativo. Para além disso, os diários individuais evidenciam uma apreciação positiva generalizada, como por exemplo: *Acho muito interessante trabalhar com este grupo, pois tem as suas diferenças!* [D4, 19/02/2016]. De acordo com o diário de bordo da investigadora, foi notável, ao longo das sessões, o desenvolvimento do espírito de grupo, companheirismo e trabalho em equipa, decorrendo partilha de ideias associada à capacidade de negociação, colaboração e cooperação entre as participantes. Estas observações são concordantes com as perspetivas de enfoque social de Oliveira e Milhano (2010); Bahia (2009); Bezelga (2014); Cunha (2013); Wagner (1998); Barata (1979); Costa (2003); Bompastor *et.al.* (2012); McGregor *et.al.* (1977); Gallagher (2000); Baldwin e John (2012).

Contudo, **decorreram conflitos relacionais entre os elementos do grupo** que foram descritos no diário de bordo e enunciados por grande parte das participantes (A1, B2, C3, D4 e G7) nos respetivos diários individuais, exemplificando: (...) *como nem todas se davam bem, mesmo que estivéssemos numa atividade, às vezes chocávamos*. [G7, 13/04/2016]. Consequentemente **foram definidas sugestões para a resolução dos**

**conflitos existentes**, sendo que determinadas participantes (C3, D4 e F6) apresentaram nos diários individuais a proposta de fazer uma reunião com o grupo. Segundo o diário de bordo, foram adotadas as sugestões e foi considerada a proposta subsequente associada à votação que desencadeou a saída da A1 do grupo. No que se refere às **reações inerentes à saída da A1 do grupo**, todas as participantes se pronunciaram nos respectivos diários individuais, por exemplo: *Não estava planeado de modo algum saídas de elementos, mas por vezes existem atitudes que não devem ser passadas em branco. O projeto resultou bem com os restantes elementos.* [D4, 13/04/2016]. A própria A1 afirmou: *Com a minha saída do grupo eu fiquei triste, eu não estava à espera da decisão do grupo mas tive de aceitar.* [A1, 13/04/2016].

Cumprir acrescentar outros resultados que se identificaram através dos diários das participantes e do diário da investigadora, designadamente a **satisfação com as experiências e sessões** que, em ambos os instrumentos, foi referenciada frequentemente e na maior parte das sessões. Por outro lado, o **desânimo e cansaço transmitido** esporadicamente por parte do grupo (A1, C3 e G7), devendo-se particularmente ao horário tardio das sessões e às tarefas escolares. Inicialmente (22/01/2016) a investigadora sentiu que estava a *perder o grupo*, resolvendo cativá-lo na sessão seguinte, de acordo com os seus desígnios, tendo incitado à criação de personagens e de pequenas improvisações. Para além disso, as **características e relação entre as personagens criadas e as próprias jovens (projeção)**, tendo sido perceptível, através dos diários individuais, que algumas das jovens projetaram características próprias ou desejadas nas suas personagens (A1, C3 e D4). Por exemplo: *(...) quando represento é como tudo de mau desaparece porque represento como personagem aquilo que gostava de ser.* [C3, 18/03/2016]; *Na personagem que criei foi a pessoa que eu gostava de ser e além disso ela, a Maria Rastafary, tem algumas características minhas: o Surf, os relógios e o Rock.* [A1, 13/04/2016]. De acordo com o diário de bordo, foram identificadas situações de projeção comprovadas (A1, C3) e eventuais (F6 e G7), reforçando as perspetivas defendidas por Heathcote *in* Johnson e O'Neill (1984); Courtney (1989); Brecht (1973); Wagner (1998); McGregor, *et.al.* (1977); M. S. P. Lopes (2011). O **processo criativo inerente à construção da história/ peça de teatro** que, por sua vez, se encontra presente nas abordagens de Barrett (1979); Nóvoa (1989); Fontanel-Brassart e Rouquet (1977); Aguilar (2001); Lopes (2010); Landier e Barret (1994); Heathcote *in* Johnson e O'Neill (1984); McGregor, *et.al.* (1977), é caracterizado

em ambos os instrumentos de recolha de dados pelo interesse generalizado, agrado, diversão e entusiasmo, paralelamente ao esforço e envolvimento da parte de todas as participantes, exemplificando: *A peça foi criativa, tivemos bastantes reflexões sobre o que poderíamos ou não fazer.* [B2, 13/04/2016]. De acrescentar a **relação entre a história e a vida real** que, atendendo às opiniões descritas nos diários individuais, é semelhante (A1, C3, D4, E5 e G7) ou diferente (B2 e F6), por exemplo: *Esta história relata alguns fatores reais como, a mulher sofrer de violência, crianças irem para instituições, famílias desmontarem-se e raramente no fim se unem. Mas na nossa história acabaram por ficarem juntos.* [E5, 13/04/2016]. Neste sentido, no diário da investigadora é explicitado que existem determinados acontecimentos reais e similares ao quotidiano na história/ peça de teatro criada pelas jovens, do mesmo modo que preconizam Silva (2006); Heathcote in Johnson e O'Neill (1984); Courtney (1989); Vianna e Strazzacappa (2001); Brecht (1973); Wagner (1998); Neelands (1984); Kowalski (2005); Boal, 2011. Para além disso, a **apresentação final da criação coletiva** que, em ambos os instrumentos, se associa à satisfação e ansiedade face à estreia por parte da totalidade das participantes: *Estou em pulgas para o dia em que a apresentação seja feita.* [B2, 11/03/2016]. De salientar as **aprendizagens decorrentes deste projeto**, em que, quer no questionário final, quer nos diários individuais, se destaca o *convívio e trabalho em grupo* entre a maior parte das declarações, exemplificando: *Levo o espírito de vontade de todas, levo um pouco de todas principalmente dos sorrisos e do brilho dos olhos de cada uma (...).* [C3, 13/04/2016]. No diário de bordo é refletida a relevância para as participantes na obtenção de um resultado final para usufruto próprio, bem como para partilhar com o Outro. Por fim, verificou-se que **foi estimulado o interesse e a vontade de continuar a participar em atividades dramáticas/ teatrais**, dado que a análise do questionário final indica que a totalidade das participantes manifesta o desígnio de *repetir* a experiência (C3, D4 e E5), considerando que foi *divertida* (A1 e G7). As jovens corroboram a sua vontade de participar nos diários individuais: *Penso que foi divertido apesar de tudo, sinto-me com mais garra a continuar no teatro (...) Sim, quero continuar* [F6, 13/04/2016]. Em suma, o diário da investigadora descreve que o *feedback* final foi positivo e revelador da vontade que a maioria exprime em continuar a participar em atividades dramáticas e teatrais.



## CONCLUSÕES

Ao longo das sessões de atividades deste projeto foi notável o envolvimento e interesse por parte das participantes, que foram convidadas a criar de forma livre, isto é, sem imposições e impedimentos, para que fossem as autoras e protagonistas das suas criações e para que a sua expressão fosse plena e espontânea, à semelhança do preconizado por Sousa (2000): “sem liberdade não há expressão” (p. 85), bem como por outros autores (Matos e Ferraz, 2006; Menano, 2008; Landier e Barret, 1994; Costa, 2003; M. S. P. Lopes, 2011).

Este procedimento resultou numa evolução no que concerne ao desenvolvimento de competências e aprimoramento de capacidades, não só a nível da Expressão Dramática/Teatro, como também a nível pessoal e social.

Por conseguinte, a pergunta de partida formulada aquando do início da intervenção – *Qual é o contributo da Expressão Dramática no desenvolvimento pessoal e social de jovens acolhidas em Lar de Infância e Juventude?* – obteve as seguintes fundamentações observáveis no grupo das jovens acolhidas participantes, através da aplicação dos diversos instrumentos de recolha de dados (questionários, diários individuais das participantes, diário de bordo da investigadora e registos audiovisuais):

- *A Expressão Dramática contribui para reforçar a autoestima*, dado que ao longo do processo criativo inerente às sessões de atividades, as jovens puderam constatar que são capazes de inventar algo que lhes proporciona diversão e entusiasmo, podendo ser comprovado através dos testemunhos recolhidos nos diários individuais e da comparação entre os questionários aplicados antes e após a intervenção.

- *A Expressão Dramática contribui para o reforço das estratégias de resolução de problemas*, tal como foi aferido através da interpretação dos questionários e do consequente aumento que se verificou do inicial para o final. Isto pode dever-se ao facto da Expressão Dramática ter presente a necessidade de improvisação que, por sua vez, requer imaginação e criatividade, tal como é essencial para resolver as situações adversas e inesperadas do quotidiano.

- *A Expressão Dramática contribui para promover a criatividade*, uma vez que proporciona ações potenciadoras do exercício da imaginação, estimulando o pensamento criativo que esteve inerente no decurso de todo o processo de construção das personagens e das improvisações subsequentes que, por sua vez, espelham a autoria individual e coletiva das participantes.

- *A Expressão Dramática contribui para melhorar o trabalho em equipa e o sentido de pertença e integração social*, tal como se encontra refletido nos questionários, designadamente na evolução que transparece do início para o fim das sessões. O grupo foi sendo incitado a colaborar, cooperar e negociar ideias no decurso das sessões, pelo que acabou por desenvolver o espírito de equipa, tornando-se coeso. Ao longo da intervenção e do processo criativo foi inculcada a valorização pessoal nas participantes, de modo que as criações coletivas transpusessem a marca individual de cada uma, tornando crucial a presença e a aceitação de todos os elementos do grupo.

Listados e confirmados alguns contributos que advêm de uma intervenção assente na Expressão Dramática, foram, deste modo, corroboradas afirmações proferidas por parte de uma multiplicidade de autores – tais como, Sousa (2000, 2003); Read (1982); Santos (1989, 2000); Bahia (2009); Cross (1983); Landier e Barret (1994); Matos e Ferraz (2006); Cunha (2013); Fontanel-Brassart e Rouquet (1977); Gardner (1999); M. S. P. Lopes (2010, 2011); Bento (2008); Way (1967); Wagner (1998); Neelands (1984); Barata (1979); McGregor, *et.al.* (1977); Solmer (1999); Johnson e O’Neill (1984); Costa (2003); Bompastor, *et.al.* (2012); Gallagher (2000). Por exemplo, Bahia (2009) atribui à educação artística “ (...) benefícios em termos cognitivos, pessoais e sociais” (p. 142).

No entanto, o presente estudo registou determinadas **limitações**, enraizadas essencialmente no facto do horário das sessões ser tardio e limitado, condicionando a predisposição das participantes e a fluidez do processo criativo, bem como na observação de que algumas jovens manifestaram desagrado ou pouca vontade de escrever, fazendo registos pouco detalhados nos seus diários individuais e, por conseguinte, empobrecendo esse instrumento de recolha de dados.

De modo a aprimorar uma potencial investigação futura, edificada na intervenção através da Expressão Dramática/ Teatro que caracteriza este projeto, evocam-se

**sugestões de melhoria**, designadamente expandi-lo a um maior número de crianças e jovens acolhidos, criando dois grupos etários (dos 06 aos 11 anos e dos 12 aos 21 anos), e a uma maior quantidade de instituições de acolhimento, compreendendo também o género masculino; estabelecer um horário distinto que seja diurno e abarque pelo menos três horas seguidas.

Mais se acrescenta que alguns autores, designadamente Barrett (1979); Nóvoa (1989); Fontanel-Brassart e Rouquet (1977); Wagner (1998); Neelands (1984); Aguilar (2001); Solmer (1999); Bento (2003); McGregor, *et.al.* (1977), mencionam a importância de priorizar o processo criativo, desvalorizando a necessidade de obter e apresentar publicamente um resultado final, sendo que, por outro lado, Heathcote *in* Johnson e O'Neill (1984), por exemplo, atribuem relevância às apresentações performativas junto de um público, ainda que reduzido e pertencente ao contexto dos criadores (Costa, 2003). Através deste projeto, cujo enfoque incidia inicialmente no processo criativo em exclusividade, foi possível perceber que o grupo de participantes valorizou intensamente a apresentação da sua criação coletiva (intitulada «Alguma vez na vida?») a uma audiência, tendo sido fundamental e significativo para as participantes a obtenção de um resultado final quer para fruição própria, quer para partilhar com outras pessoas. Consequentemente, a *performance* parece assumir proporções consideráveis e significativas para este grupo de estudo em particular.

Não obstante este estudo investigativo ter originado constatações que vão ao encontro dos atributos concedidos à Expressão Dramática referenciados precedentemente, foi verificável que as atividades concretizadas no âmbito da Expressão Dramática incentivam as jovens a criar personagens providas de características oriundas de ou desejadas por si próprias, pelo que seria interessante explorar este aspeto num **futuro trabalho de investigação**. Este poderia abordar as seguintes questões:

- *De que modo os jovens acolhidos atribuem aspetos das suas vidas passadas ou quotidianas na criação de personagens e de histórias?*
- *Até que ponto as personagens criadas por jovens acolhidos se assemelham a eles próprios?*
- *Quais os pressupostos que estão na origem da criação de personagens por parte de jovens acolhidos?*

É deste modo que se verifica que ainda há muito para ser revelado em estudos subsequentes, atendendo à esporadicidade que a Expressão Dramática assume na intervenção junto de crianças e jovens acolhidos em instituição.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguilar, L. (2001). *Expressão e Educação Dramática: Guia Pedagógico para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Amado, J. (coord.). (2003). *A Escola e os Alunos Institucionalizados*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde – Ministério da Saúde.
- Bahia, S. (2009). *Constrangimentos à Expressão Artística In Invisibilidades – Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*, #0 (pp. 137-148). Porto: Rede Ibero-Americana de Educação Artística.
- Baldwin, P. & John, R. (2012). *Inspiring Writing Through Drama: Creative Approaches to Teaching Ages 7-16*. London: Bloomsbury.
- Barata, J. (1979). *Didáctica do Teatro – Introdução*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Barrett, M. (1979). *Educação em Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Beltrán, L. (2000). *Globalização e Reeducação Expressivo-Artística: E pela Asa do Sonho eu me crio...* In Vários Autores (2000). *Educação pela Arte – Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos* (pp. 127-142). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, A. (2008). *Teatro e Animação Sociocultural: Parceiros Inequívocos em Estratégias de Participação Social e de Desenvolvimento Cultural*. In Ventosa, V. (coord.). (2008). *Revista Iberoamericana Animador Sociocultural*, n.º 2 (pp. 25-35). Madrid: Editorial CCS.
- Bento, A. (2014). *Pode o Teatro, como objecto e estratégia de Educação e Animação Comunitária, travar tendências de recuo social e cultural?* In Pereira, J., Vieites, M.,

- & Lopes, M. (2014). *As Artes na Educação* (pp. 91-95). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Bezelga, I. (2014). *Perspectivas de Educação Comunitária e Teatral no Ensino Superior: O Caso da Universidade de Évora*. In Pereira, J., Vieites, M., & Lopes, M. (2014). *As Artes na Educação* (pp. 97-106). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
  - Boal, A. (2011). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
  - Bolton, G. (1979). *Towards a Theory of Drama in Education*. England: Longman Group Ltd.
  - Bompastor, E., Ferreira, F. & Martins, F. (2012). *Jogar com as Emoções, Encenar o Futuro – Expressões Dramáticas na Prevenção de Perturbações da Conduta em Crianças*. In Dalmann, E. & Ferraz, M. (coord.). (2012). *Metodologias Expressivas na Comunidade* (pp. 139-166). Lisboa: Tuttirév Editorial, Lda.
  - Brecht, B. *et.al.* (1973). *Teatro e Vanguarda*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
  - Brook, P. (2008). *O Espaço Vazio*. Lisboa: Orfeu Negro.
  - Burgess, R. (1997). *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
  - Carvalho, M. J. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
  - Carvalho, M. J. & Salgueiro, A. (Coord.). (2014). *Direitos da Criança: Experiências de quatro instituições de acolhimento de jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
  - Carvalho, M. J. & Cruz, H. (2015). *Transições juvenis num contexto de (pós-) acolhimento*. In Vários Autores (2015). *Transições: Desafios e práticas no acolhimento de jovens em instituição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Centro de Estudos Territoriais – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (2005). *Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Coelho, P. (1973). *O Teatro na Educação*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária Ltda.
- Costa, A. (2012). *Auto-conceito e Auto-eficácia em crianças/jovens Institucionalizados*. (Dissertação de Mestrado não editada, Mestrado em Psicologia Jurídica). Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto.
- Costa, I. (2003). *O Desejo de Teatro – O Instinto do Jogo Teatral como Dado Antropológico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Courtney, R. (1989). *Play, Drama & Thought: The Intellectual Background to Dramatic Education*. Canada: Simon & Pierre.
- Cross, J. (1983). *O Ensino de Arte nas Escolas*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo.
- Cunha, M. J. (2013). *Expressões Artísticas na Educação e Desenvolvimento do Homem Novo*. In *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 1089-1100). Braga: Universidade do Minho.
- Delgado, P. (Coord.). (2013). *Acolhimento Familiar de Crianças: Evidências do presente, desafios para o futuro*. Porto: Mais Leituras editora.
- *Decreto-Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro, alterada pela Lei n.º 142/2015, de 08 de Setembro [Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo]*. Diário da República n.º 175/2015 – 1.ª Série. Lisboa: Ministério do Trabalho e Segurança Social.
- *Decreto-Lei n.º 2/86, de 02 de Janeiro [Lares de Acolhimento de menores]*. Diário da República n.º 1/1986 – 1.ª Série. Lisboa: Ministério do Trabalho e Segurança Social.

- Esteireiro, P. (2014). *Estudos sobre Educação e Cultura*. Funchal: Associação Regional de Educação Artística.
- Fontanel-Brassart, S. & Rouquet, A. (1977). *A Educação Artística na Acção Educativa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Gallagher, K. (2000). *Drama Education in the Lives of Girls: Imagining Possibilities*. Toronto: University of Toronto Press.
- Gardner, H. (1999). *Arte, Mente e Cérebro – Uma abordagem cognitiva da criatividade*. Porto Alegre: ArtMed Editora.
- Henriques, A., Bento, C., Martins, H. & Costa, J. (2014). *Direitos da Criança e Acolhimento Institucional*. In *Direitos da Criança: Experiências de quatro instituições de acolhimento de jovens* (pp. 10-21). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2015). *CASA 2014 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2012). *CASA 2011 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto para o Desenvolvimento Social (2000). *Lares de Crianças e Jovens: Caracterização e Dinâmicas de Funcionamento*. Scarpa Impressores, Lda.
- Johnson, L. & O'Neill, C. (1984). *Dorothy Heathcote: Collected writings on Education and Drama*. Leckhampton: Stanley Thornes Publishers.
- Kowalski, I. (2005). *... e a Expressão Dramática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria.
- Landier, J. C. & Barret, G. (1994). *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Edições Asa.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, M. (coord.). (2011). *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, M. S. P. (2010). *Teatro e Expressão Dramática: uma discussão de conceitos*. In Oliveira, M. & Milhano, S. (org.). (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade* (pp. 135-143). Leiria: Folheto Edições e Design – Centro de Investigação Identidades e Diversidades.
- Lopes, M. S. P. (2011). *O Saber Dramático: A Construção e a Reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Lopes, M. S. P., Sousa, J. & Kowalski, M. (2012). *Da Intervenção Artística à Investigação: Uma Experiência entre Escolas Vizinhas*. In Canastra, F., Santos, G., Lopes, M. S. P. (coord.). *Animação Cultural – Descobrindo Caminhos* (pp. 191-204). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria.
- Matos, F. & Ferraz, H. (2006). *Roteiro da Educação Artística*. In Santos, M. (diretora). (2006). *Revista Noesis*, n.º 67 (pp. 26-29). Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- McGregor, L., Tate, M. & Robinson, K. (1977). *Learning Through Drama*. Oxford: Schools Council Publications.
- Melo, M. (2005). *A Expressão Dramática – À procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Menano, C. (2008). *Entrevista Cecília Menano*. In Santos, M. (diretora). (2008). *Revista Noesis*, n.º 72 (pp. 16-21). Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Neelands, J. (1984). *Making Sense of Drama: A Guide to Classroom Practice*. Oxford: Heinemann Educational Publishers.

- Oliveira, M. & Milhano, S. (org.). (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. Leiria: Folheto Edições e Design – Centro de Investigação Identidades e Diversidades.
- Pedro, A. (2001). *Escritos sobre Teatro*. Porto: Edições Cotovia – Angelus Novus.
- Pereira, J., Vieites, M. & Lopes, M. (2012). *Teatro e Intervenção Social*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações Lda.
- Ribeiro, J. (1995). *Adaptação de uma Escala de Avaliação da Auto-Eficácia Geral*. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/docentes/paisribeiro/testes/EFICACIA.htm>. Consultado em [22/06/2016].
- Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A. (1989). *Mediações Artístico-Pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, A. (2000) *Breve Retrospectiva do Movimento de Educação pela Arte em Portugal*. In Vários Autores (2000). *Estudos em Homenagem do Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais – Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, R. (2006). *Para além da representação, nos limites do visível*. In Gonçalves, M. (coord.). (2006). *Cadernos PAR – Pensar a Representação*, n.º 1 (pp. 49-53). ESAD.CR – Instituto Politécnico de Leiria.
- Soares, S. (2010). *Ensaio de Escre(vi)ver: manufactura de afectos no curso dos dias*. In Oliveira, M. & Milhano, S. (org.). (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade* (pp. 115-134). Leiria: Folheto Edições e Design – Centro de Investigação Identidades e Diversidades.
- Solmer, A. (dir.). (1999). *Manual de Teatro*. Lisboa: Edição Instituto Português de Artes e Espectáculo.

- Sousa, A. (1980). *A Expressão Dramática*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, A. (2000). *A Expressão – Novas Perspectivas e Implicações*. In Vários Autores (2000). *Educação pela Arte – Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos* (pp. 75-87). Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação: 2º Volume – Drama e Dança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Veiga, F. (2006). *Uma nova versão da Escala de Autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2)*. In *Psicologia e Educação*, Volume 5, n.º 1 (pp. 39-48).
- Vianna, T. & Strazzacappa, M. (2001). *Teatro na Educação: Reinventando Mundos*. In Ferreira, S. (org.). (2001). *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos* (pp. 115-138). São Paulo: Papirus Editora.
- Vieites, M. (2014). *Discurso aos Civilizados sobre a Dimensão Educativa do Teatro*. In Pereira, J., Vieites, M. & Lopes, M. (2014). *As Artes na Educação* (pp. 149-158). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Wagner, B. (1998). *Educational Drama and Language Arts: What Research Shows*. Chicago, Illinois: Heinemann.
- Way, B. (1967). *Development through Drama*. London: Longman.



# **ANEXOS**

## **Anexo 1**

### **Planificações das Sessões de Atividades**

## Sessão n.º 0/ Inicial – “Como Sou”

**Objetivos:** Conhecer o grupo de participantes; estabelecer relação com o grupo; esclarecer e motivar o grupo relativamente ao projeto e às sessões de atividades de Expressão Dramática que vão decorrer; aferir as potencialidades de entrega e as expectativas do grupo.

1. Explicar quem sou e o teor do meu Projeto
2. Prestar esclarecimentos referentes às Sessões de atividades que vão ser concretizadas:

*[As sessões de atividades que vão ter uma rotina de três momentos: o primeiro é **Explorar**, onde é introduzido o tema e feitas dinâmicas exploratórias de aquecimento; o segundo momento é **Criar**, onde vamos fazer improvisação e dramatização, no fundo vamos inventar, imaginar e criar alguma coisa nossa; e o terceiro é **Refletir**, onde vamos poder partilhar com o grupo o que experienciamos (aspetos positivos e negativos; o que se gostou mais e o que não se gostou; dificuldades). Para este momento, cada uma de vocês terá um **Diário Individual**, onde escreve o que entendeu sobre a sessão]*

3. Distribuir os questionários iniciais
4. Distribuir as primeiras páginas dos Diários Individuais para elas fazerem o seu Auto-Retrato (colocando o nome - opcional)
5. Dinâmica de grupo: “**Como Sou**”

*Cada participante diz o seu nome e o que quiser sobre si (eu integro-me no grupo), quando tiver um objeto nas mãos (uma caneta), o qual vai passando para outra pessoa, sucessivamente até todas terem falado.*

6. Exercício: “**Fuga aos Tubarões**”

*[Pretende ver a capacidade de imaginação e argumentação e é uma experiência inicial de construção de personagens. Permite ver como reagem perante a pressão e quem se defende com base nas suas próprias potencialidades ou nas fragilidades dos outros].*

*Metade do grupo está na embarcação e outra metade são tubarões (depois trocam de papéis). Os tubarões vão-se aproximando e só metade dos elementos do barco se*

*podem salvar, pelo que terão que ir argumentando com a finalidade de ver quem se salva e quem serve de alimento aos tubarões. Os elementos do barco devem criar personagens com características particulares, podendo estar associadas a profissões, para facilitar.*

### **Sessão n.º 1 – Espaço espacial**

**Objetivos:** Dar a conhecer a importância da utilização completa do *espaço*; desenvolver a atenção, coordenação motora, audição, sentido rítmico, imaginação, contacto interpessoal e criatividade.

**Explorar:** “Como é que... se o chão fosse feito de...”

As participantes caminham aleatoriamente pelo espaço tentando passar por todos os lados, sem embater umas contra as outras.

Posteriormente surge a questão: “Como é que andaríamos se o chão fosse feito de esponja” e todas reagem fisicamente, continuando a explorar e ocupar o máximo espaço possível. Cada participante completa a frase, dando uma sugestão verbal “Como é que...” (exemplos: correríamos, saltaríamos, rebolaríamos) e de um material “se o chão fosse feito de...” (exemplos: fogo, picos, neve, gelatina).

*Aumentando o desafio:* “Como é que... se o nosso corpo fosse feito de...” (mesmo método do anterior). Posteriormente acrescentam-se batimentos rítmicos (com palmas, partes do corpo, chão, parede), sendo que as participantes caminham ao ritmo dos batimentos e param quando o batimento cessa. Cada participante completa a frase e faz um batimento rítmico para as outras executarem.

**Criar:** “Circular e comunicar”

Cada participante pensa numa forma específica de se mover no espaço, priorizando uma parte do corpo em detrimento das outras. Em simultâneo, cada uma delas executa a sua forma de movimento e o percurso que pensou, tentando não embater nos elementos restantes. Quando alguém estiver próximo, deve manter o contacto visual e verbalizar

algo dirigido ao Outro, que não tem necessariamente que ser uma palavra definida, podendo ser um apenas um som vocal.

*Aumentando o desafio:* Quando as participantes se cruzam, após terem estabelecido contacto visual e mencionado o som, dão as mãos e criam um novo modo de se mover pelo espaço com base na  *fusão*  dos movimentos de ambas e dos sons proferidos por ambas. A atividade termina quando todas as participantes se tiverem juntado numa só, executando apenas um movimento consensual e um som que inclua os elementos inventados por todas.

### ***Refletir***

Cada uma das participantes tem a oportunidade de partilhar com o grupo o que entender, relativamente ao que experienciou, como por exemplo: aspetos positivos e negativos; o que gostou mais e o que não gostou; as dificuldades que sentiu.

Posteriormente, cada uma das participantes escreve no seu ***Diário Individual***, individualmente e com a garantia de que a sua identidade será apenas conhecida pela responsável do projeto, podendo ainda referir quando não querem que determinada informação que deram seja divulgada.

Mais se informa que os diários individuais têm como objetivo aferir a avaliação da sessão por parte das participantes, no que se refere a sentimentos, adequação, vivências, perspetivas positivas e negativas e aspetos a melhorar. Para além disso, constituem-se como uma forma de possibilitar a partilha do que realmente sentem sem terem inibição ou constrangimento perante as outras, sendo ainda uma forma de obter informações registadas pertinentes para o estudo.

(Refletir nesta sessão: importância de trabalhar em grupo, de chegar a consenso no sentido de obter uma criação conjunta em que todas participaram e se denota o cunho pessoal de cada uma na criação coletiva. O teatro são todos e cada um! É “um por todos e todos por um”! É grupo em que todos são precisos e todos importam).

## Sessão n.º 2 – Vislumbro-Me

**Objetivos:** Promover a interação e a ligação com o Outro; desenvolver a concentração, a coordenação motora e a cooperação; fomentar o trabalho em equipa, a comunicação, o contacto visual e corporal; estimular a criatividade e a imaginação.

**Explorar:** “Reflete o teu par”

Exercício em pares em que um dos elementos cria movimentos e o outro elemento imita-os sob a forma de espelho.

*Aumentando o desafio:* Dividir o grande grupo em dois e dispor metade dos elementos parados em círculo e a outra metade vai rodando, criando assim diferentes pares, de modo a todos os elementos se relacionarem entre si.

**Criar:** “Estátuas com vida”

O grande grupo é fragmentado em pequenos grupos (com 3/4 elementos cada), sendo-lhes atribuído o desafio de “Moldar o Conjunto”, ou seja, de criarem uma estátua coletiva, em que os elementos se moldam uns aos outros, como se fossem uma construção de barro, por exemplo.

*Aumentando o desafio:* Atribuir a possibilidade das estátuas verbalizarem aspetos como: a sua história, o que sentem, entre outros, através da resposta a questões proferidas pelos outros grupos. Atribuir a possibilidade das estátuas se mexerem, de saírem do lugar. Atribuir a possibilidade das estátuas criarem uma forma de falar própria.

**Refletir**

Cada uma das participantes tem a oportunidade de partilhar com o grupo o que entender, relativamente ao que experienciou, como por exemplo: aspetos positivos e negativos; o que gostou mais e o que não gostou; as dificuldades que sentiu.

Posteriormente, cada uma das participantes escreve no seu *Diário Individual*, individualmente e com a garantia de que a sua identidade será apenas conhecida pela responsável do projeto, podendo ainda referir quando não querem que determinada informação que deram seja divulgada.

Mais se informa que os diários individuais têm como objetivo aferir a avaliação da sessão por parte das participantes, no que se refere a sentimentos, adequação, vivências, perspectivas positivas e negativas e aspetos a melhorar. Para além disso, constituem-se como uma forma de possibilitar a partilha do que realmente sentem sem terem inibição ou constrangimento perante as outras, sendo ainda uma forma de obter informações registadas pertinentes para o estudo.

(Refletir nesta sessão: Importância de estabelecer uma relação com o (s) outro (s), olhá-los, tocá-los, falar-lhes... Em Teatro isto denomina-se *contracenar* com outras personagens, sendo estabelecido diálogo verbal e não-verbal).

### **Sessão n.º 3 – Escolhas e Invenções 1**

**Objetivos:** Desenvolver a capacidade de improvisação, a imaginação e a criatividade; trabalhar a criação de histórias e de personagens; estimular o contacto entre o grupo.

**Material:** Objetos (caneta; carrinho de linha de costura; queimador de incenso em forma de casa; dicionário de Alemão; flauta de pão; pequeno baú vazio; caixa de bolos vazia; relógio de pulso; forma para pudim/ bolo).

**Explorar:** “... Acrescenta um ponto!”

As jovens sentam-se em círculo e cada uma delas escolhe um dos objetos presentes no centro – caneta; carrinho de linha de costura; queimador de incenso em forma de casa; dicionário de Alemão; flauta de pão; pequeno baú vazio; caixa de bolos vazia; relógio de pulso; forma para pudim/ bolo. Posteriormente é criada uma história de grupo – uma jovem de cada vez, diz uma frase, acrescentando um novo pormenor ao que foi proferido anteriormente e incorporando o seu objeto na história.

*Aumentando o desafio:* Construir personagens a partir dos objetos – “Quem e como é o dono deste objeto?” (incorporam características físicas e psicológicas).

**Criar:** “Se eu fosse...”

Dividir em dois grupos e cada um cria uma história em que participam as suas personagens, definindo a ação com base na seleção de apenas um objeto – que é o “objeto misterioso” – e na definição de qual é o mistério e o que provoca no grupo de personagens.

### ***Refletir***

- “Do mesmo ponto de partida são criadas histórias diferentes”.
- Reunir comentários relativos ao trabalho apresentado por cada grupo, sendo que primeiro falam os espetadores e depois o grupo que apresentou (o que mudaríamos se fizéssemos outra vez, o que vivenciámos, ...).
- Convidar as participantes a refletir durante a semana no que poderemos fazer com as histórias criadas hoje.
- Cada participante escreve no seu ***Diário Individual***.

(Refletir nesta sessão: Como vimos hoje, é mais fácil inventar algo tendo como base a utilização de objetos; eles são uma espécie de ponto de partida que influenciam as histórias e as personagens que criámos, ajudando-nos, dando-nos pistas. Em Teatro é um pouco ao contrário, pois os objetos que se utilizam, que se denominam *adereços*, suportam o ator, preenchendo a cena e ajudam a contextualizar o espectador, envolvendo-o mais na história; são assim uma forma de complementar a ação).

## **Sessão n.º 4 – Escolhas e Invenções 2**

**Objetivos:** Desenvolver a capacidade de improvisação, a imaginação e a criatividade; trabalhar a criação de histórias e de personagens; estimular o contacto entre o grupo.

**Material:** Objetos misteriosos definidos pelos grupos (caneta e pequeno baú vazio) e diversas peças de vestuário e acessórios para caracterizarem as personagens.

***Explorar:*** “Transportando a imaginação”

As participantes distribuem-se pelo espaço e cada uma delas reage fisicamente, de acordo com o objeto que é sugerido que transporte (exemplos: objeto pesado; objeto grande e leve; objeto muito pequeno).

*Aumentando o desafio:* Efetuar o transporte de objetos imaginários em grupos de dois/três.

***Criar:*** “Se eu fosse (parte 2)”

As jovens sentam-se em círculo para fazer um exercício de relembrar as personagens definidas na sessão anterior: cada uma diz o nome e três características da sua personagem, repetindo o que disse a anterior.

As personagens caracterizam-se recorrendo ao vestuário e acessórios disponibilizados.

Debatem-se as ideias das participantes relativas à junção das duas histórias criadas na sessão anterior, definindo-se aspetos como “onde/ quem/ o quê/ quando”, e começam a explorar-se essas ideias na prática, a representar. O ponto de partida é definir como é que as personagens se vão encontrar/ cruzar na vida e porquê.

***Refletir***

- Reunir comentários relativos à evolução do trabalho efetivado nesta sessão e aos problemas que resolveram.
- Vivências das participantes: como se sentiram em personagem e o que sentiu cada uma das personagens.
- Cada participante escreve no seu ***Diário Individual***.

(Refletir nesta sessão: As indumentárias e acessórios que utilizamos hoje são um modo de caracterizar os atores, dando pistas aos espetadores sobre as personagens, a nível de personalidade, posição social, etc.).

### **Sessão n.º 5 – Invenções proliferadas**

**Objetivos:** Desenvolver a capacidade de definição e organização de ideias, a improvisação, imaginação e criatividade; trabalhar no desenvolvimento da história e das personagens criadas nas sessões anteriores; promover o contacto e interação entre os elementos do grupo.

***Explorar:*** “Recordações Acrescentadas”

O grupo senta-se em círculo, procedendo a um exercício para recordar as personagens e a história da sessão antecedente: cada uma incorpora a sua personagem, apresentando-se brevemente e referindo o que já fez e o que tenciona ainda fazer na história.

***Criar:*** “Continuação da ação”

Após ter sido inteiramente recordada a história criada na sessão anterior, são debatidas ideias, em grupo, no sentido de resolver problemas pendentes na ação, criando novas ações de resposta e criando um desfecho para a história. Quando definida a continuação da história, as personagens improvisam os novos acontecimentos.

***Refletir***

- Comentar a evolução do trabalho desta sessão e as estratégias que suportaram o grupo.
- Comentários individuais relativos às vivências de cada participante: como se sentiu a fazer a sua personagem e o que sentiu a própria personagem.
- Escrever no *Diário Individual*.

(Nesta sessão: Fazer o balanço do que já foi criado e introduzir a próxima sessão que será um modo de estimular a criação de novas peculiaridades, que depois poderão enriquecer ou complementar a história).

**Sessão n.º 6 – Entoações emocionadas**

**Objetivos:** Trabalhar competências técnicas de dicção, entoação e projeção de voz; explorar emoções e sentimentos; promover a cooperação e coesão do grupo; desenvolver a comunicação e criatividade.

**Material:** folhas de papel que incluam duas receitas, duas letras de músicas e duas notícias; papéis com indicações de *atitudes* a associar à leitura.

***Explorar:*** “Leitura emocionante”

É proposto que cada elemento individualmente leia um excerto de uma receita/ letra de música/ notícia em voz alta e adotando uma determinada emoção ou forma de falar, que retira de um papel aleatoriamente (exemplos: ler como se estivesse – a fazer um relato de futebol; muito triste sem conseguir parar de chorar; a falar com um bebé; na pele de um político; com um ataque de riso; com muita gaguez; terrivelmente assustado).

*Aumentando o desafio:* As jovens trocam de papéis e duas de cada vez leem duas coisas diferentes com emoções diferentes ao mesmo tempo.

**Criar:** “Invenção incorporada”

Em dois grupos (3/ 4 elementos) escolhem inventar uma notícia, uma música ou uma receita e representam-na através de personagens, espaço e tempo inventados.

**Refletir**

- Reunir comentários relativos ao trabalho apresentado por cada grupo, sendo que primeiro falam os espetadores e depois o grupo que apresentou (o que mudaríamos se fizéssemos outra vez, o que vivenciámos, ...).
- Convidar as participantes a refletir durante a semana no que poderemos fazer com as notícias/ músicas/ receitas criadas hoje.
- Cada participante escreve no seu *Diário Individual*.

(Refletir nesta sessão: Importância de projetar a voz e de pronunciar bem as palavras. Em Teatro é fundamental ter uma boa *dicção* para passar bem a mensagem e para se fazer ouvir entre a multidão).

### **Sessão n.º 7 – Guiando o Guião 1**

**Objetivos:** Estimular a colaboração, articulação e trabalho em grupo; relembrar alguns conteúdos experienciados, tais como a ocupação do espaço, a dicção e a projeção de voz; iniciar a construção do guião da história criada nas sessões anteriores; promover a criatividade individual e em grupo.

**Material:** Grelha de apoio para a construção do guião.

***Explorar:*** “Sonoridades espaciais”

As participantes distribuem-se pelo espaço e circulam aleatoriamente ao som de batimentos rítmicos livres efetuados por uma delas. Quando o ritmo termina, todas ficam paradas no local onde estão e a jovem (que fez o ritmo) diz uma palavra com a devida entoação, dicção e projeção, que posteriormente todas repetem. O exercício continua com outra jovem a ocupar estas funções, terminando quando todas tiverem feito ritmo e anunciado uma palavra.

***Criar:*** “Guião”

Os grupos que não apresentaram as músicas/notícias na semana passada começam por mostrar ao grande grupo o que criaram.

De seguida o grande grupo é fragmentado de acordo com as personagens que estão presentes em cena nos diversos momentos da história, as quais preenchem as grelhas de apoio para construir o guião.

***Refletir***

Partilha individual e em grupos relativa às experiências vivenciadas, dificuldades sentidas, importância do que fizeram e aspetos a melhorar e a acrescentar.

Cada uma das participantes escreve no seu Diário Individual.

**Sessão n.º 8 – Guiando o Guião 2**

**Objetivos:** Estimular a colaboração, articulação e trabalho em grupo; promover a criatividade individual e em grupo; dar continuidade à construção do guião da história; iniciar os ensaios para a apresentação final.

**Material:** Grelha de apoio para a construção do guião.

***Explorar:*** “Ligações improváveis em ação”

As participantes distribuem-se em pares pelo espaço, sendo que uma delas fica encarregue de comandar e indica partes do corpo que os pares deverão unir, associadas a uma determinada ação (Exemplos: ombro com ombro a rodar; joelho com joelho a

correr; costas com costas a saltar; ...). Quando a jovem que está a comandar disser “DESLIGAR”, os pares trocam – tendo a preocupação de se juntarem pares que ainda não estiveram juntos – e outra jovem fica a comandar os novos pares. A atividade repete-se até todas as jovens terem assumido o papel de comandar os pares.

***Criar:*** “Acrescentando e Ensaando o Guião”

As personagens que estão presentes em cena nos diversos momentos da história reúnem-se em grupos para preencher as grelhas de apoio, dando continuidade à construção do guião.

Posteriormente as personagens começam a ensaiar os primeiros momentos da história, descritos na primeira parte do guião.

***Refletir***

Partilha individual e em grupos relativa às experiências vivenciadas, dificuldades sentidas, importância do que fizeram e aspetos a melhorar e a acrescentar.

Cada uma das participantes escreve no seu Diário Individual.

**Sessões Extra (n.º 9-19)**

**Objetivos:** Construção de um guião com a história e as personagens criadas; Ensaios, provenientes do desígnio manifestado pelo grupo em apresentar a sua criação coletiva aos outros elementos da instituição (colegas e funcionários).

**Sessão n.º 9 – 16/03/2016**

**Objetivos:** Continuar a escrever o guião/ história; Ajustar pormenores técnicos, tais como definir cenários/ projeções, adereços e caracterização das personagens; Improvisar e gravar mais algumas cenas seguintes.

### **Sessão n.º 10 – 18/03/2016**

**Objetivos:** Começar a gravar só vozes das personagens/ falas das cenas, para que as participantes comecem a memorizar a sequência da história e o teor do conteúdo que cada uma diz e para facilitar o posterior trabalho de marcações/ posicionamento das personagens em cena. (Isto vai evitar que as personagens falem ao mesmo tempo e que estejam de costas para o público).

### **Sessão n.º 11 – 21/03/2016**

**Objetivos:** Conversa entre o grupo relativa à desmotivação e aos conflitos internos; Continuação do trabalho exposto e concretizado na sessão n.º 10.

### **Sessão n.º 12 – 23/03/2016**

**Objetivos:** Reunir o grupo de modo a decidir com fundamento de cada participante a permanência ou não da A1 no grupo; Gravar no exterior a reportagem que vai ser transmitida em vídeo numa das cenas da peça.

### **Sessão n.º 13 – 24/03/2016**

**Objetivos:** Terminar o enunciado nas sessões n.º 10 e 11 – gravação das falas das personagens; Escolher e votar no título da peça; Preencher o *Guião das Personagens*.

### **Sessão n.º 14 – 28/03/2016**

**Objetivos:** Ensaio da totalidade da peça no espaço onde decorrerá a apresentação, com preparação/ *feedback* antes de cada cena.

**Sessão n.º 15 – 30/03/2016**

**Objetivos:** Ensaio da peça completa com memorização e contextualização entre cada cena.

**Sessão n.º 16 – 31/03/2016**

**Objetivos:** Ensaio da peça completa, tentando a autonomia das intervenientes, isto é, sem paragens entre cada cena para relembrar os conteúdos.

**Sessão n.º 17 – 01/04/2016**

**Objetivos:** Ensaio geral, sem as roupas e caracterização das personagens e sem interrupção entre as cenas/ com *feedback* apenas no final.

**Sessão n.º 18 – 04/04/2016**

**Objetivos:** Ensaio geral como o da sessão anterior (n.º 17).

**Sessão n.º 19 – 05/04/2016**

**Objetivos:** Ensaio geral com roupas e caracterização das personagens, sem interrupção e com opiniões e apreciações apenas apresentadas no final.

## **Anexo 2**

### **Questionários (Inicial e Final)**

## Questionário Inicial:

### “Como sou?”

Este questionário apresenta uma finalidade exclusivamente académica, destinando-se às jovens participantes no Projeto de Intervenção através da Expressão Dramática, a decorrer no Lar Santa Isabel. O objetivo do projeto é aferir as consequências que advêm da participação em atividades de Expressão Dramática, no que concerne ao desenvolvimento pessoal e social.

Mais se refere que este questionário, referente à abordagem inicial, visa essencialmente estudar as características do grupo de participantes, tendo a duração de aproximadamente 15 minutos. Os dados recolhidos serão protegidos de acordo com os critérios de confidencialidade.

#### 1. Dados Pessoais:

Idade: \_\_\_\_\_

Escola que frequentas: \_\_\_\_\_

Ensino Regular           Ensino Profissional

Ano/Curso que frequentas: \_\_\_\_\_

#### 2. Já participaste em atividades de Expressão Dramática/ Teatro?

Sim                       Não

##### 2.1. Se respondeste “Sim”: Onde decorreram essas atividades?

Escola

Lar Santa Isabel

Grupo de Teatro           Qual? \_\_\_\_\_

Outro  Qual? \_\_\_\_\_

**3. Numa escala de 1 a 4, em que 1 corresponde a “Não concordo” e 4 corresponde a “Concordo plenamente”, classifica a tua opinião relativamente às afirmações que se seguem (assinalando apenas um n<sup>o</sup> para cada opção com X):**

	1	2	3	4
	Não concordo	Não concordo em parte	Concordo	Concordo plenamente
Sinto-me à vontade para falar em público.				
Sou simpática.				
Quando preciso, peço ajuda.				
Gosto de mim como sou.				
Sou reservada, não gosto de falar sobre mim para qualquer pessoa.				
Quando sinto alguma dificuldade, esforço-me porque sei que sou capaz.				
Quando sinto alguma dificuldade, desisto. Alguém irá resolver por minha vez.				
Custa-me muito falar em público.				
Tenho facilidade em fazer amigos.				

Sou tímida.				
Gosto de trabalhar em grupo.				
Reconheço as minhas capacidades e potencialidades.				
Sinto que os outros não querem saber de mim e põem-me de parte.				
Prefiro trabalhar sozinha do que em grupo.				
Sinto-me valorizada pelos outros.				
Relaciono-me bem com as outras pessoas.				
Tenho poucos amigos e sinto-me sozinha.				
As pessoas gozam comigo.				
Sou boa pessoa.				
Os meus amigos gostam das minhas ideias.				
Meto-me frequentemente em brigas e/ou sarilhos.				
Tenho muitos amigos.				
Gostava de ser diferente daquilo que sou.				
Sou feliz.				
Não me sinto capaz de enfrentar				

muitos dos problemas que se me deparam.				
Normalmente desisto das coisas antes de as ter terminado.				

**4. Por que motivo (s) estás neste grupo de Expressão Dramática?**

---



---



---



---



---

**5. Quais as tuas expectativas / o que esperas deste grupo?**

---



---



---



---



---

**Se quiseres partilhar alguma sugestão, opinião ou informação que consideres importante acrescentar, podes fazê-lo aqui:**

---



---



---



---



---

**Obrigada pela tua colaboração!**

## Questionário Final:

Este questionário apresenta uma finalidade exclusivamente académica, destinando-se às jovens participantes no Projeto de Intervenção através da Expressão Dramática – *ExperienciARte* –, que decorreu no Lar Santa Isabel. O objetivo do projeto é aferir as consequências que advêm da participação em atividades de Expressão Dramática, no que concerne ao desenvolvimento pessoal e social.

Mais se refere que este questionário, referente à abordagem final, visa essencialmente estudar as características do grupo de participantes e aferir a sua avaliação do projeto em apreço, tendo a duração de aproximadamente 20 minutos. Os dados recolhidos serão protegidos de acordo com os critérios de confidencialidade.

### 1. Dados Pessoais:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

### 2. Gostaste de participar neste projeto de Expressão Dramática/ Teatro?

Sim

Não

Mais ou menos

#### 2.1. Porquê?

---



---



---

3. Numa escala de 1 a 4, em que 1 corresponde a “Não concordo” e 4 corresponde a “Concordo plenamente”, classifica a tua opinião relativamente às afirmações que se seguem (assinalando apenas um nº para cada opção com X):

	1	2	3	4
	Não concordo	Não concordo em parte	Concordo	Concordo plenamente
Sinto-me à vontade para falar em				

público.				
Sou simpática.				
Quando preciso, peço ajuda.				
Gosto de mim como sou.				
Sou reservada, não gosto de falar sobre mim para qualquer pessoa.				
Quando sinto alguma dificuldade, esforço-me porque sei que sou capaz.				
Quando sinto alguma dificuldade, desisto. Alguém irá resolver por minha vez.				
Custa-me muito falar em público.				
Tenho facilidade em fazer amigos.				
Sou tímida.				
Gosto de trabalhar em grupo.				
Reconheço as minhas capacidades e potencialidades.				
Sinto que os outros não querem saber de mim e põem-me de parte.				
Prefiro trabalhar sozinha do que em grupo.				
Sinto-me valorizada pelos outros.				
Relaciono-me bem com as outras				

peessoas.				
Tenho poucos amigos e sinto-me sozinha.				
As pessoas gozam comigo.				
Sou boa pessoa.				
Os meus amigos gostam das minhas ideias.				
Meto-me frequentemente em brigas e/ou sarilhos.				
Tenho muitos amigos.				
Gostava de ser diferente daquilo que sou.				
Sou feliz.				
Não me sinto capaz de enfrentar muitos dos problemas que se me deparam.				
Normalmente desisto das coisas antes de as ter terminado.				

**4. As tuas expectativas face a este projeto foram concretizadas? Porquê?**

---



---



---

**5. Quais as situações que mais gostaste? Porquê?**

---



---

**6. Quais as situações que menos gostaste? Porquê?**

---

---

**7. Tiveste alguma aprendizagem significativa? Se sim, indica qual.**

---

---

---

**8. Gostarias de voltar a participar num projeto semelhante? Porquê?**

---

---

---

**9. Tens alguma sugestão para alterar ou melhorar este projeto? Qual?**

---

---

---

---

**10. O que consideras mais importante da experiência que tiveste?**

---

---

---

---

---

**Obrigada pela tua colaboração!**

## **Anexo 3**

### **Diários Individuais das participantes**

## A1

*Querido Tony,*

*Hoje adorei o teatro ou o grupo com a Joana. A primeira parte foi uma cena em que eu tive de utilizar a minha imaginação. Eu gosto disso. Mas a melhor parte foi em que tivemos de nos juntar todas. Bem eu gosto mais de trabalhar sozinha e individualmente mas adorei trabalhar com este grupo. De resto não tenho queixas. Obrigada.*

(15/01/2016)

*Querido Tony,*

*Hoje foi fixe, gostei da parte dos espelhos, but I don't like a parte dos espelhos. But I love theatre because this is a good activitie. Kiss.*

(22/01/2016)

*Querido Tony,*

*Hoje a Joana trouxe objetos, eu pensava que era acessórios tipo óculos, perucas, bigodes, gravatas, etc. Mas não, eram objetos que pertenciam às personagens que íamos criar. Adorei muito.*

(05/02/2016)

*Querido Tony,*

*Hoje adorei a sessão pois utilizei uma peruca, uns óculos redondos e uma saia amarela. Depois fui fazer de polícia à paisana, mas ainda não acabamos a peça. Gostei muito, para mim a sessão foi muito agradável. Agora a falar como Maria, a Maria é uma personagem muito feliz, mas ela preocupa-se por causa do chefe que nunca sabia o seu nome. A Maria é uma personagem muito ligada ao Rock.*

(12/02/2016)

*Querido Tony,*

*Hoje gostei muito porque desenvolvemos mais uma parte da história. Adorei a ideia de fazer um teatro no lar. Espero que no final da história todas as personagens fiquem felizes. Fim.*

(19/02/2016)

*Querido Tony,*

*Bem ao início foi difícil mas depois correu bem. Agora estou a escrever uma música.*

(26/02/2016)

*Querido Tony,*

*Hoje cantei a música que escrevi, eu pensava que o outro grupo cantava melhor mas sinceramente acho que cantei melhor. Aquele jogo do início foi estranho, pois não estava a perceber. Adoro tirar fotos e vou fazer um vídeo na praia da [...]. Amo essa praia. É a minha vida. Só não me posso esquecer de trazer a prancha de Bodyboard. Maria Rastafary. [assinatura A1].*

(04/03/2016)

*Querida Joana,*

*Tenho andado muito cansada, não tenho dormido nada, tenho muito sono durante o dia. As pessoas do teatro gritam muito e falam por cima de outras pessoas e isso irrita. Falam muito alto e eu odeio isso. Na peça eu estou a adorar. Quero continuar e depois quero continuar a fazer outra peça.*

(11/03/2016)

## **B2**

*Bom, esta sessão foi uma experiência que não tinha experimentado nunca. Foi ótimo conseguirmos elaborar a atividade proposta perante nós. A minha estátua tinha muito que procurar o ponto certo para conseguir ativar. LIKE!*

[desenho da estátua individual]

(22/01/2016)

*Hoje fizemos uma representação de cada personagem e elaboramos uma “peça”. Foi super interessante, fez-nos puxar pelas nossas ideias, puxar pela nossa cabeça. Deixou-me pensativa, a esforçar-me para ter novas ideias para o próximo dia.*

(12/02/2016)

*Nesta sessão foi um pouco diferente. Fizemos improvisações, elaboramos novas ideias, novas experiências... Sinto que fico um pouco menos nervosa ao improvisar derivado a ter de saber quais as palavras a ser utilizadas no momento. Bem, mas até consegui desenrascar. Tentei ao máximo para que as coisas corressem bem.*

(19/02/2016)

*Bom, hoje foi muito divertido, fizemos a notícia, começamos por elaborar uma música, onde intervalamos uns minutos para fazer de paparazzis e voltamos a meter mãos à obra, continuando para uma próxima sessão. Bom, sempre diversão até ao fim.*

(26/02/2016)

*Hoje eu e a [C3] mostramos a música que construimos. Cantamos para o nosso grupo. Confesso que fiquei um pouco envergonhada, muito nervosa, um pouco tímida. Mas consegui, ou pelo menos tentei com que corresse bem. Necessitamos de mais ensaios. Mas para uma próxima faremos melhor. Cada vez estou a ficar mais ansiosa para a semana seguinte. Bjs.*

(04/03/2016)

*Bom, hoje posso dizer que esta sessão foi um pouco mais evoluída. Senti-me diferente ao interpretar a minha personagem, um pouco mais nervosa, mas lá no fundo senti-me bem. Estou em pulgas para que o dia da apresentação seja feita. Gostaria de continuar com mais sessões destas. Um beijinho grande da [B2].*

(11/03/2016)

*Pontos fortes – Concentração durante a sessão, sem distrações com coisas mínimas, insistência no que realmente importa, ...*

*Pontos fracos – Demasiados risos, alguma distração, muita brincadeira, ...*

*Isto serve para que nós aprendamos com as coisas, que nos importa realmente. Temos que fazer muito mais para que a nossa peça fique no ponto. Um beijo [B2]*

(18/03/2016)

### **C3**

*Gostei muito da penúltima parte em que trabalhamos em conjunto. E não gostei tanto da 1ª parte porque não gosto de trabalhar individual.*

(15/01/2016)

*Hoje não gostei de nada 1º porque esta atividade não era bem a minha perspetiva, esperava algo diferente, uma coisa mais a ver com representação de uma história, que cada uma tivesse um papel de representante porque não gosto muito desta coisa de trabalhar em grupo. Assim eu não me importo de trabalhar em grupo mas gosto de coisas mais individuais e ativas. E também porque a atividade calhou num dia muito mau, preferia que fosse ao fim-de-semana ou no início da semana ou no meio da*

*semana porque chego ao fim da semana e estou cansada e se não houver algo que me anime e me puxe, fico ainda mais cansada e tenho a tendência de me aborrecer mais.*

(22/01/2016)

*Hoje gostei muito da atividade, estava mais dentro das minhas expectativas porque consegui improvisar como eu gosto, também gostei que seja a Joana a escolher os grupos, porque assim ninguém é posto de parte e não se reclama tanto dos grupos. De resto gostei de tudo.*

(05/02/2016)

*Hoje adorei, foi um máximo, consegui exprimir muito, gosto muito de representar e criar uma história. Espero que esta novela fique bem representada e que para a próxima sessão melhore a minha personagem porque ainda tenho alguma dificuldade na parte do sério e do riso, fazê-lo na altura certa.*

(12/02/2016)

*Hoje gostei de tudo, acho que não tenho nada a propor para a próxima sessão, mas estou ansiosa para a construção do guião. Até para a semana.*

(19/02/2016)

*Hoje gostei muito, entusiasmei-me demais na minha construção da música. Não gostei de juntar e de ler os textos ao mesmo tempo, mas de resto gostei de tudo.*

(26/02/2016)

*Hoje estou um pouco cansada, mas estou desejosa para começar a ensaiar. Acho que esta história está um pouco confusa, espero que consigamos ter o fim da história.*

(04/03/2016)

*Hoje foi muito aborrecido, pois estou tão ansiosa para começar a representar e não vejo a hora e acho que estamos a dar importância a coisas que podem ser feitas noutra altura e não estamos a focalizar na representação e o que acho é que temos muito pouco tempo para reinar e tenho medo de chegar ao dia da apresentação. Depois do projeto terminar queria continuar mas que fosse noutro dia que não fosse à sexta no final do dia, como depois podemos apresentar a nova peça mais tempo podíamos treinar sei lá ao fim-de-semana nem que fosse 15 em 15 dias.*

(11/03/2016)

*Bem, para começar eu acho que neste grupo há algumas pessoas que estão contra vontade e sem vontade destabiliza um pouco o grupo. Na minha opinião acho que devíamos nos reunir antes da peça e refletirmos as nossas atitudes perante o teatro.*

*Acho que o nosso ponto fraco é darmos mais ideias para que a coisa corra melhor, mas lá no fundo o nosso ponto forte é a representação, acho que toda a gente fica diferente depois de representar porque acho que todas gostam da sua personagem. Eu digo por mim, por vezes venho para o teatro sem vontade nenhuma e triste por outras situações de fora e quando represento é como tudo de mau desaparece porque represento como personagem aquilo que gostava de ser. Eu na minha personagem sou uma criança de 5 anos muito alegre, que leva tudo na brincadeira, enfrenta as coisas trágicas para comédia e era isso que gostava de ter sido quando era pequena, ser uma pessoa assim alegre sem dificuldades e que conseguisse passar o meu passado todo para uma comédia e me rir das coisas que correm menos mal e não ficar tão triste. Às vezes levo demasiado a vida como uma coisa horrível e por vezes não levo como um desafio, e esta personagem é tudo o que não fui e às vezes é imaginarmos e sonharmos daquilo que gostávamos de ser. Pode ser que esta história me leve uma lição de vida e um desafio para a vida futura. Pode ser que consiga dar essa alegria dessa criança de 5 anos para os meus filhos. E acho que se cada uma refletisse e olhasse para cada uma das suas personagens e tentassem ser aquilo que gostavam de ser ou que nunca foram e assim elas ficavam acho eu mais calmas e pensativas.*

(18/03/2016)

## **D4**

### *Espaço Espacial*

*Hoje, a nossa sessão teatral baseou-se no espaço e no modo como o aproveitávamos sem invadir o outro. Fizemos vários exercícios, como: tornarmo-nos materiais (ex: aço – tínhamos de andar como aço). De seguida, foi a transformação do chão, ou seja, tínhamos de andar conforme o material do chão (ex: areia).*

*O momento de criação consistiu na escolha de um membro que seria o “maestro” e de seguida escolher um som para acompanhar o gesto. Isto começou individualmente, depois em grupo e no final juntar todos os gestos e sons de todos os indivíduos participantes.*

*Adorei o último exercício, pois trabalhámos em equipa, o que é fundamental para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo.*

*Obrigada Joana*

(15/01/2016)

*“Eu vislumbro-me”*

*Hoje a sessão não correu como previsto, pois trocámos as ideias de planificação das atividades da Joana.*

*O início correu bem, fizemos de espelhos umas das outras, o que requeria bastante atenção e concentração.*

*Acho que podia ter música ambiente, acho que ajudava na concentração. Contudo achei gira a sessão de hoje.*

*P.S: Isto está um bocado para o torto!*

(22/01/2016)

*Eu, Constança del Rei (estilista profissional e proprietária da Victória Secrets!) assisti a uma sessão teatral orientada por Joana Vieira.*

*Tenho a dizer que adorei esta amostra de teatro por parte destas talentosas jovens.*

*Adorei*

*P.S: Vou falar com o Alfredo para contratar estas jovens para a minha agência!*

*Bijou Bijou*

*Assinado: Constança del Rei*

(05/02/2016)

*Hoje fizemos 1 representação de acordo com as personagens feitas na semana passada (Constança).*

*Foi super interessante explorar diferentes vertentes da sociedade: separação, riqueza, pobreza, morte.*

*Retrata a história de 1 casal que perdeu a filha e encontrou o genro culpando-o da morte da sua mulher, havendo outras situações a decorrer.*

*Adorei esta sessão, pois foi muito dinâmico!*

(12/02/2016)

*Esta sessão foi + repartida e planeada, dando + ênfase à história!*

*Acho muito interessante trabalhar com este grupo, pois tem as suas diferenças!*

*[desenho de Goucha e Constança]*

(19/02/2016)

*Esta sessão foi interessante, pois trabalhámos várias vertentes, como o jornalismo!*

*Gostei muito, pois no geral somos todas criativas!*

*Que venham +!*

[desenho de uma jornalista na televisão] Perfect jornalista

(26/02/2016)

*Hoje começámos a fazer o guião para a representação e a apresentação da criação das músicas criadas pela [B2 e C3 e A1].*

*Houve muito ruído na construção do guião, mas em geral foi divertido e organizado!*

*“A arte cria-se”*

*Thanks Joana*

(04/03/2016)

*Nesta sessão continuámos a preencher os guiões de representação para nos organizarmos nas representações.*

*Foi um bocado dramática esta sessão, visto que gravámos a cena da [B2] (Cynthia).*

*Estou motivada e quero mostrar o nosso trabalho às pessoas de fora!*

*Faltou a [E5] para animar o grupo, pois é a energia central.*

*Na minha opinião, a [A1] não ajuda muito, pois está sempre a ter atitudes inadequadas e reage mal às opiniões exteriores!*

*Beijinhos*

(11/03/2016)

*Hoje, a sessão foi agradável e muito divertida. Sentámo-nos à mesa e fizemos improvisação das falas para nos conseguirmos organizar.*

*A [E5] estava tristonha, mas com a ajuda do grupo acho que conseguimos +/- animá-la.*

*A relação do grupo não é muito coesa, devíamos fazer 1 reunião e estabelecer uma maneira de lidarmos umas com as outras de modo que seja uma experiência única.*

*Temos pontos fortes e fracos, como tudo na vida. Neste caso, os pontos fracos são: a falta de concentração e por vezes o mau estar entre nós. Contudo os pontos fortes*

*ganham nesta batalha pois lutamos todas pelo mesmo objetivo e gostamos do que fazemos, enfrentando cada desafio com grandes sorrisos, pois somos... “o grupo feliz”.*

*Obrigada Joana*

(18/03/2016)

## **E5**

*Na sessão de hoje fizemos um aquecimento que era “se o chão fosse de... como andavas”, não gostei assim muito. Na 2ª parte fizemos um jogo que era fazermos um som, tínhamos de nos guiar por uma parte do corpo, gostei, no final juntamos tudo, ficou bué giro, parecia uma sinfonia. Na parte da reflexão, não gostei porque acho que não é por palavras que dizemos o que sentimos mas sim pelas ações. Também vamos fazer um jogo vamos ver como corre, mas tenho a certeza que vai correr bem. Até para a semana!*

[desenho de uma perna com joelho e pé] *Trak! Trak!*

(15/01/2016)

*Como na semana passada não contei como foi o jogo, por isso vou dizer agora, o objetivo era uma pessoa fazia uma coisa mas dizia que estava a fazer outra coisa. Foi dinamizado pela [D4]. Nesta sexta fizemos o jogo do espelho, foi uma moca, tínhamos que imitar coisas estúpidas, mas foi engraçado. Na segunda parte tínhamos estátuas e escultores, a minha posição foi:*

[desenho de si própria como escultura]. [E5] *com a cabeça para baixo. Feita pela escultora [F6].*

*Achei muito engraçado e também fiz uma pose à [B2] que era:*

[desenho da B2 como escultura]. [B2] *com os braços em cima das pernas, com as mãos nos pés e de boca aberta.*

*Ficou bué giro. Quero repetir!*

*Agora vamos ver o jogo que calha, será que é o meu?! Vamos ver. Até para a semana!*

*Bye! Bye!*

(22/01/2016)

*Olá diário, há muito tempo que não te escrevia. Há 2 semanas fui eu que dinamizei o jogo, foi de partir o coco a rir. Exemplo:*

- *Quando morreu disse? [D4] – Porque é que estão deitados?*

- *No casamento? [B2] – Esquece não vale a pena.*

*Foi um máximo, amei.*

*Nesta sessão foi uma das melhores. Eu era o Manuel Gocha – chefe do Master Chefe. A [D4] Constança Del Rei – estilista profissional. A [A1] era uma surfista. Tínhamos cenário e tudo. Adorei.*

*My sister, vai fazer hoje o jogo. Bora lá, vai ser fixe eu sei! Quero repetir esta sessão! Vou ser sincera, ao início não estava a gostar muito disto. Mas esta sessão fez-me mudar de ideias.*

[desenho do objeto que escolheu] – *forma de pudim (meu objeto)*

*Adeus!*

(05/02/2016)

*Na semana passada gostei do jogo, era diferente, tínhamos de dizer alguém com aquelas características.*

*Esta semana foi brutal. Eu Gocha era casado com a Constança, tivemos uma filha, mas ela “morreu”... Com tanta coisa nem consigo escrever tudo.*

*Agora vamos embora. Adorei! Bye, Bye!*

(12/02/2016)

*Hoje eu não gostei muito, foi muito calmo. A parte que eu gostei foi o desenvolvimento da história. Bye!*

(19/02/2016)

*Hoje fizemos uma notícia. Eu era o advogado do escritor, foi bué fixe.*

*Estou deserta para a apresentação do final.*

*Estou a gostar. Ao início pensava que não ia ser divertido e também não podia ir ao telemóvel. Mas consegui orientar o tempo e assim estou a gostar e posso ir ao telemóvel. Tchau [assinatura E5].*

(26/02/2016)

*Foi engraçado começar o guião. [assinatura E5].*

(04/03/2016)

*Sugestões:*

*- Responder oportunamente*

*- Respeitarmo-nos*

*Hoje não me apetece escrever, mas gostei! Vai ficar engraçado. [assinatura E5].*

(18/03/2016)

## **F6**

*Na sessão de hoje fez-me refletir sobre muitas coisas, saber trabalhar em grupo, conseguir chegar com que as pessoas chegassem a um bom senso, do que às vezes é um bocado difícil cá entre nós.*

*Gostei muito desta sessão mesmo!*

*[Pum... (...) Pum...]*

(15/01/2016)

*Nesta sessão nem sei o que dizer por isso:*

*[desenho da estátua que fez] Na minha pose! Yeah niga...*

(22/01/2016)

*Um Bongo, um Bongo um bom sabor da selva! Um abraço*

*Meus e dos meus Bestfriends (Animals).*

(05/02/2016)

*Eu descrevo esta sessão com vários pontos de !!! Só pus os !!!s porque gostei imenso destas sessões, acho que estamos a entrar na minha onda (teatro). Eu adoro representar...*

*[desenho da sua personagem – macaco Bongo] Monkey Monkey*

(12/02/2016)

*Nesta sessão, foi um bocadinho mais soft, mas apesar de tudo gostei de ter de acabar com a minha personagem, utilizando a morte, devido a que o meu papel de Bongo, já não fazia sentido no teatro!*

*Ao longo destas sessões tenho-me sentido mais solta, já que não fazia há muito, porque representar acaba por mudar um pouco daquilo que eu sou lá fora, ou seja faz-me sentir bem.*

*Acho que é só isto que tenho para dizer.*

*Bongo – I gone a die!*

[assinatura F6]

(19/02/2016)

*Nesta sessão houve muito esforço a nível da voz. Contudo gostei do que se passou hoje.*

*A minha experiência como Jornalista até não correu mal.*

*Devido ao esforço da voz a minha garganta ficou afanada.*

*Jornalista – I'm gone listen to a new!*

*Very good the session.*

(26/02/2016)

*Hoje estivemos a fazer o guião para a peça, como é importante e necessário. Contudo até gostei porque fez-me lembrar o que temos feito ao longo das sessões.*

*Guião: [desenho do guião]. Beijinhos até à próxima!*

(04/03/2016)

*Nesta sessão estivemos a continuar a escrever algumas partes do guião, aproveitando para gravar as partes que não tinham sido gravadas.*

*Tenho a dizer que estou mesmo motivada para as próximas sessões e pela estreia. Os ensaios vão a caminho. Aqui vamos nós!...*

*6 de Abril, Estreia. Bye, Bye. Beijoss...*

(11/03/2016)

*Ao longo das sessões tem-se vindo a notar um desempenho da parte de todas, não sei se é do cansaço ou estão simplesmente desmotivadas?! Mas para isso devia haver uma conversa com todas para refletirmos estas coisas todas que têm vindo a acontecer, os conflitos, ...*

*Contudo também devíamos ter uma conversa com a [A1] para podermos dizer o que pensamos e para poder lhe perguntar se está desmotivada.*

*Mudando de assunto agora como vai haver ensaios devia-se começar a ver a intuição das falas sendo que a estreia está à porta!...*

*Joana vou deixar uma pergunta para se poder fazer a todas, nem que seja no final, no momento de reflexão (no lugar do diário). Aqui vai... Estão desmotivadas? E o que podemos fazer para diminuirmos a desmotivação?*

(18/03/2016)

## **G7**

*Bem, hoje eu não estava muito bem mas o facto de ter vindo ajudou-me bastante a esquecer os meus problemas e deixando as minhas fúrias lá fora! Foi uma junção de ideias bastante consensual, que me ajudou muito. Só não gostei muito da primeira parte mas adorei tudo. Obrigado!*

(15/01/2016)

*Bem, hoje foi bastante dinâmico, tentando ajudar-nos a dinamizar a nossa concentração através do contacto visual, o que me ajudou pois eu não conseguia olhar nos olhos das pessoas, e assim deste modo levou-me a descontrair e a inventar algo, nada combinado, isto no início, porque depois no trabalho de grupo já tivemos que combinar ideias e até tivemos que esculpir as peças. Gostei da atividade de hoje! Obrigado*

(22/01/2016)

*Bem, cheguei a meio da tertúlia ahahaha, mas diverti-me na mesma, criei o Rui, um escritor de 47 anos que teve uma vida muito trágica que me levou a querer ser uma pessoa que protege os filhos pois tenho filhos (2 filhos). Bem o Rui foi um menino que perdeu os pais quando tinha 10 anos e foi para a Holanda com os avós e tornou-se um dos melhores escritores holandeses!*

*A minha personagem quer sem dúvida ter pessoas à sua volta pois até a mulher perdeu!*

*(Adorei esta “tertúlia”!). Obrigado. Gosto muito de ti.*

(05/02/2016)

*Bem hoje adorei! Adorei, criamos uma bela trama quase novela, adorei isto mesmo, representar esta “novela”.*

*A minha personagem está bastante inquietante pois estou preso e até estou a achar que vês uma coisa ai ai.*

*Quero agradecer à Joana pela aprendizagem com esta nova personagem (estou e sinto-me bastante injustiçado).*

*Até ao próximo episódio. Ajudou-me bué a libertar-me! E a ser eu misturado com Rui!*

(12/02/2016)

*Bem, adorei, como sempre mesmo com assim umas dores e má-disposição adorei isto!*

*Criar notícias, escrever, adorei, nem sequer filmámos nada comigo. Adorei o “explorar”, só rir.*

*Adorei mesmo.*

*“Tudo o que faço e penso liberta-me a alma”. Obrigado Joana. Bom fim-de-semana.*

*P.S. “Ser um preso não é estar numa prisão é criá-la na sua cabeça”*

(26/02/2016)

*Bem, adorei estar a criar os guiões, acho que as personagens se estão a portar muito bem, acho que é necessário mudar nada.*

*A dificuldade que eu senti foi estar assim mesmo cansada e adoentada. Mas vou melhorar!*

*Obrigado Joana!*

(04/03/2016)

*Bem, hoje as coisas decorreram naturalmente, foi só ensaiar as cenas. Hoje não participei muito hoje, mas pronto adorei na mesma, foi divertido, tenho a certeza que depois de todo este trabalho, vamos ter uma boa recompensa.*

*Acredita que isto é só cansaço! Obrigado Joana!*

(11/03/2016)

**Uma vez terminado este projeto, escreve o que pensas e sentes sobre:**

1 – A (s) personagem (-ens) que criaste (e representaste) ...

*- Na personagem que criei foi a pessoa que eu gostava de ser e além disso ela, a Maria Rastafary, tem algumas características minhas: o Surf, os relógios e o Rock. [A1, 13/04/2016].*

- Bem, a minha personagem foi de facto desafiante, forte, puxada, ... o improviso foi com um pouco de ajuda, faltou-me partes que não sabia o que haveria de dizer, faltou-me um bocado de imaginação. [B2, 13/04/2016].

- Dentro da minha personagem tem muito a ver comigo e com a minha irmã, cujo nome é Fabiana, o nome da minha personagem. A minha personagem tem muita rebeldia, que tem a ver um pouco da minha maneira de ser, que tenho sempre resposta para tudo menos para aquilo que não me convém. Em relação à minha irmã tem tudo a ver com a caracterização da minha personagem, sempre com sorriso e um pouco triste daquilo que tem saudades. [C3, 13/04/2016].

- Adorei criar e representar o papel de Constança, foi experiência única, e que de certa maneira tem coisas em comum com a [D4]. [D4, 13/04/2016].

- Acho que o Gocha era uma personagem cómica, nunca pensei que a partir de um objeto criássemos uma história. [E5, 13/04/2016].

- Sinto-me bem comigo própria. [F6, 13/04/2016].

- Adorei criar o Rui, uma pessoa boa por dentro mas um pouco bêbado ahahaah batia na mulher, mas era um ótimo escritor. Foi uma coisa que me deu mais prazer foi representar o Rui. [G7, 13/04/2016].

## 2 – A história que o grupo imaginou...

- Em relação à história que o grupo criou eu gostei e achei que estava cómica. [A1, 13/04/2016].

- A peça foi criativa, tivemos bastantes reflexões sobre o que poderíamos ou não fazer. Discutimos todos os assuntos importantes que tivemos durante as sessões. [B2, 13/04/2016].

- Em relação à história do grupo acho que foi muito criativa, é claro que aquilo que eu acho é que afinal podia ser mais triste para o teatro não ser só comédia. Acho que assim o público refletia um pouco depois da gargalhada. [C3, 13/04/2016].

- Sinceramente, não me lembro como é que este grupo fantástico conseguiu criar esta história cheia de mistérios e emoções. Foi um enorme orgulho trabalhar e contracenar com este grupo. [D4, 13/04/2016].

- Ficou engraçada, pois trabalhamos em grupo e fomos aproveitando algumas ideias. [E5, 13/04/2016].

- Penso que foi divertido apesar de tudo, sinto-me com mais garra a continuar no teatro. [F6, 13/04/2016].

- Foi muito boa, apesar de alguns pretextos e percalços, conseguimos ter ideias fantásticas, e ainda penso como de objetos surgiu uma história tão bem estruturada e bem criada, cómica! [G7, 13/04/2016].

## 2.1 – A relação da história com a vida real...

- Esta peça em relação à vida real para mim, acho que se deve dar mais valor à pessoa que nós amamos e que vamos ficar com ela até ao fim da nossa vida. [A1, 13/04/2016].

- Totalmente diferente. Senti-me demasiado diferente da peça com a vida real, saber separar os assuntos de dentro e fora da peça, ser personagem quando se deve ser, ser a mesma pessoa que idealizamos ser. [B2, 13/04/2016].

- Em relação à história para a vida real está muito bem construída porque por vezes as pessoas separam-se por alguma razão, como aconteceu na história e como sonho de todos é voltar a reencontrar sempre as pessoas que mais gostamos seja quem for, pai, mãe, amigo. E digo por mim porque o meu sonho é poder voltar a reconciliar com o meu pai. [C3, 13/04/2016].

- De maneira geral, cada personagem depositou algo com significado neste projeto tanto como o passado, os sonhos ou até objetivos. Foi um projeto onde demos um bocadinho de nós (“corpo e alma”). [D4, 13/04/2016].

- Esta história relata alguns fatores reais como, a mulher sofrer de violência, crianças irem para instituições, famílias desmontarem-se e raramente no fim se unem. Mas na nossa história acabaram por ficarem juntos. [E5, 13/04/2016].

- Penso que a história com a vida real é um pouco diferente, mas penso que foi bom o que criámos em relação à vida real. [F6, 13/04/2016].

- Teve algumas pessoas que existem na vida real e alguns dos factos coincidiam com o teatro (a peça), o que levou a ser engraçado e um pouco verídico. [G7, 13/04/2016].

## 3 – O ambiente vivido no grupo durante o projeto...

- O ambiente no grupo foi bom apesar de haver alguns encontros que não estávamos muito bem. [A1, 13/04/2016].

- O ambiente foi ótimo, brincadeiras não faltaram, ideias então foram bastantes, dedicação foi ótima de todas as partes, tudo correu otimamente bem, como esperámos, gostaria muito de poder voltar a participar nestes projetos. A Joana foi excelente pessoa connosco, deu bastantes ideias, foi tudo ótimo. Não tenho mais palavras para escrever aquilo que sinto. [B2, 13/04/2016].

- *Acho que por vezes não era o melhor porque vínhamos zangadas de lá de fora e havia sempre aquele impacto quando entrávamos daquela porta para o teatro, mas no fundo acho que toda a gente conseguiu separar isso. [C3, 13/04/2016].*

- *O ambiente vivido foi intenso e muito divertido, contudo houve muitas advertências pelo meio, mas como o grupo é fantástico conseguimos superar tudo. [D4, 13/04/2016].*

- *Houve momentos bons e outros maus mas a vida é sempre assim. [E5, 13/04/2016].*

- [sem resposta – F6, 13/04/2016].

- *Em certa parte foi bom pois as pessoas já se conheciam mas como nem todas se davam bem, mesmo que estivéssemos numa atividade, às vezes chocávamos. Mas mesmo assim o ambiente foi bom, no geral. [G7, 13/04/2016].*

4 – A saída da A1 do grupo (antes do projeto terminar completamente) ...

- *Com a minha saída do grupo eu fiquei triste, eu não estava à espera da decisão do grupo mas tive de aceitar. Mas no fim gostei muito deste grupo de teatro. [A1, 13/04/2016].*

- *Todos os momentos foram bem vividos. Não gostei do momento em que nos reunimos todos por causa das atitudes de um elemento do grupo. O que nos levou a tomar decisões negativas, ter de dispensar um elemento levou a que tivéssemos de cortar partes da peça. O que foi mau perante o grupo, porque achei a peça bastante criativa. [B2, 13/04/2016].*

- *Tive um pouco pena da [A1] não ter entrado porque isso também era um obstáculo para sabermos ligar com pessoas que não gostamos. [C3, 13/04/2016].*

- *Não estava planeado de modo algum saídas de elementos, mas por vezes existem atitudes que não devem ser passadas em branco. O projeto resultou bem com os restantes elementos. [D4, 13/04/2016].*

- *Por um lado foi bom por outro foi mau mas quando alguém cai temos de continuar em frente. [E5, 13/04/2016].*

- *Penso que talvez foi bom mas ao mesmo tempo acaba por ser mau por perdermos alguém que esteve connosco bué tempo, apesar de esse elemento não ser uma das pessoas a que eu me dê mais, antes pelo contrário somos quase rivais. [F6, 13/04/2016].*

- *Em certa parte foi bom pois levou a que a peça e o grupo ganhasse + maturidade e + empenho, mesmo que já tivéssemos a peça quase toda realizada, levou a ser um sucesso na mesma. [G7, 13/04/2016].*

5 – O que levas de melhor de toda esta experiência/ da tua participação neste projeto...

- *Nesta experiência, acho que não foi má pelo contrário foi boa, porque eu gosto muito de teatro e gostava que houvesse outra atividade destas.* [A1, 13/04/2016].

- *Desta experiência levo tudo de bom, principalmente as boas recordações e o bom ambiente de todos.* [B2, 13/04/2016].

- *Levo o espírito de vontade de todas, levo um pouco de todas principalmente dos sorrisos e do brilho dos olhos de cada uma porque como o advérbio diz: os nossos olhos são o espelho da nossa alma, levo todos os momentos tristes e alegres porque mesmo os momentos tristes se formos a ver é onde conhecemos um pouco da sensibilidade da pessoa. Obrigada Joana.* [C3, 13/04/2016].

- *É/ Foi um orgulho imenso trabalhar com todas, especialmente com a Joana, uma aventureira de coração cheio, que se entregou a 7 raparigas que não conhecia. Não aprendi nada específico, aprendi e guardei todas as memórias deste projeto. A minha experiência neste projeto foi muito gratificante e tão importante quanto os outros elementos.*

*(Foi um enorme prazer trabalhar com pessoas como tu)! És linda. Obrigada Joana (you are the best)* [D4, 13/04/2016].

- *Ganhei experiência, Imaginação, Aprendi a viver em grupo. Adorei! Espero que voltes, quero repetir.* [E5, 13/04/2016].

- *Levo tudo, no meu [desenhou um coração]. Beijocas grandes Joana. Sim, quero continuar...* [F6, 13/04/2016].

- *Saber que tenho muito mais para dar e para mostrar, o convívio com os membros do grupo, conhecer a Joana foi uma enorme aprendizagem, pois a Joana é uma pessoa com uma enorme boa disposição, paciência, sorridente, corajosa, e tem muita força para ter levado esta peça a este ponto, pois sem os ralhetes, os conselhos nada disso seria possível. Obrigada Joana. Foi um prazer conhecer-te linda.* [G7, 13/04/2016].

## **Anexo 4**

### **Diário de Bordo da investigadora**

- **Sessão n.º 0/ Inicial – “Como Sou” – 08/01/2016**

O grupo é constituído por sete jovens que serão designadas A1, B2, C3, D4, E5, F6 e G7, de modo a proteger as suas verdadeiras identidades. As sessões decorrem na sala de estar do terceiro piso da instituição de acolhimento, que possui condições de privacidade e espaço – o mobiliário é colocado num canto antes da sessão e novamente arrumado no lugar no final.

De um modo geral, as participantes evidenciaram interesse em participar, tendo integrado o projeto por vontade própria. Ao longo da sessão mostraram-se colaborativas e participativas.

A maior parte das jovens verbalizou o seu desígnio de realizar uma apresentação final pública e todas as outras se mostraram de acordo, tendo sido indicados locais do seu interesse: a própria instituição, o IPL (escola da investigadora) e um Lar de idosos. Para além disso, sugeriram atividades que gostariam de fazer, conduzindo à integração de um quarto momento em cada sessão, destinado à dinamização das atividades sugeridas pelas jovens – Sugestão de Grupo Aleatória – e cada uma escreveu a sua proposta de atividade num papel para ser retirado aleatoriamente nas próximas sessões.

Foi possível verificar que o horário para utilização do telemóvel coincidia com a última meia hora da sessão, pelo que determinadas jovens ficaram inquietas com o facto de ficarem menos tempo com o telemóvel do que era suposto. Assim, foi decidido juntamente com a equipa técnica que seria mais aconselhável encurtar as sessões (passando ter uma durabilidade de 01h30 em vez das 02h00 previstas inicialmente), de modo a terminarem no horário do uso dos telemóveis, sendo que determinadas jovens mostraram-se satisfeitas com a alteração e o seu envolvimento tornou-se mais positivo.

Relativamente à atividade “**Como sou**”, as jovens não aparentaram resistência nem dificuldade em falar sobre si próprias, pelo contrário, revelaram alguma abertura, expondo-se ao grupo. De acordo com os registos, apresentam-se algumas das ideias que transmitiram: *Eu sou contra o racismo e a discriminação* (B2); *Gosto de chocolates, de dormir e de comer (...) não gosto de ervilhas* (D4); *Adoro idosos (...) tenho uma fixação por orelhas* (G7); *Gosto de dormir (...) pratico atletismo* (C3); *Gosto de desenhar (...) gosto de fazer bacalhau com natas para os outros (...) gosto dos*

*chocolates todos (...) adoro o mar e nadar (A1); Gosto de comer (...) sou irmã da [F6] (E5); Gosto de jogar basquetebol, ando no basquetebol (F6).*

Através desta atividade, a investigadora ficou a saber algumas curiosidades e gostos das participantes e alguns pormenores, tais como respeito das outras por quem falou, na medida em que não surgiram interrupções; a A1 foi a que falou mais comparativamente aos restantes elementos do grupo, revelando uma possível extroversão, à vontade e habilidades comunicacionais; a E5 foi a que falou menos, podendo indicar inibição, timidez ou reserva perante uma situação de novidade com a qual ainda não está familiarizada.

Quanto à atividade “**Fuga aos Tubarões**”, já não restou muito tempo para desenvolver e não foi possível terminar nem fazer a troca de papéis prevista, atendendo à interrupção da sessão que esteve na origem da alteração do horário. Contudo, as jovens revelaram um comportamento característico de quem já participou em Expressão Dramática/ Teatro, pois os *tubarões* (B2, D4 e F6) tomaram a iniciativa de se caracterizar com penteados de cabelo preso no alto da cabeça, para imitar barbatanas, e fizeram sons de aproximação quando apenas se lhes tinha dito que o papel deles era pressionar os outros. As pessoas do barco (A1, C3, E5 e G7) criaram personagens, adaptando posturas e vocalizações, mas o seu entusiasmo e a pressão dos tubarões fez com que falassem todas ao mesmo tempo.

No final da sessão, as jovens encontravam-se bem-dispostas e divertidas, sendo que algumas verbalizaram que estavam ansiosas pela próxima sessão.

- **Sessão n.º 1 – “Espaco Espacial” – 15/01/2016**

A B2 não compareceu na sessão porque teve que ir trabalhar, mas de acordo com a equipa técnica é uma situação pontual e a sua ausência não tem nada a ver com desinteresse na atividade.

A investigadora observou características associadas à postura de cada uma das participantes ao longo da sessão, tendo depreendido que a jovem A1 é muito desinibida e extrovertida; a C3 é retraída e envergonhada; a D4 aparenta ter muita maturidade e motiva o grupo, parecendo estar “sempre em cima do acontecimento”; a E5 parece ser a

mais *ausente*, embora seja participativa tenha manifestado grande agrado no resultado final; a F6 evidencia pouco à vontade/ alguma timidez, mas foi participativa e nos argumentos que apresenta revela ser muito compreensiva; a G7 hoje chegou à sessão triste e em baixo mas no decurso alterou o seu humor e revelou divertimento.

O resultado obtido no momento *Criar* contribuiu para transmitir às jovens que através de uma sequência criada em grupo, é possível vislumbrar os contributos pessoais de cada um dos elementos, sendo que “o grupo somos todos e cada um de nós”; “todos são necessários e todos importam”.

- **Sessão n.º 2 – “Vislumbro-Me” – 22/01/2016**

A A1 e a E5 chegaram mais tarde, tendo integrado a primeira atividade (*Explorar*) após o seu início.

A atividade em apreço requeria bastante atenção e concentração por parte das participantes que, de uma forma geral, revelaram desconcentração. Isto pode ter acontecido porque a investigadora deveria ter começado a sessão com outro tipo de atividade e só depois partir para uma atividade desta natureza, ou seja, depreende-se que as sessões não devem começar logo com algo que exija muita concentração, sendo que a concentração é algo que se vai conquistando progressivamente.

Embora a atividade *Criar* não tenha corrido exatamente de acordo com a planificação da investigadora, foi proveitosa para cumprir os objetivos traçados e para comprovar que as participantes têm um forte sentido criativo, autonomia e predisposição para a Expressão Dramática.

Analisando todos os acontecimentos desta sessão, associados aos pareceres evidenciados e verbalizados pelas jovens, a investigadora terminou a sessão com a sensação de que estava a perder o grupo, a nível do seu interesse e motivação, pelo que se torna crucial preparar algo *especial* para a próxima sessão, de modo a cativar e a motivar o grupo novamente. Seguindo os desígnios que o grupo tem vindo a evidenciar até à data, o que parece ser mais adequado para o efeito é envolvê-lo na representação, mas para isso é necessário primeiramente criar personagens...

- **Sessão n.º 3 – “Escolhas e Invenções 1” – 05/02/2016**

Na semana anterior não foi possível fazer a sessão, devido à existência de uma atividade na instituição, pelo que a Técnica ligou para adiar a sessão para esta semana. Contrariamente ao que a investigadora receava, a ausência de contacto com o grupo por um período de tempo mais delongado que o previsto, não foi prejudicial. Sendo assim, o grupo esteve muito envolvido e esta sessão parece ter cumprido o objetivo principal que se prende com a motivação das participantes, aliada à erradicação de eventuais pensamentos associados a desistências.

Uma vez mais não foi possível ter a B2 presente na sessão, porque desta vez ela foi a casa de fim-de-semana.

Embora a investigadora ainda não conheça muitos dados relativos às participantes, considerando os que já conhece, começa desde esta sessão a aperceber-se de que algumas delas estão a transpor as suas vidas pessoais para as personagens. Os casos que para já ilustram esta constatação são a A1 que é proveniente de uma zona de praia e refere ter uma prancha de *Bodyboard* em casa, tal como a sua personagem, e a C3 que na família da personagem revelou os nomes do verdadeiro irmão e dos verdadeiros pais. Para além disso, a F6 e a G7 também poderão estar a evidenciar transferência de características de si próprias para a personagem, dado que ambas associam sentimentos de *perda* às suas personagens [a personagem da F6 *perdeu os pais e mora com outros animais na floresta*; a personagem G7 *perdeu os pais que morreram e a esposa que morreu*], sendo que – é do conhecimento geral que – todas as jovens acolhidas estão desprovidas da sua família no dia-a-dia, morando com outras crianças/ jovens na instituição [*outros animais na floresta*].

No final desta sessão, o entusiasmo das participantes era notável e a investigadora colocou a seguinte questão: “O que faremos com as personagens e com as histórias que hoje foram criadas?”. A C3 sugeriu que o melhor a fazer seria juntar as duas histórias para formar uma só, pelo que o novo desafio que surgiu para ponderarem ao longo da semana foi: “Como poderemos juntar as histórias criadas hoje, formando uma só e envolvendo todas as personagens?”.

- **Sessão n.º 4 – “Escolhas e Invenções 2” – 12/02/2016**

Esta sessão começou um pouco mais tarde porque a maioria das jovens estava *de serviço*, a fazer tarefas que lhes tinham sido instituídas.

Para além disso, com o regresso da B2, que não pôde comparecer na sessão anterior, surgiu o desafio de criar a sua personagem e de a incluir na história. Assim, foi criada a Cinthya, uma personagem que será uma peça fundamental para desvendar o mistério encoberto na história cómica que as participantes estão a adorar inventar.

Presentemente, já estão criadas as personagens de cada participante, já está definido e improvisado o início da história, já existem algumas ideias para desenvolver e encontra-se em aberto a sequência e o desfecho da história.

Neste sentido, a experiência está a ser bastante produtiva para o desenvolvimento das capacidades criativas de cada uma das participantes e para as competências que o trabalho em grupo desenvolve, tais como negociação, cooperação e articulação.

- **Sessão n.º 5 – “Invenções Proliferadas” – 19/02/2016**

A G7 não pôde comparecer nesta sessão.

Uma vez mais, todas as participantes, sem exceção, evidenciam interesse e motivação, envolvendo-se e colaborando na evolução da história. Várias verbalizam que gostam das personagens que criaram, sendo que apenas a F6 decidiu que a sua personagem perdera a relevância e o enquadramento na ação, pelo que surge a necessidade de criar outra ou outras personagens para ela, de modo a não limitar a sua participação a apenas poucos episódios da história.

Algumas jovens referiram que gostariam de fazer um *Power Point* ou um vídeo final, paralelamente à peça de teatro, que apresente as fotos que têm vindo a ser elaboradas no decurso das sessões. A C3 acrescentou que nessa apresentação elas poderiam falar em personagem e como elas próprias sobre *o que a personagem nos ajudou na vida real*.

Atendendo a estas propostas, aprovadas pela totalidade do grupo, é necessário que a investigadora exponha a situação à diretora técnica da instituição, de modo a obter

aprovação e fixar uma data para apresentar uma peça de teatro às outras crianças/ jovens residentes e um vídeo com fotografias relacionado com o processo criativo.

- **Sessão n.º 6 – “Entoações Emocionadas” – 26/02/2016**

Na sequência da proposta enunciada pelas participantes na sessão anterior, a investigadora expôs o desígnio emitido por elas junto da diretora técnica da instituição que, por sua vez, aprovou a apresentação de uma peça de teatro e de um vídeo às outras residentes e funcionárias. A data apontou-se para dia 01/04/2016, pelo que se torna essencial aumentar a frequência das sessões, no sentido de terminar a história que tem vindo a ser criada e de ensaiar o tempo suficiente.

A notícia e as músicas criadas nesta sessão serão incorporadas em momentos da história/ peça de teatro, sendo que a F6, que decidiu *matar* a sua personagem – Bongo, mostrou vontade em ser a jornalista que vai divulgar a notícia que foi inventada hoje. Mais se refere que todos os outros elementos do grupo manifestaram concordância e aprovação face a esta posição.

- **Sessão n.º 7 – “Guiando o Guião 1” – 04/03/2016**

Esta sessão foi muito produtiva, servindo essencialmente para as jovens recordarem as suas personagens e os episódios iniciais da história. As grelhas referentes ao *Guião da Peça* contribuíram para organizar a história, delimitando as cenas e servindo de suporte ao conseqüente improviso final das intervenientes. Estas mostram-se empenhadas e ansiosas por avançar e terminar a peça para poderem dar início aos ensaios, incorporando as personagens que criaram de forma tão criativa, carinhosa e cuidada.

Através da nova diligência com a diretora técnica, foi possível obter aprovação para realizar ensaios extra, que serão datados para a semana. Mais se deferiu que a apresentação da peça na instituição será alterada para o dia 06/04/2016.

- **Sessão n.º 8 – “Guiando o Guião 2” – 11/03/2016**

A E5 não pôde comparecer nesta sessão porque teve uma viagem escolar com pernoita. A sua ausência foi denotada, especialmente pela D4, não só porque a sua personagem participava nas ações que se improvisaram, mas também porque está bem integrada no grupo, animando continuamente as outras com o seu sentido de humor e improvisando cenários e adereços no decurso das cenas da peça.

A sugestão enunciada por quase todas as jovens no início da sessão – de não fazerem a atividade *Explorar* – fez com que a investigadora repensasse a estrutura das sessões seguintes. A aproximação da data de apresentação da criação conjunta associada aos interesses e expectativas evidenciados pelas participantes faz com que este formato das sessões, divididas em quatro momentos, deixe de fazer sentido. Consequentemente, as próximas sessões, que irão decorrer mais do que uma vez por semana, ocupando dias e horários divergentes, consoante a disponibilidade de todos, incidirão apenas nos momentos *Criar* – em que o guião será complementado e concluído e os ensaios das cenas efetivados – e *Refletir* – relativamente ao processo criativo, fazendo pontos de situação e partilhando opiniões das jovens envolvidas.

- **Sessão n.º 9 – 16/03/2016**

Foram escritas mais algumas cenas no guião. Em seguida determinadas cenas foram improvisadas e gravadas pelas participantes. Para além disso, foram ainda selecionados, em grupo, os cenários/ projeções para cada cena.

Nesta sessão a F6 e a G7 chegaram mais tarde por causa de uma visita de estudo que tiveram com a escola.

Relativamente aos cenários, o grupo sugeriu que seria mais fácil e mais prático, atendendo à falta de tempo necessário à construção plástica dos cenários, que estes fossem apresentados através da projeção de imagens com um computador e um projetor.

No decurso da sessão todas as participantes demonstraram desconcentração, justificando que têm tido muitas exigências na escola e que andam muito cansadas. Para além da F6 e da G7, a C3 estava exausta porque também tinha tido uma visita de estudo neste dia.

Por conseguinte, a falta de concentração denotou-se nas improvisações, sendo que todas as participantes, excetuando a A1, tiveram dificuldades em entrar nas suas personagens, permanecendo cansadas e pouco envolvidas.

- **Sessão n.º 10 – 18/03/2016**

Nesta sessão foram acrescentados alguns pormenores à história e gravadas as vozes das personagens, desde a Cena 1 até à Cena 6.

A A1 e a G7 faltaram porque foram a casa neste fim-de-semana.

De um modo geral, as participantes desta sessão continuaram distraídas e com um aparente desinteresse. Consequentemente, a investigadora solicitou que escrevessem nos seus diários individuais sugestões para melhorarmos o grupo e as sessões e também que falassem um pouco sobre si, se sentiam cansaço e desmotivação e o que poderia ser feito no sentido de solucionar estas situações.

Sumariamente as jovens referenciaram os seguintes aspetos: *reunir o grupo para estabelecer uma maneira de lidar com o grupo, a relação não é muito coesa (...) há falta de concentração e mau estar entre nós [mas por outro lado] lutamos todas pelo mesmo objetivo e gostamos do que fazemos (D4); devia haver uma conversa com todas sobre o que tem acontecido e sobre o que podemos fazer para diminuirmos a desmotivação (...) também devíamos ter uma conversa com a [A1] para podermos dizer o que pensamos e para poder lhe perguntar se está desmotivada (F6); acho que neste grupo há algumas pessoas que estão contra vontade, destabiliza um pouco o grupo (...) acho que nos devíamos reunir antes da peça e refletirmos as nossas atitudes perante o teatro (...) quando represento é como tudo de mau desaparece porque represento como personagem aquilo que gostava de ser eu (C3); devíamos responder oportunamente e respeitarmo-nos (E5); há alguma distração, muita brincadeira (B2).*

Face às propostas enunciadas, a investigadora decidiu considerar as sugestões e fazer uma reunião com a totalidade do grupo na próxima sessão, de modo a levar o grupo a refletir conjuntamente sobre algumas questões relacionadas com a desmotivação ou cansaço, o facto de estarem ou não contrariadas e os conflitos entre o grupo.

De acrescentar que no final desta sessão a C3 conversou com a investigadora, revelando que a personagem que criou é na realidade a sua irmã mais nova. Partilhou que gostava que o seu passado tivesse sido diferente, sem tantas complicações e falou da sua retirada e de estar longe da família.

- **Sessão n.º 11 – 21/03/2016**

Após o grupo estar todo reunido, a investigadora resolveu lançar as seguintes questões para que cada uma, individualmente, transmitisse o seu parecer:

- Desmotivação ou cansaço? Sentes? Porquê? O que poderemos fazer para resolver?
- Alguém se sente aqui contrariada, sem vontade ou não quer estar aqui?
- Problemas de relação e conflitos entre o grupo: quais são? Como superá-los?

Para além disso, partilhou com o grupo a sua opinião pessoal: Nesta fase, é requerido um esforço para seguir em frente, continuar com o trabalho que temos feito e cumprir o compromisso de apresentar o nosso trabalho. A colaboração é essencial e também devemos pensar que aqui temos que ir para além das rivalidades pois somos um grupo com um objetivo final comum. Somos cada uma das personagens que compõem a história e por isso dependemos de todas. Temos que ultrapassar sentimentos negativos face ao resto dos elementos do grupo e encarar todas as presenças como sendo essenciais e principais. Não há personagens mais e menos importantes, todas são essenciais e se faltar uma, todo o grupo fica comprometido. Basta uma não sentir que pertence ao grupo, para que tudo isto deixe de fazer sentido.

Posto isto, as participantes foram todas dando as suas opiniões: trata-se apenas de cansaço; as sessões deveriam ser noutra dia preferencialmente; a G7 verbalizou que a A1 falava alto e era imprópria/ inconveniente em algumas situações; a A1 considera que as outras é que falam alto (mas só depois é que verbalizou isso); a investigadora perguntou a cada uma das participantes *se quer estar no grupo, pois não queria ninguém contrariada*, sendo que quando chegou a vez da A1 responder, ela saiu da sala sem dizer nada e sem responder quando a investigadora a chamou.

De uma forma geral, o restante grupo aproveitou a ausência da A1 e o que tinha acabado de acontecer para falar tudo o que pensava dela, focando-se em aspetos negativos, pelo que a investigadora considerou melhor não encorajar a continuidade dessa conversa, apesar da situação que tinha acabado de ocorrer causar incerteza à investigadora relativamente ao facto da A1 querer ou não continuar no grupo.

As outras participantes pareceram satisfeitas com a possibilidade da A1 não voltar a integrar o grupo, mas como ela não estava presente, a investigadora resolveu conversar a sós com ela depois da sessão e voltar ao trabalho, contornando para já a sua personagem e adaptando a história.

Assim, retomamos a gravação vocal desde a Cena 7 até à Notícia do Julgamento de Rui.

Mais ou menos a meio, a A1 voltou à sala, sendo que a investigadora considerou que essa não era a melhor altura para voltar a interromper a sessão, pois o grupo deve aproveitar ao máximo o pouco tempo que resta para terminar a história, pelo que a investigadora pediu à A1 que voltasse no final da sessão para conversarem.

Na conversa particular entre a A1 e a investigadora, a A1 manifestou interesse em continuar no grupo por causa da afeição que nutre pela sua personagem e revelou problemas pessoais com os elementos do grupo. Ao longo do seu discurso verbalizou que as outras participantes lhe falam mal, que gritam muito e que fazem queixas dela à diretora (dizem que não faz o que a investigadora diz e que utiliza muito a máquina fotográfica). A investigadora explicou-lhe que as únicas queixas que tem dela são que não se envolve muito nas atividades em grupo e que até lhe tem permitido, muitas das vezes, que trabalhe individualmente. Mais referiu que neste dia a atitude da A1 para com ela foi muito incorreta, pois virou-lhe as costas, não lhe respondeu e deixou o grupo na incerteza se poderia ou não contar com ela. A investigadora apercebeu-se ainda que uma das principais preocupações da A1 é que a castiguem, não a deixando ir a casa de fim-de-semana, pelo que não deu para perceber ao certo de a sua vontade de permanecer no grupo é genuína.

Seguindo os pressupostos e as linhas orientadoras estipulados para este projeto, faz sentido que seja o grupo e não a investigadora a tomar a decisão que os acontecimentos recentes carecem: A1 permanece ou sai do grupo de trabalho? A opinião da investigadora face a este ponto já foi manifestada logo no início desta sessão e

partilhada com todas as participantes (*o grupo somos todos nós; todas as personagens são importantes e fundamentais; todas temos um objetivo final em comum; dependemos umas das outras*). Contudo, este projeto nunca foi uma imposição e a investigadora revelou que *não quer ninguém contrariado*.

Por conseguinte, a investigadora resolveu que seria o grupo, na próxima sessão, a decidir se a A1 fica ou sai do grupo. Para além disso, expôs a situação à diretora técnica que, por sua vez, anuiu não se surpreendendo, pois, segundo reportou, a A1 é mesmo assim, *uns dias quer, outros desiste*, sendo que *o melhor para as outras é ela sair*.

- **Sessão n.º 12 – 23/03/2016**

De modo a tomar a decisão em grupo que ficou pendente na sessão anterior, referente à permanência ou saída da A1, a investigadora reuniu a totalidade das participantes propondo que cada uma enunciasse dois motivos para a A1 ficar ou sair do grupo. Os motivos a apresentar não deveriam ser pessoais, uma vez que o projeto é trabalho do grupo. Antes de dar a palavra às participantes, que foram falando de acordo com a ordem que estavam sentadas, a investigadora ressaltou que *ao longo da nossa vida lidamos sempre com pessoas com as quais não simpatizamos ou não nos identificamos muito e isto é uma preparação*.

A dinâmica adotada no decurso das intervenções das participantes foi que cada uma falava na sua vez e a A1 falava no fim de cada uma delas, tendo oportunidade para comentar e dar o seu parecer face ao que tinha sido proferido:

- B2 – Sai: Receia que A1 *abandone o grupo quando mais precisarem dela, então mais vale ir já*; acha que *não se lhe devem dar sempre segundas oportunidades para ela se habituar um dia quando tiver um trabalho*.

- D4 – Sai: Acha que A1 *não tem uma postura correta*.

- E5 – Sai: Ela *é mal-educada e não respeita as outras*.

- G7 – Sai: Acha que ela *é inconveniente; fala alto; é mal-educada; não respeita os outros*.

- C3 – Fica: *Tem receio que A1 desista antes do final, mas colocou-se no lugar dela e acha que devem aceitá-la de volta.*

- F6 – Fica: Hesitou bastante em tomar uma posição, queria abster-se no voto, mas depois, atendendo à opinião que verbalizou, acabou por se declarar a favor da permanência da A1: *Ela destabiliza o grupo e cria mau ambiente, mas poderia ficar se mudasse algumas coisas negativas.*

- A1 – Foi ouvindo e respondendo a todas educadamente; manteve uma postura triste e submissa; agradou-se com as palavras da C3; *aceitou fazer mudanças para ficar, pois gostava de ficar no grupo; aceitou também as alterações que o grupo fez no texto da sua personagem e reportou que iria tentar ser mais a Maria e menos a A1.*

- Investigadora – Fica: *É uma medida radical a A1 sair, deve ficar; precisamos dela, contribuiu para a criação de acontecimentos da história com as suas ideias.*

Posteriormente todas votaram para a A1 ficar ou sair do grupo, tendo acabado por sair, atendendo à decisão da maioria – quatro votos contra e três a favor.

A decisão inerente à saída da A1 do grupo foi difícil e pouco consensual, no entanto respeitou as posições defendidas pelo maior número de participantes.

Após a decisão e aquando da gravação, as participantes transpareceram entusiasmo e união, aparentando diversão e alegria. Contudo não é perceptível se esta reação tão positiva está relacionada com a saída da A1 ou se, pelo contrário, tem a ver com o facto de terem saído da instituição, caracterizadas com as roupas das respetivas personagens, para gravarem uma notícia criada por elas próprias.

Torna-se agora necessário reformular a história, de modo a retirar a personagem da A1 e a definir duas participantes que estejam fora das cenas que envolvem a Polícia e o Padre para assumirem esses papéis.

- **Sessão n.º 13 – 24/03/2016**

A sessão teve início com a gravação das vozes das personagens presentes nas cenas que ainda não tinham sido gravadas.

De seguida foram sugeridos títulos para a história/ peça e feita uma votação para escolher o título definitivo. Entre as sugestões – “O desastre”; “O desastre do passado futuro ”; “E agora?”; “Mas afinal quando é que nos casamos”; “Casamos ou não?”; “É ou não é?”; “Simplesmente talvez”; “Bora lá casar”; “Alguma vez na vida”; “Segundas oportunidades”; “A morte súbita?” – , a maior parte das participantes selecionou **“Alguma vez na vida”** como título vencedor.

Para além disso, foi preenchida a *grelha de Personagens* com a roupa, caracterização e adereços que cada personagem vai usar.

De um modo geral, o grupo encontra-se mais animado e entusiasmado comparativamente às sessões anteriores, nas quais revelava um crescente e generalizado cansaço que nesta sessão pareceu estar extinto. É fortemente notável um espírito de equipa, sendo que todas as participantes, sem exceção, estão envolvidas e esforçadas para concluir a história e, agora que a terminaram, para continuar os ensaios. Para além disso, verbalizam que têm vontade de ensaiar muito e que estão ansiosas pela apresentação final, o que é ótimo atendendo ao aumento das sessões.

- **Sessão n.º 14 – 28/03/2016**

Nesta sessão foi possível começar a ensaiar as posições das personagens em cena e a memorização da sequência das falas e da história, desde o seu início até ao final.

A D4 faltou a esta sessão porque teve compromissos escolares, fazendo com que as outras participantes se revezassem a incorporar a sua personagem, Constança.

Não obstante esta ausência, o entusiasmo e boa disposição delas mantém-se.

Não foi possível ensaiar com as projeções das imagens dos cenários porque o projetor não se encontrava disponível, mas na próxima sessão já deverá existir essa possibilidade.

Tanto nesta como em sessões antecedentes, tem sido verificável o agrado com que as participantes utilizam a máquina fotográfica, partilhando-a entre si e retratando o desenvolvimento das sessões de acordo com os seus pontos de vista, de modo a

salvaguardar os registros audiovisuais dos acontecimentos, quer sob a forma de vídeos, quer sob a forma de fotografias.

- **Sessão n.º 15 – 30/03/2016**

Não foi possível ensaiar a peça até ao fim, devido a problemas técnicos que ocorreram com o projetor e com as colunas que, por sua vez, despenderam mais tempo do que deveria ser suposto.

A peça de teatro criada começa definitivamente a *ganhar forma*, dado que a sequência dos acontecimentos da história está claramente preconizada pelas personagens que, por sua vez, assumem posturas mais definidas e, por conseguinte, se evidenciam mais concretamente construídas.

A cena em que Constança e Goucha vão buscar Fabiana à instituição sofreu ligeiras alterações, no que se refere ao relacionamento entre a criança e a família de apoio, ou seja, Fabiana responde de forma obstinada e pouco educada aos adultos, que acabam por manifestar agressividade e alguma *violência* na imposição de regras e contrariedades.

- **Sessão n.º 16 – 31/03/2016**

Como na sessão anterior não houve tempo de fazer a peça do início ao fim, tal como tinha sido previsto, neste dia foi retomada a ação na cena em que se parou.

As ações de improviso foram fluidas, de modo a ressaltar as ideias centrais e os movimentos em cena, verificando o que está memorizado e o que carece de um maior aprofundamento.

Tanto esta como as sessões anteriores têm corrido positivamente, sendo que as participantes têm fixado facilmente o conteúdo e a sequência da ação e têm demonstrado uma excelente capacidade de improviso, provida de criatividade.

- **Sessão n.º 17 – 01/04/2016**

Foi possível efetuar a peça do início até ao final, contabilizando a sua duração para cerca de uma hora. Não foram feitas interrupções e no final a investigadora partilhou as suas observações/ anotações que contêm as sugestões de melhoria e os aspetos que se consideraram bons e que, por conseguinte, se devem manter.

A E5 não pôde comparecer na sessão, fazendo com que outras participantes fossem entrando em cena para substituírem a personagem Goucha de vez em quando.

Relativamente às observações partilhadas pela investigadora, as participantes mostraram-se atentas e fizeram sugestões de melhoria: o Padre e o Bongo definiram tiques característicos; os utilizadores da biblioteca definiram que só iriam interromper a Constança três vezes; acordaram que no caso de acontecer vontade de rir e a personagem não estiver sozinha em cena, sai um bocado disfarçadamente para se acalmar e quando voltar improvisa algo sobre o que se passa lá fora; a C3 inventou o enquadramento da sua personagem que trabalha no estúdio de jornalismo e atribuiu-lhe características de modo a separá-la da Fabiana, referiu que vai ser uma afegã, vai usar um lenço na cabeça e no seu discurso, enquanto prepara tudo antes do noticiário, vai falar mal das condições de trabalho e dos jornalistas; a Cinthya sugeriu que vai estar a olhar para um álbum de fotografias ou a limpar o restaurante enquanto canta, para refletir mais a sua personagem.

As jovens continuam a verbalizar a sua vontade de fazer um vídeo no final, com fotografias que recolheram ao longo das sessões, pelo que a investigadora tem partilhado as fotografias e os vídeos com elas no final de algumas sessões.

Presentemente estão todas muito animadas, pois a sua criação está quase consolidada e a data da apresentação final aproxima-se. A investigadora tem verificado que ultimamente as jovens têm saído dos ensaios com muito boa disposição.

- **Sessão n.º 18 – 04/04/2016**

Tal como na sessão anterior, foi possível concretizar ensaio seguido da peça completa. As participantes encontram-se mais seguras na representação e tiveram em conta as observações e sugestões partilhadas na sessão antecedente.

Para além deste ensaio, com as respetivas projeções do cenário, o processo criativo está em constante construção, pelo que algumas participantes sugeriram acrescentar alguns efeitos sonoros à apresentação, designadamente a música que antecede a notícia da jornalista e uma música animada para Constança, Goucha e Fabiana ouvirem enquanto estão no carro.

As participantes continuam muito empolgadas e animadas com o processo criativo e focadas na apresentação final. As suas personagens têm vindo a ser construídas com dedicação, interesse e entusiasmo e o grupo tem estado unido e colaborante entre si.

A investigadora procedeu à recolha das músicas preferidas de cada uma das jovens, no sentido de lhes fazer uma surpresa no dia da apresentação. Como o tempo não é suficiente para fazerem o tão esperado vídeo em conjunto, as participantes prontificaram-se a fazer nos seus tempos livres, reunindo-se conforme fosse possível. O que elas não sabem ainda nem adivinham é que a investigadora também vai preparar um vídeo para lhes dedicar e agradecer.

- **Sessão n.º 19 – 05/04/2016**

Cada uma das personagens foi responsável por escolher e arranjar as suas próprias roupas, compondo-se na medida do seu agrado e intenção.

Tal como nas sessões antecedentes, foi possível ensaiar a totalidade da peça, mas desta vez com as personagens vestidas e caracterizadas a seu gosto.

No decurso deste ensaio foi possível constatar que ainda falham pormenores, tais como a falta de entrada de adereços no cenário atempadamente e a existência de alguns murmúrios fora de cena. No entanto, tudo o resto melhorou significativamente e todas

as intervenientes já sabem a sequência da história de cor, assim como as suas falas e os acontecimentos.

Uma vez mais denota-se o esforço, a dedicação e o companheirismo entre o grupo, que tem demonstrado divertimento e trabalho simultaneamente. As jovens estão muito ansiosas e expectantes por partilhar as suas criações com as colegas e com as funcionárias da instituição.

- **Sessão n.º 20 – Apresentação Final da Peça – 06/04/2016**

Aquando da preparação da apresentação final denotou-se muita entreatajuda por parte de todas as participantes.

Inicialmente a apresentação iria ter lugar no palco das instalações de outra valência. Contudo, o facto de ter sido agendada para uma quarta-feira, por ser o dia em que poderia haver mais assistência, fez com que não fosse muito ajustado ao horário de descanso das residentes mais pequenas. Assim, de modo a conseguir aproveitar mais o tempo disponível e a facilitar as questões de transporte associadas à necessidade de deslocação para o espaço referido, foi acordado que o melhor seria apresentar a peça no interior da instituição.

Neste sentido, foi seleccionado o refeitório por se tratar de um espaço amplo. Este foi dividido, de forma a delimitar o *palco*, recorrendo a painéis atrás dos quais as personagens poderiam ter os seus bastidores, recatados do público. Este pôde assistir à peça, sentado confortavelmente na sala de convívio que se encontra na área limítrofe do refeitório. As projecções foram feitas na parede em frente ao público e atrás das personagens, apresentando os diversos cenários da ação.

A apresentação correu muito bem, as participantes tiveram um desempenho excelente e até respeitaram e cumpriram o pedido da investigadora, para as personagens fora de cena não fazerem barulho durante as cenas das outras. O público, constituído pelas crianças/ jovens acolhidas junto das participantes e pelas funcionárias que trabalham com elas diariamente, emitiu pareceres muito favoráveis e positivos, parecendo ter-se divertido e verbalizando que adorou. A história e algumas das personagens são bastante cómicas, o que, por sua vez, desencadeou muitos risos nos espectadores.

A investigadora sente-se incrivelmente orgulhosa de tudo o que as participantes fizeram: do processo criativo e sua apresentação; de todo o trabalho que se prontificaram a concretizar com empenho; das escolhas que elas fizeram assentes na negociação e interesses mútuos; e, claro, do desempenho total e evolução de cada uma delas.

Por fim, foram partilhados os vídeos alusivos ao processo criativo: o vídeo feito pelas participantes e o da investigadora. Relativamente a este aspeto a investigadora gostaria e considera que teria sido mais proveitoso ter sido feito apenas um vídeo por todas as pessoas envolvidas, mas como tal não foi possível, resultaram dois vídeos, ambos repletos de memórias inerentes ao decurso do projeto.

Esta exposição serviu para que as jovens se sentissem apreciadas e valorizadas perante um público que lhes é conhecido e com o qual interagem no dia-a-dia. Foi importante para aumentar a autoestima de algumas e para provar a outras que são capazes de fazer Teatro – de acordo com o transmitido pela diretora técnica: “Eu já sabia que algumas fariam isto bem, mas a F6 surpreendeu-me porque nunca pensei que conseguisse expor-se assim e tão bem” –, expondo-se perante os outros e ficando mais desinibidas nas relações (tal como reporta a G7).

- **Sessão n.º 21/ Final – 13/04/2016**

Esta sessão assegurou o desfecho do projeto e contribuiu para refletir sobre todo o processo criativo e para partilhar vivências individualizadas.

Não obstante a A1 ter saído do grupo no início da fase de ensaios para a apresentação da história criada, ela esteve presente nesta sessão, uma vez que participou neste projeto, tendo contribuído para algumas decisões representadas pelo grupo e fazendo, por conseguinte e indubitavelmente, parte do grupo, mesmo que não tenha participado na atividade final por completo.

Foi uma sessão calma e de partilha. A investigadora colocou música de fundo, criando ambiente, e enquanto as participantes escreveram as últimas entradas nos seus Diários Individuais e preencheram os Questionários Finais, a investigadora transferiu-lhes os vídeos e as fotografias para que pudessem recordar mais tarde esta experiência.

As participantes divulgaram aspetos inerentes às suas personagens e ao que experienciaram, sendo que o *feedback* foi muito positivo e revelador da vontade que a maioria exprime em continuar a fazer parte deste projeto, participando em atividades teatrais com a investigadora.

No final a investigadora agradeceu à equipa e à diretora técnica por toda a disponibilidade, apoio e abertura face ao projeto que evidenciaram e ficou a ideia de regressar um dia para voltar a espicaçar a criatividade e o engenho das crianças/ jovens.

## **Anexo 5**

### **Personagens criadas pelas participantes**

**A1 – Maria**, 18 anos, tem rastas, adora relógios desportivos e participa em competições de Surf e *Bodyboard* pelo mundo (Objeto indutor: Relógio de Pulso). Esta surfista vai revelar a sua identidade como sendo uma agente policial infiltrada, que está encarregue do caso de homicídio da noiva de Rui.

**B2 – Cinthya**, 37 anos, ajudante de Manuel Goucha no restaurante, que veio da Holanda. É secretamente amante do Goucha e tem outro segredo ainda mais secreto: é a noiva do Rui, que todos julgam ter sido assassinada por ele no dia do casamento./ **Maria** (é a verdadeira identidade escondida) que, para além de noiva de Rui, é filha de Constança e Goucha./ **Repórter/fotógrafa da concorrência** no vídeo do julgamento de Rui / **Polícia**, que interroga e prende Rui (substituta da A1)./ **Tratadora** do Bongo no **Zoo**./ **Funcionária do Lar** da Fabiana.

**C3 – Fabiana**, 5 anos, mora com o irmão e os pais e guarda sonhos dentro da caixa. (Objeto indutor: Baú pequeno). Passou a ser sobrinha de Rui e a morar com ele e com Bongo, o seu macaco de estimação./ **Repórter/fotógrafa da concorrência** no vídeo do julgamento de Rui./ **Empregada afegã**, que trabalha no estúdio de jornalismo da TVI como *assessora* da Jornalista.

**D4 – Constança del Rei**, 30 anos, tem cabelo loiro e olhos azuis, é *designer* e estilista, proprietária da empresa de moda “Victória Secrets” e casada com o Beckham [celebridade] (Objeto indutor: Caneta). Passou a divorciada do famoso Beckham e casada com Manuel Goucha, com o qual tem uma filha – Maria – que julgam ter sido assassinada (mas aparece disfarçada de Cinthya). São família de acolhimento de Fabiana quando Rui é preso e ela vai para uma instituição./ **Repórter da TVI**, que está no local a noticiar o julgamento do Rui (aparece em vídeo)./ **Tratadora** do Bongo no **Zoo**.

**E5 – Manuel Goucha**, 70 anos, é alto, pesa 60kg e é chefe do “Master Chef” (Objeto indutor: Forma de Bolo). É cozinheiro chefe e proprietário de um restaurante; é casado com Constança e patrão e amante de Cinthya (que encobre a sua verdadeira identidade de Maria – filha deles). São família de acolhimento de Fabiana quando Rui é preso e ela vai para uma instituição./ **Advogada de defesa** de Rui que o acompanha ao Tribunal./ **Visitante do Zoo** que declara a morte do Bongo.

**F6 – Bongo**, é um macaco azul que perdeu os pais e mora na floresta com outros animais (Objeto indutor: Flauta de pão). Foi adotado por Rui e Fabiana e mora com eles./ **Padre**, que iria casar Rui e Maria se ela tivesse aparecido na Igreja./ **Jornalista da TVI**, que anuncia a notícia (no estúdio televisivo) do julgamento de Rui.

**G7 – Rui**, 47 anos, é holandês e escritor de literatura clássica, perdeu os pais e a esposa que morreram e tem um filho (Objeto indutor: Dicionário de Alemão). Mora com a sobrinha Fabiana e com Bongo, o macaco de estimação que trouxeram da floresta como animal de estimação. A sua noiva Maria desapareceu no dia do casamento e todos o acusam de a ter assassinado./ **Visitante do Zoo e Veterinário** que acode Bongo.

## **Anexo 6**

**História/ Peça de Teatro criada pelas participantes**

**(«Alguma vez na vida?»)**

## Alguma vez na vida?

**Cena 1** – Rui espera impaciente na igreja por Maria para se casarem; Constança e Goucha ligam à filha para saber o que se passa e porque é que ela nunca mais chega; Fabiana goza com o tio (“Ficaste plantado”); o padre demonstra descontentamento com o atraso e diz que não pode esperar mais porque tem outras coisas para fazer. – Projeções/ Cenários: Igreja; Altar de igreja.

**Cena 2** – Maria está no quarto vestida de noiva e indecisa de ir ou não casar-se com Rui, porque está cheia de nódoas negras por ele lhe ter batido. – Projeção/ Cenário: Quarto.

**Cena 3** – Rui está a compor a 2ª edição do seu livro “Morte Súbita”; no final das suas frases surge o som musicado “Aah” de Bongo e de Fabiana, que brincam, fazendo uma grande algazarra e desarrumação; Rui reclama com eles. – Projeção/ Cenário: Sala de Estar.

**Cena 4** – Constança vai à biblioteca em busca de revistas de moda (mas “é tudo *démodé*”); lá encontra o livro da autoria do seu genro Rui, percebendo que fora ele o autor da morte da filha, Maria; resolve ligar ao marido Goucha, mas as pessoas da biblioteca mandam-na calar/ falar baixo. – Projeção/ Cenário: Biblioteca pública com estantes de livros.

**Cena 5** – Constança chega transtornada ao restaurante e mostra ao Goucha o livro do Rui, acusando-o de ser o assassino da filha deles; Cinthya ouve a conversa muito nervosa com o conteúdo. – Projeção/ Cenário: Restaurante.

**Cena 6** – Jantar romântico de Constança e Goucha, servido por Cinthya. – Projeções/ Cenários: Restaurante; Mesa romântica.

**Cena 7** – Entretanto entram: Rui, Fabiana e Bongo no restaurante, sendo que Bongo e Fabiana fazem uma grande barulheira; Constança fica intrigada com a presença de um animal no restaurante e exalta-se; quando se aproxima para reclamar, reconhece Rui e de imediato telefona à polícia e acusa-o de ter morto a filha Maria; a polícia chega e acaba com as discussões. – Projeção/ Cenário: Restaurante.

**Cena 8** – A polícia leva o Rui para a esquadra para o interrogar, leva a Fabiana para uma instituição de acolhimento de menores e o Bongo para o Zoo. – Projeções/ Cenários: Restaurante; Porta da Instituição das participantes; Jardim Zoológico; Esquadra policial.

**Cena 9** – Interrogatório feito pela polícia ao Rui; como Rui diz coisas que a polícia considera *suspeitas* e o advogado não aparece, Rui é preso. – Projeção/ Cenário: Sala de interrogatórios da polícia.

**Cena 10** – A assistente (estrangeira) da jornalista queixa-se das condições de trabalho de Portugal e dá início à sessão; a jornalista noticia o julgamento do escritor Rui. – Projeção/ Cenário: Estúdio da TVI.

**Cena 11** – Os tratadores vão alimentar o Bongo, este engasga-se com as bananas e um casal de veterinários que visitava o Zoo anuncia que ele *morreu*. – Projeção/ Cenário: Jaula dos macacos do Zoo.

**Cena 12** – Constança e Goucha veem as notícias: a reportagem sobre o julgamento do Rui. – Projeções/ Cenários: Sala de Estar/ Vídeo que filmaram.

**Cena 13** – Goucha e Constança vão à instituição buscar a Fabiana para passar o fim-de-semana; a funcionária chama a Fabiana e recomenda-lhe que se porte bem; passeiam; dormem; a família de apoio leva a Fabiana novamente à instituição. – Projeções/ Cenários: Sala de Estar; Instituição; Parque/ Jardim; Sala de Estar; Quartos; Parque/ Jardim; Instituição.

**Cena 14** – Cinthya está no restaurante e Fabiana está na instituição e cantam a adaptação musical que criaram: “O que eu estava à espera era poder voltar para vocês”. – Projeções/ Cenários: metade restaurante e metade quarto da Fabiana no lar.

**Cena 15** – Cinthya conta a Goucha que é filha dele. – Projeção/ Cenário: Restaurante.

**Cena 16** – Constança entra no restaurante e fica a saber que Cinthya é a sua filha (Maria) e, juntamente com Goucha, resolvem ir buscar a Fabiana à instituição e o Rui à prisão. – Projeção/ Cenário: Restaurante.

**Cena 17** – Constança e Goucha vão à instituição buscar Fabiana. – Projeções/ Cenários: Carro; Porta da instituição.

**Cena 18** – Constança e Goucha vão buscar Rui à prisão, pagando-lhe a fiança e contando-lhe que está inocente, pois Maria está viva. – Projeções/ Cenários: Carro; Esquadra policial.

**Cena 19/ Final** – Maria reflete sobre a sua vida; Rui aparece e ambos revivem o passado e o que ele passou na prisão; Rui declara-se e faz-lhe um novo pedido de casamento; Maria hesita, porque ele foi muito violento com ela e também porque não sabe se consegue calçar os sapatos de casamento, pois tem os *pés inchados*; Rui oferece-lhe creme, resolvendo o problema; Decidem, por fim, casar. – Projeção/ Cenário: Falésia.